

A woman with dark hair and blue eyes is shown in profile, looking out of a window. She is wearing a black lace veil that covers her face and head. The background is a warm, golden light from the window. The title "A SEGUNDA ESPOSA" is overlaid on the image in a serif font. "A SEGUNDA" is in white, and "ESPOSA" is in a large, bold, yellow font with a black outline.

A SEGUNDA
ESPOSA

SANDRA RUMMER



Sandra Rummer

A Segunda Esposa

Série Sangue Árabe

Khadija Zahrah Abdala perdeu seus pais quando tinha dez anos de idade. Seu pai era árabe, sua mãe inglesa. Ela nunca precisou seguir os costumes rígidos, seus pais eram mais liberais. Mas com a morte deles, tudo mudou e Khadija foi morar com seu velho tio, irmão mais velho de seu pai e que por muito tempo morou no Marrocos e que segue a tradição ao pé da letra.

Ela passa então, a ser criada para casar, seguindo a tradição, pois segundo seu tio, essa era a função da mulher no mundo árabe.

Um pretendente lhe é arranjado. Zafir Youseef Xarif. Um CEO, lindo, charmoso e rico...ela se casa com ele.

Zafir se mostra tudo que uma mulher deseja ver em um homem. Romântico, cuidadoso, carinhoso. Logo ela se apaixona por ele e deixa de se sentir como um cordeirinho sacrificado.

Mas Khadija não sabe, ela será a SEGUNDA ESPOSA.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



FICHA TÉCNICA – 1 EDIÇÃO-BRASIL- 2017

Todos os direitos reservados à autora Sandra Rummer Copyright
©2017

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução em todo ou parte
em quaisquer meios sem autorização prévia. A reprodução, o armazenamento
ou a transmissão, no todo ou em parte.

Título: A Segunda Esposa Série Sangue Árabe Autora Sandra
Rummer

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Registro de marca e propriedade intelectual Plágio é crime! Lei 9.610
Pena de três anos a um ano ou multa.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera
coincidência.



Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Epílogo](#)

Capítulo 1



Que reviravolta cruel!

Eu tinha que compartilhar meu marido. Não era um sapato, não era um vestido, ou um colar, mas sim o homem que eu amava.

Como esquecer tudo que vivemos?

Como não me importar?

NACIONAIS-ACHERON

Como deixar de sofrer?

Essa era eu. Eu tinha tudo, mas num único momento tudo mudou.

Agora você conhecerá minha história.

Khadija Zahrah Abdala

Vestida com roupas discretas, que não valorizava em nada minhas formas cheguei da rua e entrei no hall da casa de tio Ali. Minha liberdade há tempos estava comprometida. Estava vestida com roupas escolhidas pelos meus tios. Minhas lindas roupas se foram, agora eu vestia para agradá-los. Elas eram tradicionais, austeras.

O cheiro forte de incenso indicava que alguma coisa estava diferente. Meu tio recebia alguma visita.

Me lembrei do carro preto e imponente estacionado em frente à garagem.

Era um clima inconfundível de recepção a alguém importante. Uma nuvem negra passou na minha mente quando me lembrei que meu tio sempre que podia batia na mesma tecla, que eu já estava na idade de casar, vivia me preparando psicologicamente para eu aceitar o dia que eu ia conhecer meu pretendente.

Com essa sensação de mudança que eu teria na minha vida, eu estaquei. Senti um nó na garganta que lembrava medo.

Da sala eu podia ouvir o burburinho de vozes. Tremendo me aproximei mais.

—Ela chegará daqui a pouco. Só foi comprar café.

Apertei o pacote de café que eu carregava em minhas mãos.

Droga! Eles estavam falando de mim para alguém.

Respirei fundo, com o coração agitado no peito e as pernas moles, passei pelo hall e entrei na sala.

No lindo sofá negro um homem grisalho estava sentado com uma mulher também grisalha. Ele deveria beira uns 80 anos e ela uns 65. Meu tio quando me viu sorriu para mim. Eu estremei.

—Khadija! Vem minha querida, quero te apresentar a família de seu futuro noivo...

Me senti uma prisioneira de uma situação que eu já tinha discutido com meu tio e que não concordava.

Se meus pais fossem vivos, eu não estaria nessa situação. Desde que eles morreram num acidente de carro, eu estava morando com meu velho tio, que tinha uma mente retrógada, com pensamentos de nossos antigos costumes.

—Salam Aleikum. —Eu cumprimentei a todos. Baixei os olhos e o rosto em respeito, serviçal, como meu tio ensinou e não encarei o senhor à minha frente.

—Aleikum Salam. —O senhor me cumprimentou com um sorriso.

—Khadija, sente-se habibi. Você se lembra que conversamos a respeito desse dia?

Meu tio me apontou um lugar vago no sofá ao lado dele. Assenti para ele obediente, coloquei o pacote no aparador e as chaves e me sentei. Me sentindo encurralada, fitei minhas mãos no colo.

—Esse é o senhor e senhora Youseef Xarif. Eles vieram especialmente para te conhecer.

Eu encarei meu tio e assenti, sorri para ele e depois olhei para eles. Eu não sabia o que fazer, estava um pouco envergonhada com a situação.

—Você cursou até que ano? —O Senhor perguntou.

—Fiz até o ensino médio.

Meu tio sorriu e explicou: —Ela não prosseguiu com os estudos devido a tristeza que acometeu nossas famílias. Khadija perdeu os pais cedo, veio então morar comigo. Desde esse dia, eu a tenho preparado para contrair matrimônio.

—Você tem quantos anos minha jovem? — A senhora Youseef Xarif me perguntou.

Respirei fundo e me obriguei a olhar para ela.

—Vinte e dois Anos. — Engoli, lutando contra as lágrimas; isso era difícil, muito mais difícil do que eu imaginara O senhorzinho sorriu com aprovação. Era natural na minha cultura as famílias, no caso, os pais do meu pretendente, conhecerem a futura esposa primeiro. Caso eles se agradessem,

eu conheceria o filho deles.

—Você sabe cozinhar? —A senhora Youssef perguntou.

Meu tio respondeu por mim: —Maravilhosamente bem. Ela aprendeu com sua falecida mãe. Faz um carneiro como ninguém. E a minha esposa também tem lhe dado algumas aulas de culinária.

—Tudo bem, só perguntei para conhecê-la melhor. —Sim, para saber se eu era prendada e serviria bem meu marido.

A senhora sorriu para mim com simpatia, eu forcei um sorriso.

—Você não parece muito feliz com a possibilidade de se casar?

A pergunta dos Youssef me fez me lembrar das palavras de meu tio quando eu passei a morar com eles: "Esqueça sua vida passada, você agora tem obrigações comigo, afinal, eu que te sustentarei daqui por diante." Na minha ingenuidade eu não sabia o peso delas. Agora eu as entendo muito bem, eu apenas serei sacrificada como um carneiro.

Como emudeci, meu tio me olhou com apreensão: —Imagina! É que minha Khadija é tímida. Não é habibi?

Eu fiquei com dó dele, afinal ele fora criado assim e pensava ser o melhor para mim. Como um robô, eu concordei com um gesto de cabeça dizendo: —Sim, meu tio.

Titia surgiu na sala e convidou todos para participarem do café da tarde. Logo ocupamos nossos lugares à mesa. Como em câmera lenta, observei meu tio e minha tia não pouparem elogios a minha pessoa.

Quem era o meu pretendente?

Por que esse mundo era tão machista ao ponto de eles virem a minha casa para me conhecerem, sendo que meu tio, nem conhecia direito meu noivo?

Com certeza o fato de ele ser rico era o requisito necessário para eu ser sacrificada.

E a índole do homem, ninguém questionava?

Logo ouvi eles comentarem que meu casamento seria no Marrocos.

O quê? Por que eu teria que ir até Marrocos para me casar? Pelo

que eu entendi, meu noivo morava em Londres?

Quando começamos a comer, a conversa finalizou. Isso meu falecido pai me ensinou. Sentar-se à mesa para comer era algo sagrado, como um ritual, sem conversas, sem distrações. No máximo elogios pela comida.

Enquanto eu comia, seguindo todas as regras de etiqueta, usando os talheres certos, cada vez que nos era servido um prato —Assimiladas por um curso que fiz e pago por meu tio— a palavra "Marrocos", ficou piscando na minha cabeça.

Fica calma. Seus familiares são procedentes de lá, e seu noivo deve ter uma família numerosa lá, também.

Horas depois no meu quarto, eu me sentia enjoada, meu estômago doía por puro nervoso.

Peguei meu notebook e joguei na busca da google o nome Zafir Youseef Xarif.

Logo encontrei um artigo, sem foto: “O CEO Zafir Youseef Xarif que comanda a T&S Têxtil, em uma entrevista para a revista Economy, disse que tem superado suas metas a cada trimestre.

A T&S, com 50 anos de atuação no mercado, se anteciparam as modernas tendências de gestão corporativa. Uma referência Internacional no seguimento confeccionista, posicionando-se como maior corporação verticalizada no setor têxtil.

Zafir Youseef Xarif tem uma história familiar de sucesso na administração visionária voltada sempre para o futuro.

Iniciado em 1967 pela família Xarif, uma das mais tradicionais do mundo árabe, pioneira no empreendedorismo têxtil, eles refletem os imigrantes que fizeram a história social econômica do país.

O conglomerado possui um dos mais modernos complexos de fabricação têxtil do País. Também fazem parte do Grupo a Construtora Youssef.

Mesmo com as sucessivas oscilações do mercado o Grupo Têxtil apostou na manutenção dos investimentos e incremento de uma administração sólida e alinhada com a necessidade do mercado, aplicando

nos últimos 4 anos, mais de R\$ 20 milhões para aquisição de equipamentos, ampliação e modernização de seu parque fabril. "

Sem foto, sem vida familiar, nada... O que eu sabia? Um homem muito rico. Ele poderia ter de trinta a oitenta anos. Fechei meu notebook me sentindo infeliz, a incerteza me incomodava. Meus nervos estavam à flor da pele, impotente sem saber como seria meu futuro.

Zafir Youseef Xarif

Esta reunião não era como eu queria terminar o meu dia de trabalho. Eu olhei com enfado o Controller e para o meu pessoal administrativo. A reunião estava se estendendo demais. Essa era a quinta reunião que eu participava hoje. Eu me sentia dentro de um purgatório enfurnado naquele escritório.

Um trabalhador forçado.

Comecei a rabiscar meu bloco de notas escutando Roger Willians me falando de uma melhor maneira de potencializar nossos lucros. Uma dor lancinante na cabeça me fez fechar os olhos por um momento e passei a mão neles.

Enxaqueca agora, não!

Se já não bastassem meu dia-a-dia corrido e a pressão que eu estava recebendo de meus pais para me casar novamente por causa da esterilidade de Jamile, enfrentá-la agora com questionamentos, era sair do purgatório e entrar no inferno.

Minha cabeça ainda latejava quando a reunião terminou. Olhei meu relógio nove horas da noite. Fui até o bar da minha sala, agora silenciosa e enchi um copo de água e coloquei na boca um remédio para dor.

O fato de me casar novamente era uma necessidade. Filho único, dono de um grande patrimônio, eu precisava de um herdeiro. Isso estava me afligido há anos, muito mais a Jamile. Mas agora eu tinha que lidar com outro problema, Jamile não se conformava com o fato de eu ter que me casar novamente.

Arrependimento tardio!

Hoje mesmo, mandei um ramallete de flores para ela, junto com uma joia, pois esperava chegar em casa e encontrá-la mansinha, sem aquele costumeiro mau humor. Ultimamente não falávamos de outra coisa que não fosse meu segundo casamento.

Minha família ficou de escolher a minha noiva. Ela precisava ter todos os requisitos para estar ao meu lado. Saudável, educada, mansa, gentil, sincera e bonita.

Não sei se isso faria da minha vida um inferno. Administrar uma mulher, já não era tarefa fácil.

E agora, duas?

Eu constantemente era pressionado pelos meus pais para resolver esse nó na minha vida, então, eu não tinha muita saída. Mesmo porque, eu mesmo queria um filho que tivesse meu sangue. Queria fazer dele meu braço direito no mundo dos negócios.

Trabalhar tanto para que?

Se não tinha para quem deixar minha herança?

Esses deviam ser meus pensamentos para me comprometer com esse novo casamento. Isso me animaria mais a lutar pelo patrimônio da família.

Meu lema sempre foi: "*Tudo pelos negócios!* "

Sentei-me atrás da minha grande mesa de tampo de pedra das cores creme e dourado, cercado por pastas de relatórios e meus dois monitores.

Sempre fui muito organizado, mesmo louco para chegar em casa, tomar um banho e cair na cama, arrumei minha mesa, e algumas coisas guardei tudo na gaveta.

Jamile tinha que está dormindo! Allah! Me ajude!

Me inclinei na cadeira e fitei todo o meu escritório. Ele era espaçoso, com uma mesa de conferência para oito pessoas, carrinho de servir café mais adiante e um sofá perto de uma janela com vista para o Hyde Park.

Tudo isso além dessa enorme escrivaninha de pedra de granito, onde eu conduzia reuniões, entretinha clientes e assinava acordos multimilionários. Esse era o meu domínio. Desde os meus quinze anos eu trabalhava para a companhia ao lado de meu pai, hoje aposentado.

NACIONAIS-ACHERON

Meu pai me passou esse grande legado, conduzir com braço de ferros os negócios da família. Nunca fui um playboy de vida mansa. Minha vida sempre foi muito dura. Da escola para o trabalho, do trabalho para casa. Um sobrevivente, um homem endurecido pelas batalhas do dia-a-dia. Treinado para colocar dever e disciplina acima de todas as outras virtudes.

Minha vida social sempre foi muito intensa, por causa dos negócios. Mais do que eu gostaria.

Minha primeira experiência com uma mulher foi aos dezoito anos. A partir desse dia, perdi a inibição e passei a sair com um par delas, sem amarras e sem compromisso.

Nada de jantares românticos, nada de dormir juntos, café da manhã na cama, flores no dia dos namorados, nada de amor eterno. Totalmente contra nossos costumes, por isso eu fora muito discreto em minhas saídas.

Meu pai no começo fez vistas grossas, mas quando fiz vinte e cinco anos, ele deu um basta em tudo aquilo, puxando as rédeas da minha vida.

Com o semblante sério me levantei e olhei através da janela que ia do chão ao teto com o horizonte de Londres. Uma linda vista da cidade iluminada. Ao longe no céu negro cheio de estrelas, uma grande lua cheia brilhava solitária.

Meus pensamentos me levaram a conversa que tive com meu pai quando eu era solteiro, livre: — *Chega uma hora em que um homem precisa criar juízo e se casar com uma moça que não tenha esses costumes mundanos.*

— *Pai, é muito cedo para eu me casar.*

Meu pai suspirou.

— *O casamento não é um cárcere, eu acredito que somará muito à sua felicidade.*

Eu o fitei sério, sem entender que tipo de felicidade teria um homem preso a uma mulher só, sendo que ele poderia ter muitas em sua cama?

Gostava da minha liberdade e apreciava o sexo.

— *Lamento papai, mas não concordo que eu esteja preparado para me casar.*

O meu pai ignorou minhas palavras.

— Vivemos em um mundo moderno, mas sem o conformismo com ele. Você deve se comportar como nossos antepassados e se casar com uma jovem para produzir um filho, um herdeiro. — Meu pai disse em tom frio, como se tratasse de negócios. — Não veja como um sacrifício. Escolheremos uma moça para você do nosso povo, com todos os requisitos necessários para que ela te faça feliz.

— Pai. Não sei.

— O que tem contra o casamento? — Perguntou meu pai, tentando me entender.

— Não me sinto pronto. — Eu disse seco. — Não tenho nada contra a instituição do casamento. Mas creio que seria muito prematuro eu me casar agora.

— Reflita sobre o que eu lhe disse — pediu meu pai. — E não pense que não sei de seus casos com essas europeias. Não vou descansar até que se case. Falaremos sobre isso novamente.

Conclusão da história, eu me casei com Jamile. Um casamento arranjado para ter um herdeiro que nunca veio.

Eu aprumei os ombros e ergui a cabeça.

Jamile era realmente bonita, fora escolhida a dedo por meu pai. Passou pelos exames pré-nupciais, mas que não garantiram a sua fertilidade.

Para Jamile o casamento fora um negócio muito vantajoso. Ela ganhava joias, roupas e qualquer merda que ela queria e isso a deixava feliz.

Adorava desfilar comigo nos jantares beneficentes exibindo sua roupa de grife, suas joias.

Ela me amava sem todas as regalias?

Não acredito!

Não tínhamos afinidades, a única afinidade que tínhamos era o meu dinheiro e o prazer de gastá-lo.

Nunca enxerguei nela a vontade de ter filhos. Ela estava muito feliz com a vida que levava. Um dia ela me disse que a desvantagem de ter um

filho, é que ele estragaria sua silhueta, que ela ficaria com estrias, barriga e os seios caídos. Eu não fiquei surpreso com seu comentário.

Combinava bem com ela.

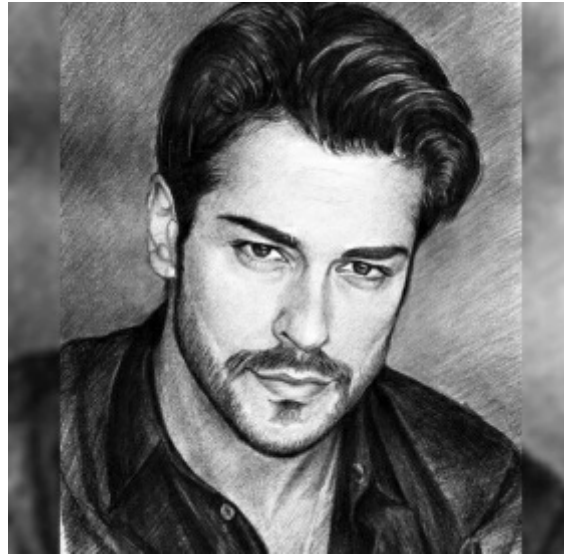
O desejo de engravidar só começou quando ela se sentiu pressionada pela minha família e ela passou a ser alvo de perguntas e críticas. Jamile não aguentava mais passar por tratamentos para engravidar, quando ela começou a engordar, com a aplicação de hormônios estimulantes, desistiu. Eu não via aonde ela estava engordando. Às vezes eu me perguntava se ela mentia para mim que estava fazendo o tratamento.

Sempre tive envolvido por um forte senso de justiça, mesmo porque nos meus costumes a primeira mulher tinha que concordar em eu ter uma segunda esposa.

Depois de uma conversa e nossos recursos esgotados, ela concordou. Assinamos um acordo com seu consentimento. Só que agora ela me infernizava com um arrependimento tardio.

Eu não podia mais voltar atrás, meu pai tinha selado um acordo com o tio da moça. Ela fora prometida para mim. A palavra de um homem árabe era tida como por escrito.

Meu pai não voltaria atrás.



Capítulo 2

Ela estava tagarelando enquanto eu dirigia para casa. Os quilômetros passavam lentamente, embora eu apertasse fundo o acelerador. Eu permaneci em silêncio enquanto Jamile comentava da festa que acabamos de sair de final de ano que dei para minha Staff. Ela então se irritou quando me perguntou algo e eu não lhe dei uma resposta.

Eu estava lento, cansado, compareci a essa festa movido pela obrigação. Jamile furiosa virou o rosto para a janela. Recusei-me a deixá-la me afetar pelo seu temperamento.

Ela não enxergava que eu andava um caco?

Que eu mais queria era dormir?

*Eu andava ultimamente esgotado. Ela não via minhas olheiras?
Como eu estava mais magro?*

Meu Deus, minha mente estava entretida em outros assuntos. Daqui a dois dias era meu casamento. Amanhã cedo eu viajaria para o Marrocos, eu só pensava em chegar na nossa casa e dormir, apagar. Esvaziar minha mente, tirar a tensão dos meus ombros.

Estava tudo certo. Segundo meu pai, a moça Khadija Zahrah Abdala, já viajara para lá.

Allah! Como ela seria?

Eu ia gostar dela?

Não sei. Eu só a conheceria no dia do casamento.

Relanceei os olhos para Jamile e percebi que ela me observava.

—Você está arrependido de ter aceito esse casamento, não está?

Eu suspirei entediado e não respondi.

— Você vai ficar em silêncio o resto da viagem ou vamos conversar? Você pode dizer a verdade e olhar nos meus olhos?

— Eu posso falar e dirigir ao mesmo tempo. Não preciso olhar nos teus olhos para dizer que não sou um adolescente para me arrepender dos meus atos. Estou me casando pensando no futuro da família. Consciente da necessidade de eu deixar uma herança para a posteridade. Lembre-se que essa situação, você que criou quando não quis a inseminação artificial.

—Você sabia que às vezes acho que se arrependeu de se casar comigo?

Minha boca se fechou para não falar coisas que eu prometi a mim mesmo que nunca diria.

— Jamile, seja boazinha e me dá um tempo.

—Ou você fará o quê?

Eu bati no teto do meu Porsche com raiva. O golpe sacudiu o interior, Jamile ameaçou chorar.

—kaf! (Basta!) Não vê que estou cansado? Final de ano nunca é fácil para mim. Se já não bastasse isso, amanhã terei que ir para o Marrocos.

Ela piscou com os olhos cheios de lágrimas.

—Eu gostaria de viajar com você e participar do seu casamento.

Eu respirei fundo tentando me acalmar.

—Isso está fora de questão.

— Meu Deus! Por que eu não posso ir? Eu não atrapalharia em nada

vocês dois. Estaria com algum parente seu.

—Isso já está resolvido. Não é um assunto para ser discutido. — O CEO em mim gritou mais alto.

Ela virou o rosto para a janela, talvez achando minha atitude arrogante.

Ela poderia pensar o que quisesse! Eu estava usando de sensibilidade com minha futura segunda esposa.

Não importaria a figura da minha primeira esposa na festa de casamento ou na nossa breve lua-de-mel, mesmo que Khadija soubesse da existência dela, era um absurdo a presença de Jamile como se fosse minha sombra.

Cheguei a nossa casa me sentindo revoltado com o mundo inteiro. Entrei na sala espaçosa e redecorada com o gosto de Jamile, cores que eu detestava como o azul.

Eu já tive grandes planos para este lugar, usar outras cores como o tom pastel e dourado que eu gostava muito, mas quando Jamile me pediu para redecorar a sala, eu cedi para não arrumar confusão.

Se eu contasse como eu levava meu casamento em banho-maria, eu ganharia um prêmio Puzzle de Paciência.

Meus pensamentos saltaram para o meu passado de liberdade, que para mim era sinônimo de felicidade. Desde que me casei, eu não sabia mais o que era isso. Perdi a pouca fé, que um dia tive, que casamentos pudessem me acrescentar algo de bom.

Suspirei.

Agora, novamente, me sacrificaria a favor da família. Antes de optar por esse segundo casamento, eu e Jamile vimos à possibilidade de inseminação artificial, mas quando ela soube que a possibilidade de ter gêmeos era muito grande, se recusou.

Por que eu não me admirei por isso? Ironizei no meu íntimo.

Jamile caminhou para o quarto enquanto eu fui na cozinha e enchi um copo com vodca. Eu não costumava beber, tanto que não bebi na festa. Mas agora eu precisava de uma dose. Precisava anestesiá-lo meu corpo para relaxar e dormir.

Com o copo nas mãos fui até a sala e dei um tempo lá. Eu não estava a fim de conversa, de sexo, de nada. Quando terminei a bebida, resoluto, caminhei até o quarto de hóspedes e coloquei meu celular do lado da cama que já estava programado para me despertar. Me joguei na cama com roupa e tudo.

Agora era dormir até a manhã....

Khadija O suor frio escorreu na minha testa. Minhas pernas estavam tremendo tanto que eu tinha medo que não me sustentariam quando eu me levantasse daquele sofá. Titia estava do meu lado, segurando minha mão. O contrato estava sendo lido agora numa sala cheias de testemunhas, ela traduzia, mas eu não conseguia ouvir nada, pois tudo no meu corpo parecia doer, as lágrimas borravam minha visão e minhas costas estavam tensas.

Cansada e desgastada era assim que me eu me sentia. Exausta. Nadando contra a maré, mas precisava seguir em frente. Respirei fundo enxugando as lágrimas. A maquiagem era à prova d'água, acho que estava mais para à prova de noiva amargurada.

Eu era uma ascendente árabe que no máximo que eu falava e entendia da língua eram algumas expressões. Minha mãe inglesa teve uma grande influência sobre minha educação. Papai amava meu país e tenho certeza que amava muita minha mãe. Eles nunca impuseram os costumes. Caçula da família, ele veio muito cedo para a Inglaterra, isso o influenciou na assimilação da nova cultura.

Quando terminou a leitura do contrato titia apertou mais forte a minha mão.

—Habibi? Você aceita?

Meus olhos desviaram à minha esquerda. Titia estava me olhando, sua boca em uma linha apertada, seus olhos vermelhos.

Emocionada?

Nessas últimas semanas percebi que ela estava muito agitada, angustiada. Fiquei imaginando se meu noivo não era um homem feio, barrigudo e velho. Cheguei até a perguntar para ela isso, mas ela me disse que ele era muito atraente.

Allah! Sempre ouvi dizer que gosto não se discute.

O que era atraente para ela, poderia não ser para mim.

— Khadija? Responda? Você aceita?

Eu pisquei aturdida.

— Aywa (Aceito). —Joguei as palavras em árabe.

Allah! Fui sacrificada!

— Shukraan Allah(Obrigada Allah) —Titia disse com as mãos para o alto. Me senti vendida.

Eu percebi que no momento que as minhas palavras deixaram os meus lábios. Minha tia liberou as lágrimas. Seu corpo antes tenso, relaxou. E ela se uniu a elas no zahareet.

Gritinhos das mulheres e da minha sogra de “lalalalala” e “lilililili” encheram a sala.

Titia soprou no meu ouvido: —Agora ela falará uma poesia sobre sua cabeça para você ter sorte no amor.

Uma mulher bem velha começou a recitar o poema em árabe. Titia simultaneamente traduzia para mim.

**Quando o amor vos chamar, segui-o, Embora seus caminhos
sejam agrestes e escarpados; E quando ele vos envolver com suas asas,
cedei-lhe, Embora a espada oculta na sua plumagem possa ferir-vos; E
quando o amor vos falar, acreditai nele, Embora sua voz possa
despedaçar vossos sonhos Como o vento devasta o jardim.**

**Pois, da mesma forma que o amor vos coroa, Assim ele vos
crucifica.**

**E da mesma forma que contribui para vosso crescimento,
Trabalha para vossa poda.**

E da mesma forma que alcança vossa altura E acaricia vossos

**ramos mais tenros que se embalam ao sol, Assim também desce até
vossas raízes E as sacode no seu apego à terra.**

Como feixes de trigo, ele vos aperta junto ao seu coração.

**Todas essas coisas, o amor operará em vós Para que conheçais os
segredos de vossos corações E, com esse conhecimento, Vos convertais no
pão místico do banquete divino.**

**Todavia, se no vosso temor, Procurardes somente a paz do amor e
o gozo do amor, Então seria melhor para vós que cobrísseis vossa nudez
E abandonásseis a eira do amor, Para entrar num mundo sem estações,
Onde ríreis, mas não todos os vossos risos, E chorareis, mas não todas as
vossas lágrimas.**

**O amor nada dá senão de si próprio E nada recebe senão de si
próprio.**

O amor não possui, nem se deixa possuir.

Porque o amor basta-se a si mesmo.

O zaghareet se iniciou novamente.

Senti um arrepio no corpo. Veria meu noivo pela primeira vez. O contrato foi lido para ele também, um poema recitado em seus ouvidos.

Agora nos reuniríamos em uma sala para a troca de alianças.

Eu me levantei do sofá com a ajuda da minha tia, embora a celebração de todo o ritual do casamento fosse só amanhã, eu vestia um pesado vestido creme, cheio de madrepérolas. Meus cabelos castanhos claros, compridos, com mechas artificialmente loiras, estavam escondidos dentro de um tecido de seda branco. Até a noite de núpcias, ele só veria meu rosto bem maquiado.

Meus olhos esverdeados ganharam vida com lápis, delineador e rímel. Meus lábios foram valorizados com um batom sem brilho da cor deles, para que o destaque ficasse em meus olhos.

Antes de caminhar, passei a mão pelo suor fino da minha testa. Eu não tinha comido nada desde manhã. Não consegui, de tão nervosa que eu estava.

Segurando a mão de minha tia caminhei para a sala onde estaria meu noivo....

NACIONAIS-ACHERON

Zafir Depois do meu sim, um poema foi lido no árabe.

A sabedoria oculta é como o tesouro enterrado, que de nada pode valer; e não é sábio aquele que enterra o seu tesouro, mas o que dele sabe usufruir. O sagrado mistério do amor: cada um deve perder-se de si mesmo, para que ambos se encontrem na plenitude. E um não poderá seguir sobre os passos do outro, nesta estrada em que é preciso caminhar de mãos dadas.

Repartir a sabedoria é uma forma de aumentá-la; e também aprende aquele que ensina. Pois o homem não consegue falar a si mesmo, senão quando finge falar aos outros homens.

Sua esposa, eleja como um sonho maior. Segura sua mão para que não possa tragar a voragem da inquietude. Porque apenas a força de um sonho pode trazer paz à vossa alma.

Beba o som da voz de sua esposa, como se assim pudesse embriagar e esquecer a tristeza da solidão.

Na música do seu sorriso, canta a sua própria alegria; àquele que demasiado ama é feliz por não pertencer as próprias emoções.

Quando o poema terminou, eu rezei para Allah que um dia aquelas palavras fizessem sentidos para mim.

Amor. O que era o amor? Perguntei-me pela milésima vez.

Eu me levantei do sofá depois e recebi um abraço de meu pai. Caminhei sentido a sala onde finalmente a conheceria.

Khadija

Caminhei sentindo dentro de um ritual de abate, onde o cordeiro seria sacrificado, no caso "eu".

Meu destino?

Unir-me a um homem que nunca vi na vida.

Eu não o conheço.

Estremeci pensando nisso. Minhas pernas quase falharam na breve caminhada até a porta em formato de arco, que foi logo aberta por uma das mulheres. Eu caminhei até ela como uma condenada, meus pés pesados como se estivessem presos em correntes, carregando duas bolas de chumbo.

No momento que pisei na sala, eu o avistei. Ele era alto. Os cabelos grossos como carvão. Passei meus olhos pela sua calça social preta que envolvia suas pernas e acentuava sua estreita cintura. A camisa branca não era apertada, mas realçava seu corpo. O casaco preto e a gravata preta completavam o visual e emanava poder e sexo. Ele estava de perfil, pensativo, em frente a uma janela, olhando para um lindo jardim.

Quando ele nos ouviu, ele se virou.

Olhos nos olhos.

Choque!

Allah! Meu coração parou, pulou e agora martelava forte no meu peito.

Ele é....jovem, deve ter uns trinta anos. Lindo é pouco para descrevê-lo....

Minha boca secou imediatamente quando senti o baque violento da perfeição daquele homem. Ele era simplesmente o oposto do que eu imaginava. Meus olhos não conseguiam desgrudar dos deles. Aqueles lindos olhos negros pareciam hipnóticos.

O tipo de olhos que nunca se esquece. Nem por um único segundo de sua vida. Muito expressivos e agora eles me diziam que eles estavam surpresos.

Eu o olhava enigmática, sem demonstrar minhas emoções, mas fervendo por dentro.

Ele sorriu e me observou astutamente, me lembrando o de um falcão à espreita de sua presa, seus olhos correndo por minha figura parada ali na entrada da sala.

Um misto de sentimentos me assolou, sensações confusas, e o que mais eu identifiquei foi “medo.”

NACIONAIS-ACHERON

Desde que meus pais morreram, eu vivia cercada por lembranças de um passado que não voltava mais. Meus tios quando me assumiram, o fizeram com uma condição, a que eu lhes fosse submissa. Confesso que no fundo eu queria mudar meu mundinho certinho e solitário. Eu realmente gostaria que meu casamento desse certo.

Mas vendo-o agora, eu me perguntava: *Ele era um gênio ruim vestido com suas melhores roupas? Ou um cordeiro vestido com roupas de Lobo?*

Lindo! Engoli minha baba antes que ela descesse pela minha boca.

Ainda bem que eu era muito hábil para esconder meus sentimentos. Aprendi com anos de sofrimento sem meus pais e tendo que lidar com as tradições rígidas que meus tios me impuseram.

Ele também me avaliava com interesse. O vento que entrou pela janela aberta, soprou mais forte e empurrou uma parte de seu cabelo em sua testa, transformando-o num elegante caos, o deixando mais sexy.

Sexy?

Allah! Nunca permiti aflorar minha sexualidade e agora apenas alguns minutos na frente desse homem, e já usava termos quentes. Com certeza despertada por aquelas sensações desconhecida.

Seu grande corpo se moveu em minha direção. Eu baixei meus olhos, sentindo um tremor me percorrer. Mordi meu lábio inferior para impedir que eles tremessem.

Ele parou alguns passos da onde eu estava. Eu ergui meu rosto para ele.

—Zafir Youseef Xarif, seu noivo. —Ele se apresentou com uma voz profunda e bela.

Eu balancei minha cabeça suavemente. Ele passou a mão nos cabelos escuros e densos, para ajeitá-los como se estivesse deslocado, como eu.

—Khadija Zahrah Abdala.

Observei seu rosto de traços bem másculos com aquelas sobrancelhas
NACIONAIS-ACHERON

negras, marcando os olhos negros e profundos. Foi então que a boca carnuda e sensual se moveu em um sorriso. Meu coração que já estava agitado, agora parecia que participava de saltos ornamentais. Fiquei encantada quando dentes perfeitamente brancos e covinhas na face se revelaram.

Ele então tirou a caixinha preta do bolso do paletó e estendeu a sua mão para mim. Eu engoli em seco antes de erguer a minha mão para ele. Quando ele abriu a caixinha, revelou alianças grossas com inscrições em árabe: "Maktub!"

Seus dedos morenos pegaram a minha mão branca, me causando arrepios. Ele colocou a aliança no meu dedo e logo em seguida me deu uma grande para eu fazer o mesmo na dele. Gritos de alegria encheram a sala quando finalizou esse rito. Só então me dei conta que havia muitas pessoas nos observando na sala.

Estávamos oficialmente casados agora.

Zafir não tirou sua mão da minha, pelo contrário ele a acariciou com o seu polegar, levando-a em seguida aos lábios. O meu nervosismo colocou tudo a perder pois eu senti os cantos da minha boca se inclinarem em um sorriso, que eu ainda não tinha dado, desde a hora que eu o tinha visto.

Seus olhos negros imediatamente foram atraídos para minha boca e pararam ali por alguns momentos e depois procuram os meus olhos novamente.

Quando foi servido o sharbat, uma bebida de frutas e flores feita para comemorar essa ocasião, Zafir se afastou de mim e pegou duas taças, me entregando uma.

Zafir incitou um brinde.

—'iilaa zawaji walfarah walhabi w allah yamnahuna al'atfala. —Então olhou meus olhos. — Ao nosso casamento, a alegria, o amor e que Allah nos conceda filhos.

—Inshalá. (Se Allah quiser.) Ao desejar, senti uma forte angústia, como se fosse uma advertência de Allah. Zafir sorriu para mim e pegou minha mão, e me levou até as cadeiras douradas com almofadas de veludo

NACIONAIS-ACHERON

vermelho, onde nos sentamos para assistir o recital.

Ele, 1,85 metro, alto, ombros largos, peito estufado, efetivamente passava uma impressão de força. Seu rosto estava voltado para o cantor árabe que entrou. Eu, 1,60 metro, magra, frágil.

Eu me sentia como uma criança indefesa. Estremeci.

Eu fui jogada a fera?

Quem era Zafir Youseef Xarif?

Eu encontraria o caminho para o seu coração?

E eu? Amaria Zafir?

Quando ele virou a cabeça na minha direção, eu imediatamente desviei meus olhos dele e voltei minha atenção para o cantor. O recital começou.

Uma música árabe de amor se iniciou. Enquanto a música enchia a sala com uma melodia triste, eu podia sentir os olhos de Zafir postados em mim, um arrepio correu pelos meus braços ao sentir o calor dos olhos dele.

Estava vivendo um conto de fadas?

Rico, bonito, parecia ser educado. A impressão que ele passava era de um homem sensato, se assim não o fosse, não seria um CEO da empresa da família. Líder no mercado têxtil.

Eh, mas eu não podia esquecer que uma boa história de amor tinha um toque de drama ou tragédia antes do final feliz.

Nos apaixonaríamos e nosso amor seria provado? Ou eu passaria por essa etapa rumo à felicidade plena?

Seria um amor fulminante que se extinguiria em lágrimas e às vezes em guerra?

Uma coisa era certa, o amor teria que ser o suficiente para vivermos o "para sempre"....

Na minha cultura o "casamento halal" (halal-onde a intenção nunca foi de estabelecer uma família) Era algo condenável.

O divórcio não era visto como um brinquedo. Por isso o Islã ordenava que ele fosse levado muito a sério. Utilizando-se da separação somente em casos extremos, como no caso do adultério.

Na minha cultura o homem poderia repudiar a mulher, mas a mulher não tinha o direito de repudiar o homem. Ele tinha que consentir que o casamento terminasse, e antes disso passaríamos pelo conselho dos mais velhos. Se ele não quisesse separar, eu não poderia escolher a tormenta da solidão, mas sim à dor de viver com um homem sem amor, numa eterna decepção.

Sem ele perceber, eu passei meus olhos sobre ele. Agora que eu estava mais calma, pude observá-lo melhor. Ele parecia cansado, exaurido. Percebi isso pela sua expressão abatida, denunciada pelas suas olheiras.

Seus olhos caíram sobre mim e meu rosto ficou vermelho. *Droga! Ele me pegou olhando para ele!*

Zafir sorriu para mim. Meus lábios tremeram com um leve sorriso, tão leve que foi quase imperceptível. Forcei meus olhos se desviarem dos hipnóticos dele e me concentrei no cantor e na melodia.

Quando finalizou o espetáculo, aplaudimos com alegria. Ele me ajudou a me levantar da cadeira me dando sua mão. Estremeci em contato com ela.

Essas sensações sentidas pelo meu corpo ao mais leve toque dele, era tudo muito novo para mim. Pisando firmemente no ladrilho vermelho, seguida pelos olhares de todos os presentes, eu e Zafir chegamos à outra sala.

Iabá, 65 anos, uma das tias de Zafir. Uma mulher bonita para sua idade, firme e decidida. Que com certeza seguia a religião, pois não usava maquiagem, joias ou adornos. Uma pequena mulher de pele dourada e olhos calorosos, nos trouxe um prato cheios de pequenos barquinhos de diversos recheios, ricota, patês de vários tipos.

Eu sorri gentil para ela, em agradecimento. O tempo todo, pela minha visão periférica, eu podia sentir os olhos de Zafir postados em mim.

Movida pela curiosidade e atração, que era difícil admitir, pois eu mal o conhecia, eu procurei seus olhos.

Ele sorriu e disse-me em árabe: —Aibti samtuk jamila tun.

Eu não entendi suas palavras e envergonhada, expliquei: —Eu falo pouco o árabe.

Zafir sorriu.

—Perdoe-me. Eu disse que seu sorriso é lindo. —Sua voz saiu suave, seus olhos passaram de leve por todo o meu rosto e eu saboreei a paz dele.

—Obrigada. — Sorri com o coração disparado.

Desviei meus olhos dos dele e me forcei a comer um canapé para ocupar minha mente com o sabor deles e me fortalece para não desmaiar em seus braços.

Mastiguei pequenos pedaços, para não engasgar. Era impressionante como aqueles olhos negros me deixavam nervosa. Como se eles tivessem o poder de me tocar com eles.

Rico, sozinho, bonito, sexy: eu era a presa ideal para cair de amores por ele. Eu já me sentia nocauteada pelo seu charme.

Devia ter algo de errado com esse homem!

Eu me sentia como se tivesse ganhado um grande prêmio sozinha.

Não! Eu não queria estar enganada!

Clamei a Allah: *Que nossa união seja perfeita. Alma e carne confundidas numa mesma chama. Uma doação, onde lutaríamos pela felicidade um do outro.*

Zafir

Ela estava ali, ereta, altiva, rígida como uma rainha.

Lindaaaaaaaaaaaaa.

Impressionante.

Enruguei minha testa. Fiquei ali me perguntando que diabos tinha acontecido? O que ela tinha, que provocou dentro de mim tamanho rebuliço interno?

Talvez o fato dela parecer madura mesmo sendo tão jovem. Parecia

do tipo de garota mais difícil de se impressionar. daquelas que precisavam ser conquistadas.

Autêntica, espontânea, do tipo que não forçava a barra tentando ser uma coisa que não era.

Eu estava ali, passando toda segurança e paz no meu rosto, mas por dentro eu fervia, como um adolescente na sua primeira explosão de hormônios. Como se um ímã imaginário que me puxava para mais perto dela. Nunca senti tal magnetizado por alguém. Eu queria que tudo acabasse logo. Todo rito, toda festa, tudo.

Passei meus olhos por seu colo coberto com aquele tecido grosso do vestido, pensei em como seria ela debaixo dele. Eu podia facilmente imaginá-la deitada nua na cama, clamando por meu toque, chamando meu nome. Os cabelos espalhados pelo travesseiro...seus olhos verdes alaranjados procuraram os meus.

Ela olhou para mim.

Allah!

Eu segurei seu olhar e lhe dei um sorriso, afastando qualquer pensamento indecoroso, por puro medo de assustá-la.

Algo me dizia que, com ela, as coisas deveriam ser bem devagar e, eu não queria passar a imagem de um lobo babão.

Ela pegou um copo de suco de uva que minha tia ofereceu lhe entregando o prato vazio, eu fiz o mesmo. Ainda pensativo, suspirei pensando na cerimônia que teríamos amanhã. Só depois dela, poderíamos ficar sozinhos.

Um lampejo de preocupação passou por meu rosto quando me lembrei com amargura de Jamile. A rainha má, que adorava ser o centro das atenções.

Agora seu trono, antes soberano, seria dividido, ameaçado por uma lidíssima jovem.

Eu podia ver Jamile de frente ao espelho, como nos contos de fada, perguntando: *"Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?"*

A sua imagem dizia, sim, uma linda jovem de olhos verdes, pele de porcelana, magra, linda. Em contraste com uma igualmente bela, morena de olhos negros e cabelos negros, magra.

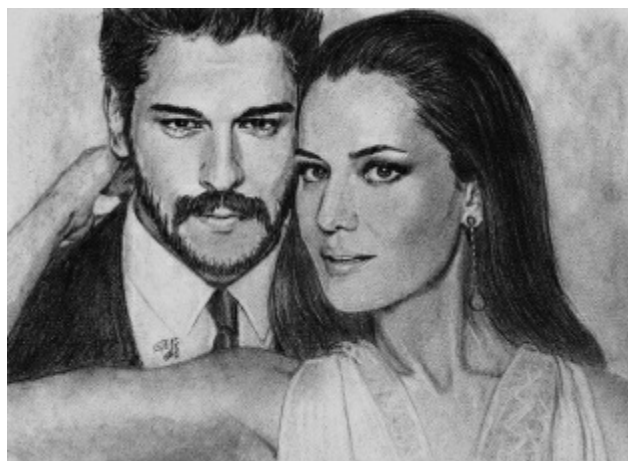
Vinte dois anos vs trinta.

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

Eu estava ferrado!

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 3

Khadija

O jardim estava banhado de sol naquele fim de tarde. Sereno, verde e dourado. Me afastei da janela e sentei na minha cama.

Uma coisa eu tinha que reconhecer, nosso povo era muito amistoso. As mulheres, mesmo que não falassem minha língua, não sabiam o que fazer para eu me sentir feliz e confortável.

Titia nem se deu ao trabalho de ficar comigo, estava aproveitando as despesas pagas pelo meu noivo, agora marido, e batendo perna na Medina.

A porta se abriu e minha tia entrou no meu quarto, sorriu quando me viu. Tirando o lenço preto que usava na cabeça suspirou: —Allah! Aqui é tudo tão lindo. Essa casa, então, maravilhosa.

—Gostei muito da tia de Zafir. Uma pessoa simples e prestativa. Tem uma casa tão grande e nem parece dona dela.

Zilá se aproximou de mim com uma sacola na mão.

—E dele? Você não me disse nada se gostou do seu noivo?

Eu suspirei.

—Conhece o ditado Zilá? *Sempre desconfie do Sultão, do mar, da sorte e do amor. Principalmente se estiverem sorrindo para você?*

—Conheço, mas conheço outro também: *"todo amor existe para ser*

correspondido; se a correspondência cessa, cessa também o amor. "

—Eu não quis dizer que não irei corresponder ou tentar amá-lo, só que estou com meus pés no chão.

Zilá pareceu não ouvir minhas considerações finais e se sentou ao meu lado com um sorriso no rosto. Abriu a sacola. Estendeu em cima da cama um lindo lenço vermelho com tons pretos.

—Comprei para você. Mais um para a sua coleção. —Ela sorri para mim. —Não esqueça de usá-lo quando sair de seu quarto. Não estamos na Inglaterra, precisamos nos adequar aos padrões e costumes locais.

—Pode deixar minha tia, minha mala está abarrotada deles, como se acenassem para mim. *Não irei me esquecer.* —Eu a observei atentamente. —Você sabe se Zafir é muito tradicional? Segue as tradições rigorosamente?

Minha tia me olhou pensativa.

—Isso eu não sei dizer. Nós te educamos de acordo com os padrões rígidos para seu próprio bem. Se ele for, você não terá problema em se adaptar.

Eu assenti para ela.

Allah! Espero que não. Adoraria me livrar daquelas roupas de titia solteirona.

No dia seguinte eu acordei cedo. Esse era o nosso "*dia da noiva*".

Tatuada nas mãos e nos pés com hena, que segundo as tradições árabes, trazem fortuna, felicidade, e afastavam os maus espíritos que podem atrapalhar o casamento.

A maquiagem foi feita por uma experiente senhora de meia-idade. Sei que era experiente pela agilidade que me pintou e o resultado excepcional que vi quando me olhei no reflexo do espelho: Meus olhos bem delineados os lábios volumosos. Tudo muito lindo. Chegava a ser extravagante, mas não para esse dia.

Meus cabelos novamente foram escondidos num véu grosso de tecido e renda.

Fiquei à espera do horário para colocar o vestido. Quando deu o horário, minha tia me ajudou a colocá-lo.

Ela, então, sentou-se na cama e me olhou com cara de quem estava realizando um sonho, ficou ali emocionada, emudecida com lágrimas nos

olhos a boca aberta. Meus tios só tiveram um filho, que hoje era casado, já beirava uns quarenta anos. E era a primeira vez que casavam uma mulher na família.

Eu sorri para ela tentando acalmá-la e me olhei no espelho. O vestido era branco e extremamente pesado, comprido, beijava o chão. Pedras prateadas incrustadas nele davam um toque luminoso.

Quando me virei para ela, titia estava de pé, ainda boquiaberta.

— Rā'i'! (Maravilhoso) eu vou me juntar aos convidados. Quando for a hora eu te chamo. —Ela disse com a voz embargada.

Droga! Ela precisava me acalmar, mas ao contrário disso, ela me deixava mais nervosa.

Eu respirei fundo e assenti para ela com um sorriso nervoso. Os minutos de angústia tinham passado. Afinal, meu marido era atraente, e não feio como eu imaginei. Eu teria uma vida com muito luxo ao lado dele, embora isso não fosse o que eu buscava em um homem, mas sim que ele tivesse senso de humor, que fosse carinhoso, atencioso e fiel. Exatamente essa impressão que ele me passava. Enfim, eu estava me sentindo mais segura e feliz agora.

Minutos depois titia entrou.

—Allah! A festa está linda. —Ela suspirou. —Está na hora.

Titia abriu a porta do quarto para eu passar arrastando meu pesado vestido caminhei no extenso corredor, passei por uma área verde a céu aberto e entrei em outro mais curto até uma grande porta fechada. Atrás dela eu podia ouvir toda a movimentação da festa. Música árabe num volume agradável, pessoas felizes conversando.

Ela abriu a porta.

Numa passada de olhos vi muitas pessoas que me aguardavam no local decorado com palmeiras, véus coloridos. Dançarinas de dança do ventre com roupas coloridas entre os convidados. Três mesas dispostas em cantos estratégicos com salgados, outra com doces e bebidas não alcoólicas.

Sons de tambores anunciaram minha entrada. Logo fui conduzida para um trono. Ao me sentar nele, quatro homens o suspenderam. Com muita dança ao meu redor, palmas e alegria eu fui conduzida ao meu noivo que estava sentado em um trono fixo, me esperando.

Quando nossos olhos se encontraram, meu coração disparou. Ele

estava lindo. Vestido com uma roupa típica árabe num tom preto e dourado, o dishdasha.) por cima o Bisth (túnica dourada por cima do kandoora), o tarboosha (cordão branco trabalhado).

Os cabelos negros brilhavam. Seus olhos negros pousados em mim, eram tão intensos que por um momento preendi a respiração.

Conforme o meu trono se movimentava, convidados jogavam pétalas de rosas, dando vivas de alegria fazendo o ozagharit.

Próximo a ele, meu trono foi baixado. Com o coração agitado, segurei o vestido e saí. Zafir se levantou e foi ao meu encontro. Estendeu sua mão em minha direção. Eu a segurei, sentindo um arrepio percorrendo todo o meu corpo. Ele me conduziu a um trono fixo ao lado do dele e se sentou.

Lá ficamos com:

As mãos unidas.

Troca de olhares.

Meios sorrisos.

Acompanhamos toda a festa naquela cumplicidade gostosa. Amigos, familiares, vizinhos, dançavam, comiam, batiam palmas.

No auge da festa, homens com roupas típicas adentraram o salão onde dançaram com espadas. Em grande estilo caminhamos por baixo delas até a pista de dança, onde moças dançariam com candelabros. Esta dança tinha o significado de iluminar o caminho e trazer prosperidade ao casal. Ao final da dança nós apagaríamos as velas para recebermos sorte.

Com muita alegria e mãos unidas eu e Zafir dançamos entre os convidados, juntos com as moças dos candelabros. Quando finalizou a dança, apagamos as velas.

Agora era à hora da despedida. Zafir pegou minha mão e caminhamos em direção a um corredor onde acessaríamos uma ala mais sossegada e reservada para o casal. Saímos do salão com muito cortejo e alegria. Quando alcançamos o corredor a porta foi fechada atrás de nós.

Com a respiração entrecortada e o coração agitado, caminhamos de mãos dadas por aquele extenso corredor em direção ao quarto.

O cômodo estava iluminado pelas velas, bem silencioso. A cama com um lindo dossel, coberta com lençóis brancos de cetim nos esperava. O bakhur em cima de um aparador perfumava o ambiente deixando o ar com aquele frescor aromático.

NACIONAIS-ACHERON

Me virei para Zafir me sentindo nervosa, afinal eu estava com um completo estranho.

O que eu sabia dele?

Apenas o que eu tinha pesquisado pela internet!

Meus tios não abriram nada para mim, com a desculpa de não me gerar ansiedade. Para que eu o conhecesse não de ouvir falar. Dizendo que isso instigaria em mim a vontade de conhecê-lo melhor, não atrapalhando a ordem natural das coisas. Que era para eu confiar na escolha deles, que eles escolheram o melhor para mim.

Zafir trancou a porta e se virou. Seus olhos intensos passaram pela minha figura em pé, parada ali, no meio do quarto. Ele sorriu para mim. Tentei retribuir o sorriso, mas não consegui. Piscando, me sentindo perturbada, desviei meus olhos dos dele. Meu nervosismo aumentou quando ouvi ele se aproximar. Num gesto mais extremo, lhe dei as costas, com a respiração entrecortada.

Como negar-lhe algo?

Eu podia ver o desejo nos olhos dele.

Tomei algumas respirações, imaginando como diabos eu ia explicar que eu precisava de um tempo, sem soar que eu o estava rejeitando na nossa primeira noite? Como se ele não fosse atraente o suficiente. Embora, ele não parecesse o tipo de homem inseguro quanto a isso, não sei se ele se sentiria menosprezado ou rejeitado.

Ouvi o som de seus passos mais perto, vindos na minha direção rasgando o silêncio.

—Relaxe. Você está muito nervosa. — Sua voz, macia e profunda perto de mim, rompeu os meus pensamentos em guerra.

Seu perfume masculino almiscarado invadiu meu nariz e era tão bom que dava vontade de me afogar nele. Eu me virei para ele. Ainda dura, ainda covarde, encontrei seu olhar cheio de desejo. Continuei ali, parada sem saber o que dizer ou fazer, me sentindo acuada. Eu podia sentir o calor de seu corpo, de tão próximo que ele estava de mim.

—Eu...—Ele tocou meus lábios com o dedo indicador cortando minhas palavras. Passou o dedo neles de leve.

—Vire-se. Vou te ajudar tirar esse lenço. Quero ver seus cabelos.

Relaxa. Ele só vai tirar seu lenço. Eu tentei me enganar, dizendo isso

NACIONAIS-ACHERON

para mim mesma; tentando controlar minha tremedeira.

Com o coração martelando no peito, eu me virei. Ele começou a desamarrar o laço que ficava escondido na minha nuca. Como uma destreza e delicadeza como se já tivesse feito isso antes, senti o ar fresco do ar condicionado nos cabelos quando ele o retirou.

Meus cabelos estavam presos em um coque baixo. Quando vi, eles caíram como cascata nas minhas costas. Ele tinha tirado o grampo que os prendia com uma sutileza tão grande, que eu nem senti.

Suas mãos nos meus ombros me viraram para ele. Seus olhos passaram por meus cabelos castanho-claros com nuances douradas, depois pelo meu rosto. Ele fazia isso como se bebesse minha imagem.

—Linda!

Eu tremi da cabeça aos pés quando me deparei com a intensidade dos olhos dele. Eu sentia como se o meu desejo por ele estivesse trancado dentro de mim.

Zafir era o homem mais atraente que eu já tinha visto na vida. Mas o meu nervosismo atrapalhava tudo, eu sequer tinha sido beijada por um homem. Nessa arte, amor, namorado, relacionamento eu era zero à esquerda.

Ele ergueu sua mão para tocar meus cabelos, parecia fascinado por eles. Num reflexo impensado eu afastei minha cabeça.

Ele baixou a mão.

—Relaxe, não faremos nada que não queira. —Eu respirei fundo, meus ombros relaxaram. Ele me olhou calmamente, com aquela paz de espírito que eu já tinha visto nele. —Bem melhor. —Ele respirou fundo, talvez estivesse exercitando a paciência comigo. —Vou tocar seus cabelos, posso? Quero sentir a textura deles.

Eu assenti. Ele ficou sério, e ergueu sua mão. Logo senti seu toque suave correndo por eles.

—Macios, Lindos e brilhantes. —Ele disse com um sorriso travesso. —Como imaginei. Você é muito linda, sabe disso?

Ele não me bajulava, parecia genuinamente admirado com a minha beleza e eu sorri levemente para ele. Zafir sorriu de volta e se aproximou de mim, colocando suas mãos na minha cintura, seu corpo se aproximando mais do meu.

Me deu aquele olhar manso, embora sua posição agora fosse muito

NACIONAIS-ACHERON

longe disso.

—Já foi beijada? —Ele perguntou curiosamente, me estudando atentamente.

—Não. —Respondi mais calma, sentindo-me de repente atraída por sua boca.

Seus lábios se ergueram num sorriso. Não debochado, mas, como se ele realmente apreciasse isso. Uma quantidade incerta de tempo passou enquanto seus olhos viajavam meu rosto e pararam em meus lábios. Eu estava quase sem respirar, de frente para ele. Meu coração trovejando no meu peito e meu corpo formigando em todos os lugares. Ele me trouxe mais perto e se inclinou para mim, sua testa se encostou na minha, seu nariz no meu. Seu toque era leve e cauteloso.

Tão doce....

Seu perfume almiscarado me deu conforto e eu fechei meus olhos. Seu calor tão deliciosamente bom contra a minha pele me acalmou. Ele se ergueu um pouco e me puxou mais para ele enquanto seu nariz se esfregou nos meus cabelos. Aspirando, sentindo o cheiro deles. Eu respirei fundo, naquela guerra entre os meus desejos e meus nervos.

Ele se afastou, e quando ele fez isso eu sabia que ele ia me beijar, pois suas mãos se ergueram e entraram por trás da minha nuca, seu polegar no meu rosto o erguendo para ele. Eu fechei os olhos. Minha respiração se tornou um assobio.

Estremeci quando senti seus lábios nos meus, ele sussurrou contra eles "Abra a boca".

Eu obedeci, logo sua língua tocou a minha tremulando nela. Eu, instintivamente movi meus lábios contra os dele e o senti estremecer. Quando me dei conta, minhas mãos pareceram ter vida própria, pois subiram e eu enfiei meus dedos nos cabelos dele, trazendo sua cabeça mais para mim.

Seus lábios correram meu rosto, meu pescoço, e quando seguiram para um pedaço do meu colo eu endureci. Ele percebeu isso e ergueu seu rosto, mas sem se afastar ou tirar suas mãos do meu corpo. Nossas respirações saíam de nós agitadas.

Seus olhos estavam dilatados de desejo, os meus nem sei, eu o olhava entre encantada com o que eu estava sentindo, e medo do que estava por vir.

Sua respiração aliviou um pouco, e ele olhou para a minha boca

momentaneamente. Com muita delicadeza, pegou uma mecha do meu cabelo dourado e o colocou atrás da minha orelha.

Ele então, respirou fundo e se afastou de mim.

—Eu terei calma com você. Tire esse vestido pesado. Sei que não deve ser fácil estar dentro dele. Hoje nós não faremos nada, apenas dormiremos juntos.

Eu congelei completamente surpresa. Meu coração parou, mesmo para uma batida. Meus olhos se arregalaram quando olhei de volta para ele. Encantada com sua sensibilidade.

—Vamos seguir nossas tradições. Depois que tirar esse vestido e colocar algo mais confortável, lavarei seus pés. Então, se quiser, podemos conversar, nos conhecer melhor...

Eu sorri encantada.

—Eu gostaria muito disso.

Ele não parecia estar chateado com meu travamento, ao contrário, me olhava como se fosse um jogo ganho e só precisasse de tempo.

Zafir

Khadija se afastou de mim e se enfiou no banheiro com algumas roupas nas mãos. Eu tirei a minha também e só coloquei uma calça de pijama. Logo minha mente me avisou para ter cautela, por isso coloquei também uma camiseta, cobrindo completamente meu corpo.

Caminhei até a janela e pela vidraça pude ver a lua cheia. Uma coisa eu tinha, paciência. Casado há três anos com Jamile, eu adquiri convivendo com ela. Ouvi muitas palavras atravessadas em seus dias de mau humor por causa da maldita TPM, suas negativas ferozes quando eu a convidava a um jantar de negócios. Ela só queria sair para festas da alta sociedade. Minhas reuniões, ela não se interessava. Dizia que só haveria “conversas chatas”.

Eu sabia que meu casamento era um fracasso total, mas eu me acomodei e ela nunca cometeu um grave delito para que eu pudesse repudiá-la. Fora que na minha religião eu não poderia pecar com um “*casamento halal*” Que era quando um homem se casava, mas **sem** a intenção de estabelecer uma família, ou viver o dito “para sempre.”

Eu tinha no meu coração que o casamento era sagrado. Eu assimilei esses valores com meus pais. Embora eles não tivessem um casamento modelo de perfeição, era nítido que se amavam. Nem sempre foi assim, pois meu pai nunca foi uma pessoa fácil.

Eu creio que eu tenha puxado isso para a minha mãe, ela era uma pessoa da paz. Tinha temperança, calma, otimismo, boa vontade. Foi ela que domou a fera, com muita paciência.

Ouvi a porta sendo aberta e me virei. Khadija apareceu numa camisola larga e fechada. Eu não me surpreendi com isso. Era exatamente o que pensei que ela vestiria.

Sorri para ela e a convidei.

—Sente-se. —Aponte a cama.

Ela se sentou. Eu peguei a bacia e a jarra com água e coloquei no chão. Peguei seu pé formoso. Lindo como ela. Pequeno, dedinhos curtos, unhas com formato delicado.

Lavei então seus pés, um e depois outro. Meus dedos polegares, o tempo todo lhe fazendo carinho enquanto a outra mão despejava a água em seu pé. Sequei seus pés com delicadeza, com a toalha que tinha colocado nos ombros. Quando finalizei o ritual, eu procurei seus olhos. Ela estava corada, constrangida com minha posição servil.

Ela então, recolheu os pés na cama e se ajeitando no travesseiro se sentou, cobrindo as pernas.

Menos mal. Pensei que ela se viraria para dormir. Eu me levantei e joguei fora a água e guardei tudo num armário e me sentei a sua frente. Ela parecia tão vulnerável sentada sob os travesseiros.

—E então, Khadija? Qual é sua história?

Ela me olhou séria por um tempo. Eu podia ver em todos os sentidos sua criação. O quanto foi podada, o quanto ela foi obediente em seguir as regras. Parecia um passarinho assustado que pela primeira vez saiu da gaiola e agora não sabia o que fazer.

Não gostaria que ela se sentisse numa gaiola dourada com o casamento. Gostaria que ela estivesse feliz ao meu lado.

—Minha mãe era inglesa. Loira de olhos azuis. Casou-se com meu pai que nasceu aqui no Marrocos, e que foi pequeno para a Inglaterra. —Seus olhos lindos brilharam por lágrimas não derramadas. —Não sei muito a

história de meu pai. Meu tio, irmão dele, nunca me contou. Mesmo quando eu abordava o assunto e eu entendi que eles nunca aceitaram o que meu pai fez. O fato de ele se casar com uma inglesa e assimilar outros costumes foi um escândalo. Até meus nove anos fui criada nos costumes ingleses. Minhas roupas eram como das meninas da minha idade, lindas, coloridas...nós não éramos ricos, mas também não éramos pobres.

Ela baixou a cabeça e respirou fundo. Olhou para mim e continuou: — Um dia, no aniversário de onze anos de casamento dos meus pais, eles saíram para jantar fora para comemorar e eu fiquei de dormir na casa da vizinha. Poucos metros depois, de eles terem saído de casa, foram atingidos por um carro em alta velocidade e morreram no acidente. O motorista estava bêbado. —Ela fungou. — Desde então, minha vida deu uma guinada de 360 graus. Fui morar com meus tios tradicionalistas até os dias de hoje. Estudei até o ensino médio. Tenho sido preparada desde então para casar. Fiz cursos de culinária, etiqueta, costura. —Ela suspirou. —Quanto à minha vida social, fui poupada. Nunca saí sozinha. Sempre acompanhada com meus tios em festas familiares.

Meu coração se apertou de ver a dor no rosto dela. Ela enxugou algumas lágrimas com raiva, como se não gostasse de chorar por isso.

—Lamento muito pelo que te aconteceu. Posso te dar um abraço? Não é muito, mas é o que eu posso te oferecer nesse momento.

Eu abri meus braços. Ela assentiu para mim. Eu me sentei mais próximo dela e a envolvi com eles. Passei a mão carinhosamente em suas costas, sentindo seu estremecimento e suas lágrimas nos meus ombros.

Não! Eu não falaria da minha primeira esposa. Eu falaria qualquer assunto, menos dela.

Quando nos afastamos, por um tempo, não nos falamos muito. Apenas as pequenas perguntas que eu fiz sobre música e filmes, qualquer coisa para preencher o silêncio, para deixá-la mais alegre, feliz. Minha mão segurava a dela com carinho enquanto conversávamos.

Falei então um pouco de mim.

—Nasci em berço de ouro, mas aquilo que todos veem como um grande benefício pelo que o material pode trazer, para mim foi um peso. Desde cedo fui preparado para assumir os negócios. Não tive uma infância normal. Aprendi muitas línguas, muitos cursos, fiz natação. Em tudo eu me esmerava em ser o melhor. Por ser filho único, meus pais esperavam muito

isso de mim.

—Por que seus pais não tiveram mais filhos? —Ela me perguntou interessada.

Eu suspirei.

—Quando minha mãe deu à luz, ela teve uma grande hemorragia, tiveram que tirar seu útero.

Ela assentiu.

Eu a olhei extasiado com tanta beleza. Reparei como brilhava seus cabelos à luz das velas perfumadas, com o mesmo aroma do incenso. Estas que já estavam para se apagar, pois parafina já estava no fim. Ela bocejou, e desviou seus olhos, constrangida por isso.

Eu sorri.

—Durma. Temos uma vida para nos conhecermos melhor.

Desde que coloquei meus olhos nessa figurinha frágil, instigou-me a vontade de saber tudo sobre ela e poder ter mais tempo com ela. Por isso mudei meus planos. Os cinco dias que programei para ficar no Marrocos se transformaram em quinze dias inteiros em Paris. Iríamos rumo à cidade luz, do amor e dos apaixonados, onde muitos casais já trocaram juras de amor naquele belo cenário.

Qualquer mulher iria me agradecer por isso, mas Khadija era diferente de todas elas. Por isso eu disse cuidadoso: —Khadija, amanhã à tarde, parte nosso voo para Paris.

Ela piscou os olhos.

—Paris?

Eu assenti, enquanto ela me olhava sem saber o que dizer. Logo depois da recepção conversei com papai e pedi para ele comprar as passagens para mim e Khadija.

—Você tem algum problema com relação a isso?

—Não, mas lá é tudo tão...tão...

—Sofisticado?

—Sim...eu não tenho roupas para um visitar um lugar tão glamoroso como aquele.

—Isso é fácil de se resolver. Quando chegarmos lá, compraremos tudo novo. Roupas, sapatos, tudo que você quiser.

—Tudo..o novo?

—Sim. Tudo novo.

—Tudo bem...eu vou adorar ir com você para Paris.

Eu sorri aberto.

—Ótimo.

Ela me estudou, então perguntou cuidadosa: —Que tipo de roupas usarei? Você é do tipo tradicionalista? Eu vou seguir os costumes? Ou poderei me vestir como uma mulher normal?

Ela esperava minha resposta com o rosto rubro, eu sorri e disse calmamente para ela.

— Não sou tradicionalista. Te darei toda liberdade para escolha. Poderá comprar roupas lindas, coloridas, desde que sejam comportadas.

Do jeito que ela sorriu para mim, percebi que ganhei pontos com ela.

— Shukran(Obrigada) por respeitar minhas escolhas.

— Ahlan beka(Por nada) Me inclinei e pegando seus ombros beijei sua testa.

—Boa noite, habibi.

Khadija Dizem que ninguém se esquece da primeira vez que pisa em Paris. Eu seria uma delas....

Encanto, espanto, surpresa, deslumbramento, alegria e prazer. Tudo isso ao lado de um homem maravilhoso....

Às dez horas da noite descemos no Aeroporto Charles de Gaulle. Fomos até área de desembarque e pegamos nossas malas; uma minha, só com poucas roupas. Duas grandes de Zafir.

Quando nos viramos, um senhor de meia idade, se aproximou dele.

— Seigneur. Avez-vous fait un bon voyage?

— Oui, merci. Charles. C'est ma femme, Kajira.

Eu fitei a cena confusa. *Quem era esse senhor?*

— Bienvenue, mademoiselle. —Ele se inclinou para mim.

Eu sorri. Quando ele pegou nosso carrinho e se dirigiu para a saída, Zafir colocou sua mão na minha cintura.

—Quem é esse senhor? Por que ele está levando nossas malas? —Eu perguntei para ele intrigada.

Zafir sorriu docemente.

—Esqueci de te dizer. Tenho um apartamento aqui. Ele é um tipo faz tudo, mordomo, motorista...

Eu fiquei surpresa, mas não disse nada, apenas assenti para ele. Não era de se admirar. Zafir era rico, claro que tinha uma propriedade aqui.

Dez minutos depois, o senhorzinho guiava um carro preto sedan, enquanto, lá estava eu, abraçada a Zafir com um meio sorriso no rosto, olhando tudo como quem sonha e consciente do homem lindo, maravilhoso e cheiroso ao meu lado. O cenário era lindo lá fora. As ruas com as árvores iluminadas com pequenas lâmpadas, enfeitadas por causa do final de ano.

—Gostou, habibi? —Ele perguntou docemente.

—Se gostei? Tudo é tão lindo! —Eu disse para ele com olhos sonhadores. —Obrigada.

—Eu sabia que você iria gostar. Multiplique por três o deslumbramento que está tendo. Isso é só o início daquilo que viveremos aqui. Je fais n'importe chose à regarder son sourire. —Ele traduziu. — Faço qualquer coisa para ver seu sorriso.

Eu me estiquei e lhe dei um beijo de leve na boca, Zafir tomou minha cabeça entre as mãos e me puxou para ele, seus lábios se moveram sobre os meus, de maneira suave no início, me persuadindo. Quando eu me derreti, seu beijo se tornou mais profundo, exigente, roubando-me o fôlego.

Quando nos afastamos eu estava ofegante. Eu olhei na hora o retrovisor do motorista, mas ele estava compenetrado no trânsito. Zafir tocou meu queixo carinhosamente com um sorriso.

—Ele sabe que não deve olhar.

Eu sorri para ele corada.

—Amanhã iremos comprar roupas novas.

Eu assenti para ele. Tinha até me esquecido do vestido largo e cinza horróroso que eu usava.

— Shukran(Obrigada).

As minhas rugas de preocupação se foram, eu me sentia feliz, estava ao lado de um homem sensível, calmo e ele transmitia uma paz maravilhosa, era um verdadeiro *gentleman*.

Charles estacionou em frente a um edifício charmoso bem ao estilo francês. O carro estava quentinho com o ar condicionado ligado, mas lá fora eu sabia que estava um frio de matar. O painel do carro marcava a temperatura lá de fora, 10 graus.

Apertei meu casaco grosso preto em cima do meu feio vestido cinza, eu usava botas de cano alto e meias grossas que deixavam meus pés e pernas protegidos contra o frio.

Charles abriu a porta. Zafir desceu dentro de seu lindo sobretudo

preto que cobria seu terno caro, também preto sob medida. Ele me deu a sua mão, me ajudando a sair do carro. Logo senti o conforto do seu corpo quando ele envolveu seu braço na minha cintura. Caminhamos assim por um tempo e depois de mãos dadas no hall do edifício. O elevador estava aberto, entramos nele. Charles seguiu para o de serviço com as malas.

Eu senti os olhos de Zafir em mim eu ergui minha cabeça e encontrei seus olhos negros. Nessa hora ouvi seu celular vibrar, no bolso de seu casaco. Ele não se deu o trabalho de ver quem era. Depois de um tempo, o silêncio. A porta do elevador se abriu. Saímos para o corredor. Eu caminhei ao lado dele e ouvi seu celular vibrando novamente.

Ainda no corredor, vi quando ele o tirou do bolso e fitou o visor. Suas mandíbulas se contraíram e ele o desligou, então procurou meus olhos.

—Sem ligações essas duas semanas. —Ele disse com um sorriso. — Não quero nada entre nós.

Eu sabia que ele era um homem de negócios. Com certeza, ele tinha muitas questões que dependiam de sua decisão no trabalho, por isso senti um grande peso nas palavras dele. Eu sorri para ele, me sentindo importante em sua vida. Esse homem era perfeito demais, tanto que eu me sentia dentro de um conto de fadas.

—Não deve ser fácil ser você. —Eu disse, passando meus olhos por seu rosto.

Ele me estudou intrigado.

—Por que diz isso?

—Eu notei seu abatimento, suas olheiras.

Ele me olhou surpreso, mas não me respondeu. Seus olhos mudaram para meigos e ele se aproximou mais de mim e me envolveu com seus braços, ali mesmo no corredor de ladrilhos brancos, muito bem iluminado.

Eu já tinha percebido que ele não era muito preso as tradições, pois se o fosse, ele não me abraçaria ali daquela maneira. O árabe tradicionalista jamais exporia sua intimidade dessa forma. Ele ergueu meu queixo eu fechei os olhos. Ele então, me deu um beijo singelo na testa e se afastou de mim.

Eh, nem tão moderninho assim...

— É melhor irmos.

A voz grave e sensual me deixou toda arrepiada.

— Sim. — Respondi com rouquidão na voz.

Charles apareceu com nossas malas. Zafir pegou uma delas. Fomos parar em frente a uma grande porta pintada de cor ouro-envelhecido de número quarenta e cinco pintado em dourado. Charles a abriu com chave e entramos no interior do apartamento. Logo que entrei vi um volumoso buquê de rosas vermelhas no meio da mesa da sala de jantar. Papéis de paredes creme, quadros com desenhos abstratos coloridos, apliques dourados, cortinas duplas, móveis de estilo moderno, carpete creme, enfim, um lindo apartamento, majestoso.

Quando entramos senti a temperatura agradável. Zafir logo me ajudou a tirar meu casaco e depois tirou seu sobretudo os colocando em cima de um lindo sofá creme.

Uma brisa fria entrava pela janela que cheirava a inverno. Era minha estação preferida, a do aconchego. Fiquei imaginando em que época do ano, ou que momentos, Zafir usava esse apartamento. Ele era tão grande que parecia amplificar a solidão.

Ele o usava com seus pais? Sozinho?

Uma senhora esbelta surgiu na sala.

—Seigneur, bienvenue.

—Merci. Elissa. c'est ma femme, Kajira.

—Bienvenue, mademoiselle. —Ela se inclinou para mim. J'espère que vous apprécierez votre séjour. Puis-je vous servir quelque chose à manger?

Eu não entendia nada do que ela falava. Zafir olhou para mim.

—Está com fome, habibi?

—Não. Mas te faço companhia se você estiver.

Zafir era muito expressivo, percebi como minhas falas o agradaram e ele sorriu levemente para mim. E voltou-se para a empregada.

—Non, merci, Elissa.

Eu sorri para ela e me senti medida por seus olhos verdes. Ela fez uma reverência e deixou a sala.

Ela deveria estar se perguntando: *O que um homem como Zafir viu numa mulher que se vestia como eu me vestia?*

Logo estávamos no quarto. Tirando nossas roupas da mala e distribuindo no guarda roupa. Embora fosse um executivo de sucesso, ele era

muito ativo nas tarefas corriqueiras. Eu amei isso nele.

Quando coloquei a última peça na gaveta da cômoda, eu me sentei na cama.

Esse homem era perfeito demais. Pensei o observando guardar suas roupas íntimas em uma gaveta.

Eu descobriria algo nele que me desagradaria?

Meu coração se apertou com esses pensamentos, me repreendi por pensar assim e passei os olhos pelo quarto. Era lindo. A cor pastel e dourado predominava nele, como em todo apartamento.

Será que ele que o tinha decorado?

—Zafir?

Ele que colocava um casaco no cabide, parou por um momento e olhou para mim.

—A decoração do apartamento foi sua? Ou você o comprou assim?

—Não, eu o decorei. Você gosta?

—É lindo. Você vem muito para cá?

Percebi que tão logo a minha pergunta deixou a minha boca, ele apertou os seus lábios, seu corpo se enrijeceu e ele se endireitou e negou com a cabeça.

—Não. Há anos não venho para cá.

—Por quê?

—Não sei. Quem mais vem são meus pais.

Assenti para ele e fiquei com receio de insistir em perguntar o porquê. Eu cria que era por causa do trabalho e não queria estragar nossa lua de mel fazendo-o se lembrar dele.

—Eu vou tomar um banho.

Ele se aproximou de mim, fazendo meu coração disparar no peito. Suas mãos envolveram minha cintura. Meus joelhos tremeram. Ele estudou meu rosto, os olhos negros profundos movendo-se sobre ele. Um sorriso lento se espalhou em seu rosto.

—Sinta-se em casa. Se tiver vontade de ir até a cozinha, abrir a geladeira, explorar a casa, agora tudo aqui te pertence.

Concordei com a cabeça. Sutilmente respirei seu cheiro mais uma

vez. Allah! Seu perfume era tão bom.

—Está certo. Obrigada.

— O prazer é meu, habibi.

Ele piscou, e deu mais um sorriso de parar o coração antes de se afastar de mim e voltar a guardar suas roupas.

Depois de tomar um banho quente, coloquei minha camisola, abri a porta do banheiro com o coração agitado, as pernas moles.

Zafir estava sentado numa poltrona com os olhos fechados, quando ele sentiu minha presença no quarto, ele se levantou e pegou seu pijama que estava dobrado na cama.

Tadinho. Será que eu demorei?

—Perdoe-me se demorei muito no banho.

Ele sorriu jovial para mim.

—Você é a mulher mais descomplicada que eu já conheci. Você até que foi rápida.

Não gostei da comparação que ele fez quando se referiu a outros tipos de mulheres. Deveria ser bem experiente quanto a isso. Mas eu não disse nada, assenti para ele séria e me enfiei debaixo das cobertas.

O que eu esperava? Ele tinha trinta anos nas costas. Com certeza era um homem vivido.

Bocejei, ajeitando melhor o travesseiro. Na noite anterior quase não dormi. O agito do casamento, depois o nervosismo da nossa primeira noite juntos, tudo isso me tirou o sono. Agora meus olhos estavam tão pesados.

Acordei com a luz do quarto incidindo em meu rosto. Ao abrir meus olhos me deparei com Zafir virado para mim, me observando enquanto eu dormia. Minha respiração ficou pesada, meu coração disparou num ritmo frenético no meu peito.

Com olhos semicerrados para mim ele olhava para mim. Os cabelos negros revoltos o deixavam muito sexy. O sorriso nos lábios dele e o convite no olhar eram demais, chocando-me e me lembrando que eu lhe pertencia e o porquê eu estava ali com ele.

—Sabah el khair. (Bom dia) —Ele disse lentamente.

Eu lhe dei um sorriso.

—Sabah el khair.

Seus olhos focaram minha boca, antes de procurar meus olhos. Meu coração trovejava em meu peito, quando me ergui pairando sobre ele. Meus cabelos caindo no meu rosto eu me aproximei dele e o beijei. Ele em resposta ergueu os braços segurando meu rosto e com um gemido aprofundou.

Sem quebrar o beijo, ele me colocou sobre o travesseiro, e beijou lentamente minha boca. Meu corpo inteiro se aqueceu com o jeito envolvente que sua língua se enroscava na minha. Ele passou as mãos pelos meus braços suavemente, que ficaram cobertos de arrepios. Seus lábios eram tão macios, suaves... que cada polegada de mim ficou em chamas.

Zafir

Eu me inclinei e beijei suavemente ao longo de sua mandíbula e logo abaixo da orelha.

Ela cheirava tão bem, um perfume doce, como jasmim e rosas. Tão diferente... khara! (Merda!) Não quero pensar em Jamile agora.

Voltei a beijar-lhe suavemente a concha de sua orelha.

—Eu não vou pressioná-la para qualquer coisa. —Sussurrei em seu ouvido, sentindo como ela estava nervosa. Então eu a encarei com as pupilas dilatadas de desejo. Torcendo para ela se entregar de coração e alma. —Não quero que faça amor comigo por obrigação ou gratidão.

Ela me olhava afogueada, sua respiração agitada soprando em meu rosto.

—Não, eu te desejo. Eu quero isso.

Eu sorri de satisfação, retornei com beijos leves por todo seu pescoço antes de chegar a sua boca. Beijei-a lentamente, suavemente, e seu corpo estremeceu. Ela separou os lábios e me beijou de volta. Ela parecia ansiosa, pressionando com mais força contra minha boca. Seus lábios eram tão macios, suaves; embora ela me beijasse com ânsia crescente.

Eu tirei minha camiseta rápido. Seus olhos correram o meu peito, e depois procurou os meus olhos.

—Tire sua camisola, quero te sentir.

Eu me afastei e esperei. Khadija com mãos trêmulas puxou sua camisola, eu a ajudei a se livrar dela. Seus seios rosados surgiram juntamente com sua calcinha de seda preta. Eu a puxei devagar me livrando dela. Me levantei da cama e tirei toda a minha roupa e me uni a ela na cama.

Eu estava tão excitado que tive medo de perder o controle antes da

NACIONAIS-ACHERON

hora. Eu não podia colocar tudo a perder da maneira como meu corpo queria extravasar desesperadamente. Eu amava dar isso para as mulheres. Lentamente envolvê-las antes que explodissem de prazer e clamassem para eu penetrá-las. E mesmo porque, Khadija era diferente de todas elas. Eu queria ser perfeito.

Ela gemeu quando meus lábios se encheram com seus seios. Eu amei isso, ela chamava meu nome baixinho. Adorei ver o quanto ela estava solta agora em minhas mãos. Eu a beijei novamente, tão profundamente, que estavam sem fôlego quando finalmente me afastei. Então segui escorregando os lábios no seu corpo, beijando seu pescoço e lambendo sobre os mamilos rijos. Eu a senti mais receptiva lá, então eu o explorei um de cada vez lentamente.

Kadija estava com a respiração alterada e eu podia ouvir os batimentos cardíacos dela e eu apreciei isso.

Mordisquei até suas coxas, deixando trilhas molhadas, ela se contorceu e gemeu alto, isso enviou faíscas para o meu membro duro. Suas mãos começaram a me explorar, sua timidez tinha ido para o espaço, eu sorri satisfeito com a mulher ardente que ela estava se revelando. Suas unhas se cravando na minha pele quando eu a toquei mais intimamente.

Eu a encarei, seus olhos me pediam para levá-la ao auge. E eu fiz isso, rompi devagar a barreira da sua virgindade. Ela era tão apertada, e eu senti ondas de prazer, e quase sem respirar me movi dentro dela, fazendo-a gemer envolta em êxtase. Seu rosto estava corado, seus olhos fechados.

Eu me movia e engolia cada gemido com minha boca em sua boca, me segurando ao máximo. Eu merecia um prêmio de autocontrole, pois ela me deixava louco.

Quando ela tremeu debaixo de mim, explodindo com seu orgasmo, eu também me rendi e eu podia dizer que essa foi a melhor noite de amor que eu tive. Um sentimento ruim também explodiu dentro de mim quando me dei conta que eu fazia sexo com Jamile mecanicamente e agora eu ia ter que lidar com isso. Era um tapa na minha cara, mostrando-me que eu e ela não tínhamos química nenhuma. Não seria fácil ter que dividir meu tempo com Jamile, quando eu queria estar com Khadija.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 4

Khadija

Aqui em Paris, gula não é pecado nem algo imperdoável. Aliás, era um rito indispensável que nos leva ao paraíso.

Saímos para almoçar fora. Fomos na Brasserie Balzar (49 Rue des Ecoles 75005). Os maitres e garçons foram muito atenciosos e alegres, prontos a sugerir o prato do dia. O cardápio foi maravilhoso a experiência de comer *aile de raie française façon grenobloise, pommes vapeur*, que era arraia com muita manteiga e alcaparras acompanhada com batatas cozidas. Delicioso, como um manjar dos deuses. Eu sei que muito tinha a ver com o lugar que estávamos, segundo Zafir, era o prato predileto do Johnny Depp.

Aqui em Paris, os turistas compravam desenfreadamente. Os franceses olhavam tudo com certo desdém para as imensas sacolas que todos carregavam. E eu e Zafir éramos um desses turistas. Na galeria Lafayette, no meio daquele formigueiro humano, esbarrando nas sacolas das pessoas; ouvindo todas as línguas do mundo, eu fiz minhas compras. *Um guarda roupa inteiro.*

Zafir impecável, paciente sentava-se toda hora em alguma loja à espera da esposa que parecia uma dondoca experimentando roupa. Todas elas

NACIONAIS-ACHERON

coloridas, estilo advogada, juíza, repórter. Lindas e comportadas. Vestidos, saias, camisolas, sapatos, chapéus, casacos, tudo que eu precisava e mais do que eu podia imaginar.

Já na primeira loja que fui, deixei minhas antigas roupas escuras no lixo e saí de lá vestida com um lindo vestido vermelho. E pasmem! Zafir não reclamou. Ao contrário, quando ele me viu sorriu, seus olhos me percorreram dos pés à cabeça com aquele olhar de predador que eu passei a amar. Na rua o frio era intenso, e eu coloquei meu casaco preto de pele sintética.

Quando voltamos para casa já era tarde. Zafir parecia esgotado. Mas agora eu sabia como recompensá-lo. Logo que entramos na sala, Elissa veio nos receber. Quando ela me viu, não disfarçou sua surpresa. Eu me senti dentro do filme "Uma Linda Mulher", com Richard Gere e Julia Roberts.

Ela logo se prontificou para levar as minhas sacolas e guardar as roupas, enquanto Zafir caía estatelado de cansado no sofá. Elissa foi com um par delas, eu, antes de ir fui até ele e me agachei em seus joelhos. Ele abriu os olhos.

— O que fez hoje por mim, jamais irei esquecer. Shukran, habibi (Obrigada, meu querido.) - Eu disse docemente o tocando em sua mão.

—Ahlan beka, habibi. (Por nada, minha querida).

Eu sorri para ele.

—Vem, vamos deixar essas sacolas de lado. Agora eu vou cuidar de você.

Ele sorriu com leveza.

—Elissa já foi para o nosso quarto.

—Não preciso de Elissa para guardar minhas coisas. Vem, vamos!

Zafir sorriu para mim e se levantou e caminhamos de mãos dadas até o nosso quarto. Elissa que já ajeitava tudo no pequeno closet, quando viu seu comando com os olhos para ela sair, obedeceu, antes de ele dizer: —Merci, Elissa.

Era inacreditável a felicidade que eu sentia ao lado de Zafir, pensei nisso sentada em cima dele aplicando-lhe uma massagem. Eu tinha trocado meu vestido fashion, e meu casaco de pele grosso por um de algodão branco de mangas compridas. Minhas mãos deslizavam em suas costas por causa do óleo de amêndoas. Ele era simplesmente lindo. Perfeito. Que costas poderosas! Com certeza isso se devia aos anos que ele tinha feito natação.

NACIONAIS-ACHERON

Nós já tínhamos tomado banho juntos e feito amor. Mas dessa vez foi diferente, Zafir fez de um jeito mais carinhoso, mais envolvente, como se pensassem em cada gesto, cada toque. Cada vez mais, ele me surpreendia com suas atitudes, com seu carinho.

Durante muitos anos, eu pensei que o amor era um conto de fadas, que aquela paixão que eu raramente assistia em filmes, pois meus tios me podavam muito, era algo cinematográfico.

Hoje eu vejo que não. Ele existe, e não me sentia enfraqueceria por isso. Era bom estar apaixonada, era muito bom se render ao amor.

Quando acabou minha massagem, eu saí de cima dele. Zafir suspirou.

—Allah! Como isso foi bom. —Ele disse se virando para mim. Eu sorri para ele com meiguice.

—Que bom que gostou, habibi.

—Vem, deite-se comigo. —Ele me puxou para os seus braços e nos cobriu, pois mesmo com o ar condicionado, o quarto estava um pouquinho frio.

Zafir

Cada toque gentil e olhar apaixonado que ela me dava, cada vez que ela sorria para mim, eu me sentia completo. Quando eu via em seu rosto a felicidade, isso me enchia de tanto prazer que jamais pensei que fosse possível sentir.

Eu a amava.

Finalmente eu conheci esse sentimento. Durante tanto tempo, viveu dentro de mim um ceticismo de que isso pudesse acontecer. E agora que aconteceu, eu me sentia a pessoa mais feliz do mundo.

Parte de mim sabia que minha realidade futura seria dura. Que tinha mais uma esposa para me preocupar e administrar, mas eu me recusava a pensar nisso nesses dias, pois toda vez que eu pensava, meu cérebro se tornava preocupado, rixoso, como se me preparasse para uma grande batalha.

Por hora, eu queria sentir a plenitude do amor, tanto da minha entrega como de Khadija. Sem passado, sem futuro, só o presente entre nós. Minha conexão com Khadija era tão grande, que eu me sentia satisfeito e se pudesse,

jamais transaria com outra mulher que não fosse ela.

Com Khadija, eu fazia amor, com Jamile eu fazia sexo. Essa era a grande diferença entre as duas...

Nos meus costumes tudo tinha que ser repartido igual. Se eu fizesse amor com Kadija num dia, eu teria que fazer no outro com ela. Se eu lhe desse um presente, ela receberia igual também.

Com Jamile eu me sentia exaurido, cansado, parecia que nada estava bom para ela. Eu conseguia ver o vazio que era a sua alma. Ela dizia que me amava e eu me perguntava se ela sabia o que era amor. Ou estava enganada, pensando me amar? Não! Ela não me amava!

Afastei meus pensamentos e fitei a mulher linda com a cabeça repousada no meu peito, seus lindos olhos verdes agora estavam fechados. Sorri bebendo a figura dela. Cílios negros e longos, a pele de porcelana, os cabelos castanhos espalhados no meu peito.

Allah! Com ela, eu me sentia com meus dezoito anos novamente. Novo, revigorado. Ela conseguia deixar meu ambiente mais leve. Isso era tão bom que me assustava, era a felicidade plena, trazendo insegurança do amanhã que talvez viesse para estragar tudo.



Capítulo 5

Khadija

Aqui em Paris, andar de bicicleta não era mais comum do que pegar um carro. Crianças, jovens e mulheres de meia-idade, com sua bicicletinha com uma cestinha na frente, todos andavam. Conclui que por isso as francesas eram tão magrinhas.

Estar com Zafir, descobri que podia fazer coisas diferentes. Me reinventar.

Eu e ele pedalamos muito. Mesmo num friozinho de dez graus, não ficamos morgando em casa. Pode parecer uma coisa banal andar de bicicleta. Mas foi uma experiência maravilhosa. Eu aprendi a pedalar, na época que meus pais eram vivos, e viver essa experiência novamente e com ele, era algo extraordinário, libertador, e muito, mas muito gratificante.

A *Cidade Luz* era maravilhosa. Não estava aconchegante, porque o vento provoca um frio de rachar, mas eu me sentia viva. Zafir então, parecia um menino. Lindo, jovial naquela calça de veludo marrom, blusa de lã preta, luvas, touca e cachecol.

Na esquina de uma linda catedral paramos nossas bicicletas. A fachada era esplendorosa. De mãos dadas sorrindo fomos a uma loja de chocolate. Tomamos chocolate quente e eu comi um bombom maravilhoso de fazer salivar. Paris era uma cidade definitivamente para *comer, rezar e*
NACIONAIS-ACHERON

amar...

Tem coisas na cidade que me chamaram a atenção. Nunca vi tanto restaurante japonês bom e barato, uma verdadeira febre asiática. Mais tarde, depois de pedalarmos mais um pouco, fomos a um deles. Comemos seis guiozas. (Arroz, salada e sopa), além de yakitori (espetinho) de queijo, num clima de risos e cumplicidade. Zafir conhecia todos os pratos e falava direitinho eles. Numa de nossas conversas, fiquei chocada quando ele me disse que sabia falar um pouco de japonês.

Ai, ele era PER-FEI-TO....

Logo que saímos do restaurante, encontramos homens e mulheres de nossa cultura. Muito orgulhosos de nossa origem, os ditos tradicionalistas. Eles seguiam com rigor nossos costumes. Mulheres com a **Shayla** (lenços nos cabelos), vestidas com o **Jelabiahs** cobertas com as **abayas**. Jelabiah é uma roupa tradicional, semelhante a uma túnica longa até os pés, bastante colorida. Caso a mulher vá vestida assim em algum evento, ela geralmente colocará a abaya por cima e somente a removerá quando já estiver no local, na parte reservada para as mulheres. Os homens árabes usavam sobretudo em cima de seus ternos caros e relógios de ouro.

Eu encarei Zafir nos olhos com um sorriso. Eu me sentia tão livre com ele. Eu me passava fácil por uma francesa. Já ele, não. Embora estivesse vestido como um turista, ele, como os homens, carregava nossas origens na genética do formato de seu rosto. Aqueles olhos negros e nariz aquilino, seus traços fortes o denunciavam. Ainda mais agora, que ele usava uma linda barba semicerrada.

Quando chegamos em casa, caímos na cama exaustos. Tiramos um cochilo abraçados. Eu encaixada nele. Allah! Como era bom acordar com os braços de Zafir envolta do meu corpo, sentindo sua respiração no meu pescoço.

Horas depois, umas sete horas da noite, nós fomos para a sala. Surpresa, eu me deparei com uma linda mesa arrumada para dois à luz de velas. A mesa foi arrumada com capricho, com um lindo vaso de rosas vermelhas no centro, pratos de porcelanas desenhados com pequenas flores azuis, com certeza pintados à mão. A sala com aquela aparência aconchegante por causa da pouca iluminação que vinha somente das velas e um abajur aceso distante.

Fitei Zafir com um sorriso e o abracei em agradecimento.

NACIONAIS-ACHERON

—Jamil. (Lindo). Ana bahebak (Eu te amo) Zafir me apertou nos braços e me olhou com olhos ardentes.

—Eu sabia que ia gostar. Ana 'aydaan Ana bahebik (Eu também te amo) Vivemos ali, momentos de cumplicidade.

Olho nos olhos.

Sorrisos.

Sua mão de vez em quando apertando a minha mão...

Oui.

J'aime, ou melhor, *j'adore* Paris, a vida, meu marido, tudo...

Foi bom andarmos pelas ruas de Paris sem rumo. Olhar para o lado e se surpreender com diversos cenários. Pegar caminhos inusitados, descobrir uma esquina, um impasse (beco sem saída), uma escultura, ou até mesmo a Torre Eiffel.

Num desses dias, depois de ver o Louvre, Zafir me levou para conhecer a Torre. Não existe quem vá a Paris e não suba até seu ponto mais alto. A Torre Eiffel é um dos símbolos que permanecem vivos no imaginário de todos, é um ponto de referência. Considerada uma das sete maravilhas do mundo, sobreviveu à guerra e à destruição.

Esse dia foi maravilhoso, ficar lá no alto abraçada a Zafir foi algo realmente de outro mundo. Parecia que tínhamos o mundo aos nossos pés. Por um momento nos sentimos imbatíveis....

Dias depois de percorrer Paris inteira, visitando pontos turísticos, fomos a mesquita. Depois de tirarmos os nossos sapatos, entramos no lugar das orações e fizemos nossos pedidos para Allah. Eu nessa hora pedi a Ele, que abençoasse meu casamento e para que o amor entre nós nunca perdesse a intensidade.

No dia seguinte, tiramos para ficar em casa. Eu olhava pela janela para a rua chuvosa lá de fora, quando senti a presença de Zafir atrás de mim. Meu corpo tremeu com o calor que emanava dele e seu perfume divino. Logo fiquei agitada em todos os sentidos.

—Você está linda nesse vestido.

Eu me virei para ele.

—Você também está muito lindo nessa roupa de bárbaro. —Me referindo ao Dishdasha branco que ele usava.

Ele me abraçou e soltou uma risada baixa enquanto seus lábios roçavam os meus. Logo seus lábios estavam sobre os meus, os movendo com paixão. Eu correspondei, o abraçando mais e trazendo sua cabeça mais para perto.

Quando nos afastamos ele olhou para mim por um momento, como se me estudasse e perguntou: —Está entediada? Preocupada?

—Quem? Eu? —Sorri para ele. —Nunca! Eu te amo. Com você, onde quer que eu esteja, ou o que eu estiver fazendo, estou feliz.

Ele suspirou.

—Amanhã voltaremos para a nossa realidade. Daremos adeus a tudo isso.

Ele estava muito sério com isso.

—Eu me casei para isso, para vivê-la com você. Sei que seu dia será puxado, eu vou tentar me distrair. Adoro ler, cuidar das plantas, sei lá... me ocuparei de algum jeito. —Suspirei. —E.... do jeito que fizemos amor como coelhos, acredito que logo teremos um presente de Allah.

De repente, ele segurou meu queixo e forçou meu rosto para olhar para ele. Seu aperto era duro, mas não doloroso. Olhei em seus olhos tempestuosos. Eu estranhei isso nele.

—Eu te amo... —Ele confessou. —Lembre-se sempre disso. Bem, não vamos falar da nossa dura realidade e nem de coisas tristes....

Zafir me afastou dele.

—Como assim “coisas tristes”?

—Monsieur, est-ce que je peux déjeuner?

— Oui, Elissa. Vous pouvez servir le déjeuner.

O almoço se seguiu, a comida de Elissa era maravilhosa. Mas percebi que Zafir comeu muito pouco, remexeu a comida o tempo todo pensativo. Ele parecia cansado.

—Zafir? —Eu o chamei. —Ele ergueu o rosto inspirando

profundamente. —Está sem fome? Está tudo bem?

Um sorriso apareceu em seu rosto.

—Sim, por que não estaria? Estou ao lado de uma mulher maravilhosa. A mulher que eu amo.

Eu lhe dei um meio sorriso. Não queria ser chata, por isso me contentei com sua resposta. O trabalho deveria ser pesado, devia ter vários problemas para resolver. Uma ideia surgiu na minha cabeça. Talvez isso o animaria.

Eu dançaria para ele!

Quando finalizou o almoço, Zafir me deu um beijo na testa.

—Vá para o quarto e me espere lá. Preciso fazer algumas ligações.

Eu assenti, e ele sumiu no corredor.

Zafir

—Zafir! Como ousa? Como ousa sumir assim sem dar notícias? — Sua voz tremia do outro lado.

—Jamile. É natural. Eu acho que mereço umas férias depois de matar um leão por dia para te dar o melhor.

—Mas esse tempo todo você deixou o celular desligado! E se algo acontecesse comigo?

—Meu pai me ligaria aqui.

—Eu liguei para a casa de sua tia no Marrocos, ela disse que você viajou. Mas não me abriu nada. Aonde vocês foram? —Minha tia conhecia Jamile e seu jeito inoportuno, ela com certeza me ligaria aqui, por isso ela não revelou nada.

—Quando eu chegar, conversaremos.

—Você comprou alguma coisa para mim? —Ela perguntou melosa.

Merda!

—Não, ainda não.

—Ainda não? Você vem amanhã! Que horas pretende pensar em mim? Você não ia me trazer nada? Ia?

—Jamile, providenciarei isso. Está satisfeita?

—Não sei onde eu estava com a cabeça em concordar com tudo isso!
—Ela se queixou.

—Pensando na sua vaidade. Foi ela que me fez ter uma segunda esposa. Se tivesse aceitado a inseminação artificial, não viveria essa situação.

Allah obrigada!

Agradei em silêncio por te conhecido Khadija.

—Idiota que eu fui. Espero que tenha conversado com ela sobre os benefícios da primeira esposa.

—Jamile, boa tarde. Até amanhã.

—E?

—Beijos.

—Beijos, habibi. Estou com saudades.

Estava mesmo?

Eu não respondi e desliguei o celular. Como um leão enjaulado, andei de um lado para o outro no escritório. Sentei-me no sofá e passei a mão nos olhos.

Allah! Allah! Que situação insuportável...

Respirei fundo para me acalmar meus nervos em frangalhos.

Eu agora percebia mais nitidamente o quanto eu era um infeliz antes de conhecer Khadija. Eu não podia acreditar no homem que fui ao longo dos

anos. Era incrível pensar que eu passei minha vida toda trabalhando.

Trabalhei, trabalhei e trabalhei.

Sem feriados, sem finais de semana.

Só tinha contato íntimo com Jamile quando meu corpo pedia.

Allah! A verdade era que eu não tinha motivos para voltar para casa. Jamile nunca se importou. Ela se banqueteara com o luxo que eu lhe oferecia.

Tudo o que eu queria era dinheiro e mais dinheiro; status... eu não me dei conta que não estava vivendo, abri mão de qualquer tipo de lazer pelo, *para mim*, complexo fato de eu ser infeliz na minha vida amorosa.

Cerrei as pálpebras quando a verdade me atingiu. O amor não era tão simples. Essa conexão que eu tinha com Khadija era um milagre da união de duas almas gêmeas.

Alham dulillah!— Eu exclamei (louvado seja Allah!) Suspirei pensando nisso. Peguei as chaves do carro e saí de casa. Precisava comprar algo para Jamile, e daria para Khadija também.

Khadija Zafir estava demorando, eu então resolvi sair do quarto. Encontrei Elissa limpando os talheres de prata que estavam estendidos na mesa.

E agora? Eu não falava o francês.

—Zafir?

—Il est parti.

—Saiu?

—Oui.

Eu sorri fraco e assenti para ela. Voltei para o meu quarto, estranhando sua saída. Agitada, fiquei sem saber o que pensar.

Minutos depois a porta se abriu. Zafir surgiu com uma sacola na mão.

NACIONAIS-ACHERON

Havia alguma coisa no ar que eu ainda não entendia.

—Oi— Sorri de leve para ele, embora estivesse intrigada. — Onde você foi?

—Comprar um presente.

—Você não me disse nada... Pra quem?

—Me lembrei agora. Comprei um presente para você, é claro.

—Para mim? —Eu sorri e perguntei. — Posso ver? —Estendi a mão.

—Não, habibi. É surpresa. Quando chegarmos em casa eu te dou.

—Por que em casa?

—São as regras.

—Regras? Que regras?

Zafir sorriu.

—Allah! Khadija. Está muito questionadora hoje!

Sentada na cama, observei Zafir guarda a sacola dentro da mala e a colocar em um canto. Ele então se virou para mim.

Parecia tão cansado....

—Você tem me dado tantas coisas e eu não tenho nada para te dar...

—Eu disse triste por isso.

Zafir se sentou perto de mim na cama e passou a mão nos meus cabelos.

Seus olhos castanhos se conectaram com os meus, e com uma voz baixa e rouca, ele murmurou: —La Daruri.(Não é necessário.) Eu sorri novamente com aquela ideia que tive no almoço. Geralmente o homem árabe adorava esse tipo de coisa.

—Eu posso dançar para você. Quer?

Zafir deu um sorriso de canto de lábios.

— Você? Dançar?

— Sim, como uma odalisca.

— Allah! Eu adoraria. Não pensei que soubesse?

— Eu dançava com minha mãe e depois que ela se foi, dançava quando ficava sozinha no quarto.

— Eu amaria ver você dançar.

Eu subi na cama como uma criança feliz e saí dela num pulo e fui até o som portátil, ao lado dele vários CDs.

Eu já tinha ouvido algumas músicas quando Zafir saiu. Coloquei para rodar uma música, a mais ritmada e sensual que encontrei. Acertei o volume, suave, agradável e coloquei na pausa. Depois lhe dei o controle na mão.

— Quando eu entrar, você liga o som. Agora fica aqui, quietinho. — Fiz Zafir recostar-se no travesseiro e fui até a minha mala.

Improvisei uma roupa de dança, pegando uma camisola curta de seda preta e um lenço da mesma cor. Entrei no banheiro e me troquei.

Com o coração disparado surgi na sala pronta para dançar. Zafir estava ainda na mesma posição que eu o tinha deixado. Seus olhos febris passaram pelo meu corpo, deixando como um rastro de fogo nele. Eu lhe dei um sorriso nervoso quando ele apertou o play e a música começou.

Coloquei o lenço a princípio preso ao pescoço e levantei levemente os braços, fechei os olhos e entrei na música. Com a melodia e o ritmo comecei a mexer primeiro as mãos de modo sedutor, lentamente fui envergando meu corpo para trás. Meus cabelos longos tocaram o chão.

Ainda de braços erguidos mexia agora tanto as mãos como os braços. Ainda de olhos fechados, fiquei um tempo assim. Me endireitei e fitei Zafir. Que me olhava fascinado. Sorri para ele e passei a mexer apenas o lado direito do quadril em um vai e vem ritmado. Depois o lado esquerdo, depois os dois lados juntamente com os braços.

NACIONAIS-ACHERON

Puxei o lenço do pescoço e conforme eu dançava, o movimentava no ar. Fui até a cama e lancei o pescoço de Zafir lhe trazendo para perto de mim e lhe roubando um beijo. Quando suas mãos se ergueram para me puxar pela cintura, me desvencilhei dele e comecei a dançar.

Seus olhos tinham uma intensidade que me fez sorrir para ele. Adorando a forma como ele me olhava.

Vibrei todo o meu quadril, com o lenço nas mãos, movi os braços e pernas de forma envolvente, ora para frente, ora para trás. Quando a música estava finalizando, dei uma volta completa no quarto mexendo o quadril e girando sobre mim mesma. Finalizei com os braços para cima de olhos fechados.

O som foi desligado.

Com a respiração agitada, eu abri meus olhos...

Lá estava ele, pertinho de mim. A surpresa em seu rosto, seu peito subindo e descendo rapidamente. Ele me olhava com admiração nos olhos, como se tivesse ganhado um grande presente, no caso eu era o presente.

Seus olhos foram ficando quentes de desejo e ele me abraçou. Beijou meu pescoço correndo os lábios até a minha orelha.

—Obrigada. Foi lindo, tocante, maravilhoso. —Disse na minha concha, me provocando arrepios.

Colocou meu rosto entre suas mãos e colou seus lábios nos meus. Sua língua invadindo minha boca. Uma mão se moveu para o meu cabelo e agarrou um pedaço dele e inclinou minha cabeça para trás, passando os lábios pelo meu pescoço. Logo eu estava em seus braços fortes e estáveis. Ele me depositou na cama e arrancou sua roupa. Eu tirei a minha também sob seu olhar febril.

Aquelas mãos suaves moveram-se pelo meu corpo, levemente sobre meus seios e, em seguida, em torno de meus quadris, espremendo-os antes de viajar pelo meu corpo até as minhas coxas. Todo o tempo que ele me tocou, me beijou. Mal separou os lábios dos meus para respirar.

Sua língua se chocava com a minha e seus dentes mordiscavam meu lábio inferior, o canto da minha boca. Se movendo numa dança sensual.

Fui privada de oxigênio. Olhei em seus olhos, cada centímetro de mim tão quente...

—Você para mim é mais que uma progenitora, você é a esposa que eu amo.— Ele disse correndo os dentes sobre o seu lábio lentamente.

Confusa, abri meus olhos e examinei seu rosto. Em uma nuvem de luxúria, sem entender o que ele quis dizer com aquilo. Ele estava muito sério, como se algo o preocupasse.

Passei a mão nos cabelos dele o trazendo para mim. —Eu te a....— Eu tomei seus lábios, calando sua boca com um beijo....

De repente, ele segurou meu queixo e me forçou a olhar para ele. Seu aperto era duro. Olhei em seus olhos tempestuosos. Tentando entendê-lo.

—Diga que aguentará as pontas do meu lado, sem me fazer jogos, sem reprimendas...

Todo o meu corpo tornou-se vivo e adrenalina passou por mim, ao mesmo tempo que eu tentava entendê-lo.

—Não faço jogos... —Respondi, sem saber porque ele pensaria isso de mim.

—Quando eu estiver com você, será só você. Serei eu e só você.

Ele me falava por causa das preocupações do trabalho?

—Eu sei... —Eu disse com um sorriso.

Ele pegou meu rosto. Seu nariz estava quase tocando o meu. Seus olhos me olharam profundamente e meu coração apertou dolorosamente quando ele suavemente acrescentou: — E ninguém vai tocar você também. Você entendeu?

—Claro que não! —Disse, quase indignada.

Ele então me beijou como se eu tivesse sendo devorada. Ele nunca tinha me beijado assim antes. Aquelas mãos moveram-se pelo meu corpo. Suavemente sobre meus seios e, em seguida, duramente em torno de meus quadris, espremendo-os antes de viajar abaixo, nas minhas coxas. Todo o tempo, ele me beijou e mal se separou para respirar. Sua língua se chocou com a minha e seus dentes mordiscaram meu lábio inferior. Eu respirei erratically abrindo em sua boca enquanto suas mãos puxaram meu vestido mais acima nas minhas coxas. Senti o ar frio na minha pele exposta e, em seguida, suas mãos quentes na parte de trás das minhas coxas.

Insanamente quente Engoli em seco quando ele me pegou e, para minha vergonha, firmemente envolvi minhas pernas em torno de seus quadris. Quando senti seu membro duro, meu corpo explodiu com um choque elétrico de prazer.

Eu estava quente. Meu corpo estava superaquecido, a minha pele já acometida de suor, meu cabelo bagunçado, minha boca seca, e os meus sentidos queimados. Ele se afastou ligeiramente e me penetrou. Respirei fundo quando outro choque de prazer disparou no meu corpo.

Ele lambeu os lábios e eu fechei meus olhos soltando gemidos quando ele começou a se mexer. Ele era um predador que esbanjava força, poder. Eu me sentia frágil perto dele, rendida aquela sensação maravilhosa de tê-lo para mim. Ele respirou duramente contra mim, lambendo seu caminho ao longo da minha mandíbula antes de se afastar novamente.

—Fazer amor com você é algo incomparável.

Confusa, abri meus olhos e examinei seu rosto. Em uma nuvem de luxúria, não conseguia entender o que isso significava. Ele estava ofegante contra mim, me segurando sem esforço, e olhando para mim como se estivesse em necessidade desesperada de algo que eu soubesse. Seus olhos procuram os meus. Puxando meu cabelo, ele inclinou a cabeça para cima para que a boca tivesse livre acesso a minha garganta. Ele sugou ao longo da minha pele, fazendo-me suspirar e gemer novamente. Meus dedos entraram em sua pele, e ele gemeu e mordeu-me de leve o pescoço antes de lambe a marca que ele deixou. Seu sexo dentro de mim, duro, o tempo todo enquanto ele me tocava, me beijava.

—Você é linda. Khadija.

Eu sorri com seu elogio.

—Zafir...Meu Zafir...

Ele olhou para mim, e ainda havia luxúria lá em seus olhos.

— Sim, sou seu...

Sorrindo, fechei os olhos e balancei a cabeça em aceitação. Adorando suas palavras, que saíram como promessas e querendo que ela fosse cumprida.

Seus movimentos me levaram uma onda de prazer e eu me rendi, explodindo de contentamento. Logo atrás foi ele que se rendeu, fechando os olhos e chamando meu nome.



Capítulo 6

O taxi deslizava pelas ruas de Londres. Zafir acariciou minha mão e segurou-a na sua enquanto o taxista dirigia em direção aquilo que seria “nossa casa.”

—Antes de chegarmos, vamos termos que falar daquilo que evitamos esses dias. — Ele disse com lábios apertados. Havia apreensão em seu comportamento.

Eu olhei para ele em confusão.

—Seja mais claro habibi.

Ele suspirou e me trouxe em seu peito, acariciando meu cabelo enquanto eu descansei minha bochecha contra ele.

—Evite Jamile. Ela fez de tudo para eu me casar pela segunda vez, mas tem tido acessos de arrependimento tardio. Quero que você e ela tenham uma convivência pacífica.

Eu endureci meu corpo contra o dele. Me afastei.

—Você está se casando pela segunda vez? Quem é Jamile?

Olhei para ele no escuro do carro. Ele estava ansiosamente olhando para mim com os lábios entreabertos.

—Seu tio não lhe falou? Minha primeira esposa.

Eu respirei erratically, o coração apertado no peito.

—Zafir. Eu não estou entendendo. Você se casou se separou e quer que eu evite sua ex-esposa? É isso?

Zafir se sentou melhor no banco. Ele parecia transtornado.

—Chegamos. —O taxista disse quando parou em frente a mansão.

Ele desviou os olhos de mim e olhou para ele.

—Comunique que Zafir Youseef Xarif está aqui. O portão será liberado e você entra na propriedade.

O taxista manobrou o carro e embicou. Ao lado do interfone. Ele o apertou. Uma voz de mulher atendeu e liberou a entrada.

—Zafir? —Eu o chamei.

Ele olhou para mim como se eu fosse de outro planeta. O carro avançava no caminho de paralelepípedos cercado de árvores dos dois lados. Antes de parar de frente a uma linda mansão branca de dois andares, Zafir gritou: —Pare!

Eu dei um pulo de susto com sua atitude. Meu coração ficou do tamanho de uma azeitona.

Quando o motorista parou, ele pediu.

—Desça Khadija. Precisamos conversar.

Conversar? Aqui? Conversar? O quê?

Allah! Que eu tenha entendido errado!

Ele desceu primeiro, vi o jeito que ele passava as mãos toda hora nos cabelos. Isso piorou meu nervosismo. Eu congelei no lugar com medo do que

estava por vir.

Allah! Clamei de novo e, respirando fundo, desci do carro.

Olhei para Zafir debaixo da luminária de um poste alto de luz branca. Seu queixo estava rígido e seus olhos, pesados. Ele não falou nada por alguns minutos, enquanto os minutos passavam seu rosto foi ficando mais angustiado.

—Khadija. O que seu tio lhe contou dessa união? Ou o que ele falou de mim?

Eu balancei a cabeça negativamente.

—Nada. Ele não quis me abrir nada. Ele me disse que isso instigaria eu querer conhecê-lo e a rejeição seria menor. Me casar com você foi como um tiro no escuro.

Ele soltou um palavrão em árabe. Eu sei que era um, pois quando meu tio ficava nervoso ele falava.

—Aposto que você não estava atenta quando leram o contrato de casamento para você?

Eu neguei.

—Não, eu me sentia tão resignada com tudo, que nem me atentei. Zafir, por Allah! O que está acontecendo?

Zafir me abraçou, beijou meus cabelos e apertou meu corpo trêmulo.

—Khadija. Eu te amo, como nunca amei mulher alguma na minha vida.

Eu o afastei de mim.

—Zafir, você está me preocupando.

—Ah, aí estão vocês. —Eu virei meu rosto para a voz.

Uma mulher um pouco mais alta que eu olhava para nós dois com o semblante carregado. Seus traços eram orientais, ela pertencia ao meu povo.

Os cabelos iam até os ombros, negros e lisos. Seus olhos negros, bem pintados, me mediram da cabeça aos pés.

Ela era linda!

Eu virei minha cabeça para Zafir. Ele tirou os olhos dela e me olhou com angústia.

—Quem é ela, Zafir?

—Ela é a primeira esposa. Você é a minha segunda esposa.

Senti o sangue fugir do meu rosto. Suas mentiras quebraram meu coração. Rasgando-o em pequenas partes minúsculas.

Allah!

Estava presa a algo que jamais imaginei para mim.

Dividi-lo com outra era uma realidade dura demais!

Se eu soubesse, haveria uma regra que eu não quebraria: *a de me apaixonar perdidamente por ele e que ele não significasse tanto para mim.*

Meus próprios olhos verdes não desligavam dos dele. Bastava olhar de um para o outro, para ver o que se passava entre nós, principalmente em mim, era um sentimento de grande tristeza.

— Por que, Zafir? —Eu perguntei em voz baixa, profunda e rouca.

A outra o abraçou na minha frente. Eu engoli meu choro e a encarei ativa, com as mandíbulas apertadas. Zafir ficou com os braços presos ao logo do corpo, sem tirar seus olhos dos meus.

—Zafir, que feio. Você não contou à Khadija sobre mim?

Eu percebi a maneira como seus olhos piscaram. Eu vi seu corpo enrijecer. Zafir se endireitou, embora ele parecesse quebrado, confuso, e ao mesmo tempo furioso. Ele a abraçou e sua mão segurou a mandíbula dela e ele a olhou nos olhos, tudo dentro de mim gritou só de ver aquela cena.

—Jamilé, vá para o quarto e me espere lá. Como viu, preciso

NACIONAIS-ACHERON

conversar com Khadija. —Ele falou firme e com a maior paciência do mundo.

—Te espero, habibi. —Ela o puxou pela cabeça e lhe deu um beijo leve na boca e meu sangue nessa hora ferveu. —Te amo.

Te amo? Allah! Era duro ouvir essa cumplicidade entre os dois!

Ele recebeu o beijo na boca que ela lhe deu. Jamile antes de ir, lançou um olhar sorridente para mim. Caminhou dentro do seu lindo tubinho negro, com passos lentos em sentido a casa. Parecia um anjo caído, do mal.

Zafir olhou para mim e respirou fundo.

—Lamento você ter descoberto assim, mas isso é o que... *Eu Sou*.

—Por que durante todo esse tempo você não me preparou? Por que não me contou? —Eu perguntei com o coração apertado, com a respiração entrecortada.

—Eu não sabia que lhe fora omitido essa informação. E falar sobre outra mulher na nossa lua de mel? Por um instante eu entrei numa redoma onde só existia eu e você. E pensei que você soubesse.

Respirei fundo, segurando minhas lágrimas. Eu me recusava a chorar na frente dele.

O motorista do carro reclamou. Zafir pediu para ele deixar as malas em frente à casa. Tirou a carteira e lhe deu uma porção de notas altas sem contar. Eu achei ótimo esse corte na conversa. Eu precisava me recuperar. Ele não veria a dimensão que isso me afetava. “Eu queria morrer!”

O motorista satisfeito avançou com o carro. Zafir voltou seus olhos para mim. Eu já estava me sentindo melhor e perguntei secamente para ele: —Por que a necessidade de uma segunda esposa?

Ele passou as mãos pelo cabelo bagunçado e exalou alto.

—Khadija. —Allah! Eu adorava a maneira como ele dizia meu nome, como se fosse o único nome que ele murmuraria pelo o resto de sua vida. *Amargo engano!* —Agora não. Eu te levarei para o seu quarto.

— Responda-me — Eu disse mandona e alto, mesmo que ele não estivesse levantando sua voz para mim.

Ele soltou o ar com angustia. E eu entendi que o motivo devia ser algo bem machista.

—Jamile é estéril. Estamos tentando há três anos que ela engravide.

Minha respiração se encurtou.

Isto é pior do que eu jamais poderia ter imaginado. Muito pior.

Meu coração batia forte em meu peito com essa informação. Eu era uma espécie de casamento conveniente com o propósito de gerar uma criança para dar alegria ao casal, um lindo e formoso bebê.

Menino, é claro!

Raiva, dor e mágoa brigavam dentro do meu peito. Esse pensamento me abalou, mas eu não queria demonstrar a ele o quanto.

Eu fui até ele e ergui minha mão, e só não lhe acertei as faces, pois ele foi mais rápido que eu e me segurou.

—Allah! O que está pensando? Não ouse levantar sua mão para mim! Eu sou seu marido e me deve respeito. Não pestanejaria de lhe dar um corretivo!

Eu queria sair dali e me soltei de suas garras.

—Me leve para o meu quarto. Eu estou cansada.

Eu comecei a caminhar em direção a casa. A imagem de seu rosto contorcido de dor não me abalava. Escutei ele blasfemar alto.

—Khadija, não fique assim. Saiba que eu não posso nem chamar o que eu e Jamile temos de relacionamento. Eu te amo.

Eu endireitei meus ombros, olhei para ele, e depois me virei e comecei a caminhar como se o que ele dissesse do tempo, ou como se isso não tivesse importância nenhuma.

Minhas entranhas se contorceram.

Sempre assim! Era o que todos diziam no momento como esse. Pouco convincente!

— Khadija! — O som ríspido de sua voz fez a minha pele formigar.

Eu andei mais rápido. Meus passos rápidos eram um pouco instáveis sobre aquele caminho de paralelepípedos.

— Pare. — Uma ordem. Um comando naquele tom mortal, feroz que eu nunca tinha ouvido antes. Era o homem árabe mostrando quem mandava. — Agora.

Eu me virei para ele lentamente, ofegante. Zafir estava, apenas alguns passos, afastado de mim. Ele passou o olhar por meu rosto lentamente como se não soubesse o que dizer. Ele cerrou os olhos e rangeu sua mandíbula. Quando ele me olhou eu vi toda sua dor, e toda sua mágoa, mas eu escondi qualquer simpatia.

Ele fez um som baixo, gutural em seu peito.

— Você me deve respeito. Você agora é minha propriedade. Pode não ser da minha conta, mas eu ainda sou muito capaz de bater a minha mão na sua bunda por ter essa atitude comigo. Alcorão 4:34 diz que Allah fez os homens superiores às mulheres porque Alá preferiu alguns a outros, e porque os homens gastam a sua riqueza para mantê-las. Portanto, as mulheres virtuosas são obedientes.

Eu ergui meu nariz.

—Eu conheço de cor e salteado meu "Amo".

—Então antes de dar as costas para mim, reflita sobre isso. Lembre-se que me deve honra, eu exijo honra.

—Mais alguma coisa, meu “Amo”? —Perguntei controlando minha respiração agitada.

—Pare com esse sarcasmo todo. Eu ainda quero você Khadija. Eu ainda quero todas as coisas que sonhamos juntos.

NACIONAIS-ACHERON

Meu corpo tremeu.

Allah! Corpo traidor!

Ele olhava para mim, mas eu não olhava para ele. Zafir veria minha dor, minha fraqueza, e nesse momento eu não queria que ele visse isso.

—Zafir, eu estou cansada... e por favor, eu não quero ouvir mais nada.
—Eu engoli o caroço na minha garganta e disse para mim mesma "*Seja forte*".

Eu o encarei, pois ele está muito silencioso. Senti seus olhos me estudando. Eu troquei o peso do pé, desconfortavelmente.

— Muito bem. Quando estiver disposta, ainda teremos essa conversa.

Eu não respondi e me virei em direção aquilo que seria o mármore do inferno, a agora minha casa. Podia ouvir os sons dos passos de Zafir atrás de mim.

Uma senhora rechonchuda surgiu na entrada da casa.

— Estávamos à sua espera, senhora. Fez boa viagem?

—Sim, obrigada.

—Zamira, leve minha esposa até seu quarto e amanhã, mostre a casa para ela.

Esposa? Por que não “segunda esposa”?

Ela se inclinou.

—Sim senhor. É muito bom tê-lo em casa novamente, senhor Xarif.

—Obrigado.

Zamira pegou meu braço.

—Vem, minha querida. Já levamos suas malas para dentro.

—Obrigada. —Eu forcei um sorriso. Eu estava tensa, meus ombros

pesados como se carregassem o peso de eu, o tempo todo, controlar minhas emoções.

Quando entrei na mansão olhei tudo com desdém. Tanto luxo me oprimiu. A sala era gigantesca, luxuosa, dos contos de Ali babá. Caminhei atrás dela por dois corredores até chegar ao meu quarto. Ele era enorme e decorado com as cores que Zafir gostava: Dourado, pastel, marrom.

—Obrigada Zamira.

Ela se inclinou para mim.

—Amanhã, eu passarei aqui que horas?

—Dez horas. Pretendo dormir bastante. Estou muito cansada.

Ela sorriu e eu percebi que poderíamos ser boas amigas.

—Dormir bastante? Jamile acorda onze horas.

Eu assenti para ela. Quando ela saiu fechei a porta e virei à chave na fechadura. Tirei meu traje elegante do corpo, aquele que eu tinha tão cuidadosamente separado para o dia de hoje: saia preta, blusa de seda branca, casaco preto.

Caminhei até o banheiro. Ele estava à altura do quarto: mármore cor-de-rosa, torneiras douradas, banheira de hidromassagem, jardim de inverno. Num cestinho perto das pias gêmeas, havia muitos cosméticos: óleos perfumados para banho e para o corpo. Sabonetes, xampus, touca, lixas para as unhas.

Ontem a essa hora, eu estava feliz nos braços de Zafir. Agora aqui estava eu, sozinha. Bruscamente tive que sair de um sonho, cair numa realidade tão dura e cruel. Agora minhas lágrimas podiam correr livremente. Sentei-me no vaso sanitário e coloquei as mãos no rosto.

Allah! Por quê? Por que minha vida era marcada por tragédias? Por sonhos desfeitos?

Zafir

Com o coração doendo, a angústia apertando minha garganta como um laço, caminhei até a cozinha. Cabeça baixa, ombros caídos. A lembrança

de como estávamos felizes juntos dilacerou meu coração.

Inventamos todo tipo de coisa para dar asas a esperança, e eu acreditei que Khadija soubesse de tudo, que ela evitava o assunto como eu. Eu tive medo de sair daquele sonho e descobrir algo diferente disso. Tive medo de que isso fosse ser uma ameaça ao nosso amor.

Agora dentro de mim aquele lamento, meu coração sofria quando eu pensava nela. Não mais meu corpo a desejava, agora era a minha alma. Ela me deixou uma marca. Um fogo inextinguível.

Eu precisei ser duro com ela, num momento que eu mais queria era abraçá-la e dizer-lhe que estava tudo bem. Que eu a amava mais que tudo nesse mundo. Mas não pude, tive que impor respeito, não por ela, mas por causa de Jamile.

Ela já me enfrentava, mesmo eu sendo duro, imagine se sentisse que eu amoleci. E agora eu estava lidando com duas mulheres e eu precisava ser o equilibrado em tudo isso.

Quem me dera eu fosse livre....

Minha barreira de proteção, onde eu me sentia abrigado de qualquer coisa que Jamile pudesse me dizer, tinha ruído. Agora tudo me incomodava, todo o meu sentimento estava exacerbado.

Peguei a garrafa de vodca no fundo do armário e coloquei uma dose grande no copo. Bebi de uma só vez.

O que sou para ela agora? Minha vontade era gritar: *Eu sou o homem que se casou para gerar um filho*. Nesse momento senti uma raiva enorme da minha condição.

Eu não podia acabar meu casamento assim. Da mesma forma que eu tinha o direito de ter a segunda esposa, eu tinha deveres com a primeira esposa. Eu só podia repudiá-la sobre grave delito. Eu não tinha nada contra a Jamile. Não nos amávamos e convivíamos harmoniosamente naquela casa. Claro que eu relevando muita coisa e ela respeitando seus limites. Segurei meu rosto nas mãos. Sentime arrastado por um violento furacão. Meu semblante desfigurou e eu pela primeira vez chorei por amor.

Depois de um breve tempo, eu enxuguei minhas lágrimas e bebi um copo de água. Me esforcei para parecer normal e caminhei sentido ao quarto de Jamile. Quando abri a porta ela estava andando de um lado do outro no quarto. Eu não gostei daquela energia que vi nela. Quando ela me ouviu

entrando no quarto parou. Eu encontrei seus olhos.

—Você demorou tanto que eu já estava quase indo atrás de você.

Eu enfiei minhas mãos na calça social preta que eu usava.

—Qual é a pressa? Você nunca se importou comigo antes. Sempre trabalhei muito e tudo sempre esteve muito bom para você. Só porque agora, eu tirei alguns momentos para mim, você anda irritada?

Ela suspirou e caminhou na minha direção.

—Pelo que vi lá fora, esses momentos foram muito agradáveis. Ela ficou bem abalada quando me viu. —Ela balançou a cabeça. —Pobrezinha, sabe que fiquei com pena dela. Ela esperava ter meu maridinho inteirinho para ela?

Jamile não podia desconfiar que eu amava Khadija. Eu não sei se ela se sentiria ameaçada por isso de alguma forma.

—Jamile, por Allah. Me poupe desse martírio. —Eu disse passando a mão nos meus cabelos.

—Você mentiu para ela? Disse que ela seria única?

Quando pensei nela, minha garganta estreitou. Era difícil falar. Eu me forcei a olhar nos seus olhos. Por fim consegui dizer: — Você não me conhece mesmo! — Eu disse, constatando com desagrado esse fato mais uma vez. — Eu não faria isso. Os tios dela não abriram nada sobre as condições do casamento.

Ela riu, meneando a cabeça fazendo barulho com a língua, thu, thu, thu...

— E o contrato de casamento? Não foi dito que ela seria a segunda esposa?

— Sim, foi dito, mas ela não se atentou.

—Pelo visto, não falaram de mim. —Ela disse com desagrado.

—Não. Claro que não. Como poderia? Era a nossa lua de mel!

—Pobrezinha. —Ela disse com ironia. —Ela não me parece ter nossas origens. Ela tem parentes europeus?

—Sua mãe era inglesa.

Caminhei desfivelando o cinto em direção a cama, me sentei na nela e comecei a tirar os sapatos, Jamile se agachou e me ajudou. Hoje ela estava estranhamente prestativa. Ela me abraçou, seus dedos leves tocaram minha face.

—E você? O que achou dela? Conte-me. Você saiu daqui como se tivesse que ir a uma força, mas, de repente, some durante quinze dias.

Eu olhei para longe engolindo meus sentimentos, então a encarei com a expressão enigmática.

—Eu precisava de umas férias. Como sabe, tenho trabalhado muito. Desde que nos casamos não tirei um único dia de folga, até aos domingos trouxe trabalho para casa, ao contrário de você, que viajou com sua irmã.

—Bons tempos que eu viajava com minha irmã.

Tirei a jaqueta de couro forrada que eu usava e puxei a camisa de dentro da calça. Jamile me ajudou a retirá-la. Eu me levantei e tirei a calça. Ela me abraçou por trás e me beijou no pescoço.

Eu senti o corpo gelado e a encarei.

—O ar condicionado está ligado?

—Está, mas você sabe que gosto do quarto mais frio.

— E eu mais quente. Mas, tudo bem. Vou tomar um banho, aquece a cama até eu voltar.

— Acho bom, você está com o perfume dela. —Ela torceu o nariz.

Eu assenti para ela conservando minha tristeza dentro de mim.

Tomei um banho demorado, minhas lágrimas se misturaram a do jato
NACIONAIS-ACHERON

forte. Precisava ter uma conversa com meu pai. Me abrir com ele, contar-lhe o que aconteceu, dos meus sentimentos, do meu conflito e ouvir o que ele tinha a dizer disso tudo.

Quando saí do banheiro eu já estava recomposto. Jamile me esperava com uma camisola de seda branca sensual, embora o quarto estivesse um gelo. Eu tentei sorrir para ela, mas meu sorriso saiu falso para mim mesmo. Me sentei na cama e fui envolvido por seus braços. Eu fechei meus olhos e pensei em Khadija, senti os lábios dela nos meus e me virando correspon-di. Desci meus lábios por seu pescoço, fazendo-a se inclinar para trás, mas o cheiro que eu senti não era dela, e o som errado de sua voz chamando meu nome, abalou minha estrutura e a minha ereção. Insisti por uns dez minutos ainda para ver se eu me reerguia. No entanto, mesmo que ela continuasse me instigando com beijos no meu pescoço, eu estava tão desanimado, que não consegui.

Eu a afastei de mim e não a encarei nos olhos. Passei a mão nos cabelos e soltei um suspiro longo —Me perdoe. Estou cansado. — Eu a encarei. —Podemos fazer isso amanhã?

Ela desceu os olhos para o meu membro semi-ereto.

—É essa bebida que você tomou! Ou pensa que não senti o gosto de álcool na sua boca?

—Tomei uma dose para relaxar.

—Relaxou demais. —Ela zombou.

Eu levantei minhas sobrancelhas e atirei de volta.

—Acontece nas melhores famílias e em todas as idades. Nem sempre estamos dispostos.

Ela fingiu choque.

—Verdade? Por que justo agora? Você sempre trabalhou muito e isso nunca aconteceu? —Ela de repente me lembrou. — E já bebeu outras vezes!

Eu caminhei nu e peguei minhas roupas do chão.

—Tudo tem uma primeira vez. —Eu disse antes sair do quarto e me dirigir ao meu pela porta de comunicação.

Joguei as roupas numa poltrona creme perto da janela, minha cor preferida. Meu quarto era um lugar onde eu podia estar sozinho, era o único momento em que ninguém podia me incomodar ou me fazer perguntas.

Depois que casamos, resolvemos que seria melhor assim, dormirmos separados. Eu e Jamile sempre gostamos de nossa privacidade. Esse quarto teria sido o quarto do bebê que nunca veio. Então, eu o peguei para mim. Ele tinha duas portas de comunicação que eu mandei pôr. O da direita ligava ao de Jamile e o da esquerda o de Khadija.

Fitei a porta do quarto de Khadija com o semblante carregado. Caminhei até lá e coloquei meu ouvido na madeira de cor de ouro envelhecido. Tentei ouvir seus movimentos, qualquer som. Estava tudo silencioso...Suspirei.

A cena de nós pedalando juntos, caminhando de mãos dadas, abraçados, surgiu muito forte, tão forte que cheguei a colocar a mão na maçaneta e quase a virei, mas tirei minha mão. Respirei fundo, tentando amenizar a dor no meu coração, me encostei à porta e escorreguei as minhas costas nela até me sentar no chão. Cobri meu rosto com minhas mãos.

Allah! Me ajude!

Eu precisava respeitar o momento dela, sua privacidade; ela precisava de um tempo para digerir as revelações que surgiram nessas últimas horas.

Em nosso mundo, não era traição ter duas mulheres. Na verdade, na minha tradição, isso era muito respeitado. Muito de nós nos casávamos apenas para produzir filhos, para ampliar ainda mais as nossas linhagens fortes, e para assumir nosso lugar quando não estivermos mais aqui. Outros, mais otimistas, casavam com ilusão do amor.

Eu nem preciso dizer o que eu era e o que eu me tornei.

Se Jamile realmente me amasse como Khadija, jamais concordaria com a segunda esposa. Para mim, era indiferente, ter mais uma esposa ou não. Na verdade, era até ao contrário, eu sempre achei que administrar duas

mulheres não era tarefa fácil.

Mas eu respeitei a vontade dela em não querer passar por uma inseminação artificial. Contudo, nunca imaginei que com Khadija eu tivesse reações tão intensas em meu corpo e prazer tão genuíno na minha alma. Uma mulher que eu queria compartilhar toda a minha vida e não apenas administrá-la com alguém.

Nenhuma mulher em minha vida me fez querer alguém do jeito que eu a queria.

Linda, inteligente, sensível, genuína e um espírito livre. Ela preencheu o vazio que era a minha alma.

Me levantei do chão resoluta.

Eu lhe daria um dia para ela refrescar a cabeça. Khadija teria que aceitar as coisas. O que ela não podia era me tirar de sua vida Vinte e quatro horas... depois disso, Khadija teria que me encarar.

Khadija

Como combinamos, Zamira apareceu religiosamente às dez horas da manhã no meu quarto. Embora eu não tivesse dormido quase nada à noite, eu já tinha levantado e me vestido. Coloquei um vestido preto, para combinar com meu humor negro.

Deixei a porta aberta e me sentei numa poltrona confortável ao lado da janela grande em forma de arco. De lá eu podia ver um lindo jardim de roseiras e um banco ao sol.

Ouvi a voz de Zamira.

— Sabah el-kheir. (Bom dia) A salamo a-leikom Ela estava na porta me olhando sorridente. Ele lhe retribui sorrindo levemente para ela.

— Sabah el-kheir. A leikom es salâm —Você tem misturas no sangue. —Ela afirmou —Sim, minha mãe era inglesa.

—Era?

—Ela morreu.

Zamira apertou os lábios.

—Vem minha querida, vem tomar seu dejejum.

—E o senhor Xarif? Ele já acordou? —Perguntei apreensiva.

—Sim, o senhor Xarif acorda sempre cedo. Ele foi trabalhar. Quase não o vejo em casa. Espero que com o casamento de vocês isso mude.

Eu assenti com tristeza. Não consegui disfarçar minha dor.

—Por que essa carinha triste?

Eu dei um leve sorriso para ela.

—Por nada. —Eu me levantei. —Podemos ir?

Ela assentiu para mim e se virou e seguiu seu corpo rechonchudo pela casa. Um pensamento passou pela minha cabeça conforme caminhamos pelos dois corredores cheios de quadros, estátuas, vasos de flores em aparadores.

Como será minha convivência com a primeira esposa?

O que ela pensa de mim?

Tomaríamos as refeições algumas vezes juntas?

Eu a encontraria pela casa?

Meneei a cabeça com tristeza.

A sala de jantar era enorme. *Por que tanto espaço?* Me perguntei de repente. Parecia até algo cômico. Uma mesa para vinte pessoas e meu lugar ali, arrumado pequenininho na ponta da mesa.

—Pronto, agora sente-se.—Ela puxou a cadeira para eu me sentar. Eu me sentei reparando na fartura da mesa. Tinha de tudo e mais um pouco. — Vou buscar seu café. Você gosta dele forte como o Senhor Xarif e a senhora Jamile?

Meu coração se apertou no peito ao ouvir o nome da outra.

—Gosto dele forte também.

Ela assentiu para mim com um sorriso. Quando ela foi em direção a cozinha, virei minha cabeça e olhei para frente sem foco. Frustração, desencanto, juntamente com tristeza. Me sentia como uma marionete, manipulada por todos.

Depois de tudo, ontem à noite—quando eu já tinha extravasado todas as minhas lágrimas no quarto—mais calma, entendi que Zafir foi pego de surpresa como eu. Ele não tinha ideia que eu estava me casando com ele, sem saber nada sobre sua vida e sobre a primeira esposa.

Revi a expressão de Zafir quando percebeu como fiquei diante daquela notícia bombástica. Pensei em como seria ter um filho naquelas condições. Minha vida como seria, meu casamento. Estava tão envolvida em pensamentos que eu nem sequer percebi que estava chorando, até que uma lágrima rolou na minha bochecha e pingou sobre a mesa.

Com raiva, limpei meu rosto com a palma da mão. Nessa hora senti a presença de alguém na sala e virando minha cabeça em sentindo ao corredor dos quartos, dei com Jamile me olhando *com um meio sorriso no rosto*.

Ela tinha visto minhas lágrimas?

Ela se aproximou de mim e me encarou altiva, com o nariz em pé.

—Você se sentou no meu lugar. Quando Zafir não estiver presente, a cabeceira da mesa pertence a primeira esposa.

Eu pisquei. Estava muito chocada para falar. Olhei para todos os lados tentando me situar, pensando na possibilidade de eu sair disso tudo ilesa.

Eu a encarei novamente ainda não acreditando na ira daquela mulher.

Allah! Que mulherzinha insuportável!

—Você não ouviu o que eu disse? —Ela questionou agressiva. Pela expressão dela compreendi que Jamile percebia que a sua presença me desestabilizava.

Removi todos os pensamentos que me importavam, encerrando meu sofrimento, me desligando no fato de amar um homem que era compartilhado com ela e focalizando na serpente que me olhava agora com olhos hostis.

Eu a encarei altiva, mas não me movi do lugar.

—Claro, o lugar atual por enquanto é seu. Aproveite enquanto dure.

Eu me levantei e me sentei na cadeira ao lado, do outro lado.

—O que você quer dizer com isso? —Ela perguntou ainda em pé.

Eu peguei uma torrada e passei manteiga tranquilamente.

—Eu caí de gaiata nessa história. Mas você não! Você assentiu que eu estivesse aqui. Então, deveria saber que quando eu tiver um filho eu me tornarei a primeira esposa.

Ela piscou aturdida para mim.

—Não pode ser!

Eu sorri para ela com candura.

—Deveria ler mais o alcorão e se informar melhor de nossos costumes.

—Zafir nunca me disse isso.

—Por que para ele é irrelevante, primeira, segunda esposa... Quem se importa? Pelo visto, você se importa!

Ele me olhou confusa com a minha reação e o que ela faria, ou diria, morreu com minhas palavras. Zamira chegou com meu café.

—Já está em pé, Jamile?

Ela encarou a governanta, a sua expressão era de quem comeu e não gostou. Com uma bufada, se virou e saiu pisando duro pela casa. Eu sorri, ainda achando inacreditável que isso fosse tão importante para ela. Eu poderia ceder meu lugar se eu ainda estivesse nesse casamento!

Allah!

Fiquei confusa com esses pensamentos.

—Que bicho a mordeu? —Zamira perguntou com um sorriso.

Eu sorri para ela com uma expressão de quem sempre trazia esperança dentro de si para seguir em frente face a tudo de ruim que o mundo trazia com ele.

—Ela se sentiu pisada como um tapetinho.

Zamira riu.

—Por você? —Ela disse colocando o bule de café na mesa.

—Por quê? Acha difícil isso?

—Allah! Tem coisas que a gente escuta, mas só acredita quando acontece. —Ela disse ainda pasma.

—Por que Zamira? Você pensou que ela iria me massacrar?

—Sim, você chegou parecendo um passarinho assustado ontem.

—É fácil dividir joias, perfumes e até mesmo os dias da semana. Mas não é fácil dividir o coração em duas partes iguais. — Desabafei com ela e enchi minha xícara com café.

—Mas você sabia disso quando se casou com Zafir? Você sabia que teria que dividi-lo?

—Não! Eu não sabia!

—Não? Allah! Mas como isso? Eu conheço Zafir como a palma de

minha mão. Eu fui sua babá quando ele era pequeno. Estou realmente impressionada por ele ter ocultado isso de você, de ele ter te enganado.

Eu suspirei triste para ela.

—Ele não sabia que eu não sabia. Ele ficou surpreso também. Quem me enganou foi meus tios. Zafir é rico, eles pensaram no status de casar a sobrinha com um homem como Zafir.

—Allah! Eles erraram feio com você. Quem se cala diante do mal no fundo participa dele. —Zamira filosofou.

Eu assenti para ela e voltei a atenção para o meu café. Na mesa, ao lado de um prato de mamão, observei um doce francês: Macarons. Lembrei-me na hora do nosso café da manhã quando fomos em um restaurante dos Champs-Élysées.

Zafir me olhava com tanto amor nos olhos naquele dia, naquela cumplicidade que eu adorava, onde eu pensava em ser única.

Revi ele degustando os macarons dizendo ser o doce preferido dele. Isso ocorreu dois dias antes da nossa partida para a Inglaterra. Engoli meu choro me forçando a comer um pouco. Mas não consegui evitar novas lágrimas, por isso deixei a mesa sem terminar meu café. Lágrimas, das quais, eu não conseguia bloquear. Caminhei com passos seguros e apertados em direção ao meu quarto.

Fechei a porta e fui até o enorme banheiro. Escovei os dentes e fiquei o resto do dia no quarto.

Ele tinha de tudo. Televisão de 53 polegadas presa em um suporte na parede, um aparelho de som de última geração num canto, uma estante com vários livros num espaço perto da janela.

Eu não estava a fim de nada, nem de ver nada. Por isso, me deitei na cama e fiquei de papo para o ar. Até à hora do almoço, onde eu não compareci a mesa.

Zamira veio ao meu quarto me avisando do almoço. Eu estava muito angustiada para comer. Então, sem mais explicações, disse que não estava com fome.

Meia hora depois ela veio com um carrinho cheio de frutas picadas, abacaxi, mamão. Dois tipos de sucos: um de laranja outro de uva. Eu agradecia a ela com um sorriso sincero. Ela fez uma reverência e saiu.

Comi de tudo um pouco, bebi suco de uva e depois me sentei perto da

NACIONAIS-ACHERON

janela.

Mais tarde me deitei e tirei um cochilo de chegar a babá. Quando acordei, já estava escuro. Peguei minhas roupas e fui para o banheiro. Tranquei a porta e fiquei na banheira até meus dedos enrugarem. Me troquei no banheiro mesmo, vesti um baydoll. Sequei os meus cabelos com o secador e escovei os dentes.

Cabisbaixa abri a porta e entrei no quarto. Logo senti o cheiro de Zafir no meu quarto. Isso me assustou me fez erguer minha cabeça. Logo meus olhos deram de encontro à figura dele, parada em pé, de frente a janela. Com seus mais de um metro e oitenta, virado para mim. Usava um terno negro liso, como na noite que eu o avistei pela primeira vez.

Meu coração parou por uns segundos e depois se agitou no peito, meu estômago se contorceu. Foi terrível quando seus olhos passaram pelo meu corpo naquele short minúsculo e naquela blusinha de alcinha.

Burra! Se vestir assim? Claro que ele ia me procurar!

Minha voz ficou presa na minha garganta quando olhei seu rosto. Meu coração estava apertado e eu não sabia o que fazer.

— Khadija. — Disse ele, com a voz baixa.

Allah! Eu amo tanto!

— Oi. — Eu chiei.

—Vim, pois precisamos conversar. —Disse ele, me estudando atentamente. Só então reparei no buque de flores vermelhas em suas mãos.

Eram rosas, como as que vi no seu apartamento em Paris. Isso me fez pensar que ele programou aquelas da sala para me receber.

Ele colocou o ramalhete em cima da cama. Meu coração falhou uma batida. Eu não conseguia me mover do lugar e tive que puxar forças lá do fundo para dizer: —Eu sei.

Não sei o que eu queria que ele dissesse. O que ele poderia dizer para mudar o fato de ele ter mais uma esposa?

Ele apertou os lábios. Ele parecia tão diferente, seus olhos carregavam tanto cansaço que eu me segurei para não ir lá e dizer que estava tudo bem, pois não estava.

A verdade era que eu também estava um caco.

—Você parece cansada. —Ele disse depois de me estudar por um

tempo.

Eu assenti para ele. Zafir caminhou em minha direção e eu fiquei com os dois pés plantados no chão. O que eu sentia por ele era tão intenso que me alarmava. Eu não conseguia fazer meus pés se moverem para longe dele, não conseguia empurrá-lo para longe de mim.

Ele parou a poucos centímetros de onde eu estava, eu podia sentir o calor do corpo dele, embora eu tivesse regulado o ar condicionado do quarto para 25 graus.

Eu baixeí minha cabeça, sem poder encará-lo, com medo de desabar. Seu perfume invadindo meu nariz, me perturbava. Ele segurou uma mecha do meu cabelo e a colocou com gentileza atrás da minha orelha e depois segurou meu queixo gentilmente trazendo meu rosto para perto do seu.

Fechei os olhos.

Allah! Eu não queria ver sua dor, não queria cair nos braços dele, eu ainda não estava me sentindo pronta para enfrentar essa situação. E eu me perguntava: *Um dia eu estaria?*

—Eu sinto sua falta. —Seu hálito quente soprou no meu rosto, suas palavras saíram tão sofridas.

Eu consegui me afastar dele, dando um passo para trás, quase entrando dentro do banheiro. Eu então, encarei seus olhos tristes.

—Zafir, eu não me sinto pronta para enfrentar essa situação. Acho que devemos dar um tempo.

—Não consigo ficar longe de você. Eu te amo. —Suas palavras saíram tão emocionadas que eu por pouco não me derreti. — Khadija. — Ele falou meu nome com a voz calma. — Eu não vou fazer nada que você não queira. Só me deixe dentro de sua vida. Não podemos ficar afastados, só de pensar nisso, acaba comigo.

Eu estremeci, meu coração se apertou dentro do peito.

— Eu estou passando por um momento difícil, acredite! — Eu disse num desabafo bem sentido.

— Eu sei — Disse ele. —Mas sei que me ama, e você sabe que eu te amo.

— Olha — Eu disse, desviando dele e indo para perto da janela, onde peguei um roupão que estava na poltrona e me cobri. — Tenho certeza que você não sabia que eu tinha sido enganada, sei que é um bom homem. Mas

saiba, que se eu soubesse, eu não teria me unido a você. Eu teria resistido a esse casamento.

— Eu sei, nós dois sabemos que isso é uma verdade. — Ele disse, sem olhar para mim, mas, de pé e olhando para o vazio.

— Então, é isso.

— Isso é tarde. Agora você é minha esposa, querendo ou não. — Ele disse firme.

Eu balancei a cabeça.

— Eu preciso...

— Apenas me ouça — Ele disse se aproximando de mim. Meu coração pulou na minha garganta quando senti o quão perto ele ficou de mim. — Eu sei que está ferida, sei que a realidade a machucou. Quero te dizer que eu não sou um cafajeste, ou um cara que se agrada de ter várias esposas, como se vocês fossem um troféu. Sou muito inglês também. Essa atitude vivi sim, quando eu era mais jovem, saía sem compromisso, mas desde que eu me casei, eu levei a sério meu casamento, tanto que eu não queria uma segunda esposa, eu vivia minha vida me dedicando ao trabalho e estava muito bom assim. Mas meu pai me pressionou, Jamile não quis se submeter a uma inseminação....

— Você está louco? — Eu o cortei, olhando para ele. — Não percebe que suas palavras só pioram as coisas! Isso não muda em nada meu papel na sua vida. Você se casou comigo para procriar e agradar sua esposa que não se dispôs a tentar outros meios.

Ele cerrou os olhos, como se minhas palavras o tivessem ofendido.

— Sim, é verdade. Mas eu não contava que eu fosse me apaixonar por você. — Ele alterou a voz. — Eu te amo, será que você não entendeu que tudo mudou? Que hoje não me importo mais se você ficará grávida ou não! Eu te amo!

— Você está me pedindo para ser a outra? — Eu gritei. — Para você estar comigo, enquanto sua esposa está em casa, dormindo na sua cama! Ou para reverter com ela, enquanto você está na cama dela?

— Minha esposa está ciente disso, foi ela que me jogou para você! — Ele disse, o seu tom de voz é calmo demais para o meu gosto. É como se ele estivesse me dizendo sobre assuntos banais. — E eu não durmo com ela. Em toda a minha vida eu só dormir com você! E eu não faço amor com ela,

apenas sexo, amor eu faço com você!

—Oh que grande consolo! E ela não se importa? — Eu gritei me afastando dele. —Não me pareceu isso, ela me trata com muita ira nos olhos.

—Sente-se, Khadija! — Ele ordenou.

Eu não me sentei.

—Sente-se! — Ele disse baixo, mas num tom ameaçador que me fez vacilar. Mas eu apenas o encarei.

—O que vai fazer? Me bater se eu não me sentar?

Sua mandíbula se apertou, seus olhos se estreitaram.

—Você tem que aprender a me respeitar. Sou seu marido. O cabeça dessa casa, do qual você usufruiu de tudo que eu lhe dou.

Allah! Essa é boa!

—Esse discurso serve para ela, não para mim. —Eu disse alterada. — Com ela você pode tirar suas regalias que funciona, mas eu? O que você pode me tirar, o que já não tenha me tirado?

Meus argumentos o irritaram. Seus olhos brilharam, e em um tom gelado, ele me disse: —Tudo bem, Khadija. Está feliz, em me ver humilhado? Parabéns você venceu! —Ele não disse com tom de vítima, ele realmente estava ofendido. Perdido.

Eu me senti culpada com o que fiz, Zafir passou por mim e eu segurei seu paletó.

—Zafir.

Ele olhou minha mão e me encarou. Eu a recolhi.

—Conhece o ditado? Não deixe o camelo colocar a cabeça dentro da tenda. Senão, ele entra, e monta em você? Você não está falando com um sibi (moleque), mas com um homem árabe. Smalla'Alik!(Que Allah proteja você!) Zafir saiu do meu quarto.

Zafir

Eu não podia deixar isso acontecer. Eu estremeci de raiva, mas mantive a compostura. Caminhei com passos firmes, não me deixando dominar por esse sentimento. Eu precisava ter a cabeça no lugar.

Jamile podia ser detestável, mas ela nunca me enfrentou dessa maneira. Entrei no quarto dela me lembrando da minha promessa de ontem. A palavra de um homem árabe era como por escrito.

Respeito ao marido também!

Khara!(merda!) Al'ama! (maldita!) Jamile quando viu minha energia se assustou.

—Problemas com aquela odalisca espetaculosa? —Eu só olhei para Jamile. —Tudo bem. Não está mais aqui quem falou, habibi. —Ela disse desviando os olhos da minha carranca.

—Vou tomar um banho e aumenta a temperatura desse quarto! —Eu grunhi.

Jamile sorriu.

—Sim, habibi.

Eu entrei no banheiro, enquanto tomava banho minha mente viajou de volta para Khadija. Respirei fundo tentando refrescar a cabeça, mas suas palavras me martelavam: "*Esse discurso serve para ela, não para mim. Com ela você pode tirar suas regalias que funciona, mas eu? O que você pode me tirar, que já não tenha me tirado?* "

Ela precisava aceitar as coisas... Ela não podia me desrespeitar ou me tirar de sua vida. Eu nunca gostei de portas fechadas, ou batidas na minha cara, por isso sou o que sou.

Jamais passou pela minha cabeça que ela tivesse casado enganada, que não soubesse de nada. Eu me sentia mudado desde que conheci Khadija, até minha autoridade no lar estava quebrada. A lei me dava direito de repreendê-la com um tapa. Mas engoli meu orgulho ferido e saí do quarto antes de perder a cabeça.

Eu não podia apagar a droga do meu passado e nem do presente. Desde que me casei com Jamile, sempre sonhei que fosse diferente, sempre senti que faltava algo entre nós, mas achava que o problema era eu. Eu achava que o amor não existia dentro de mim, que eu era incapaz de amar.

Eu sempre tive tudo o que eu quis: dinheiro, fama, mulheres. Sempre me considerei um homem de sorte. Nasci em uma família de posses, em uma família muçulmana, mas que mesmo sendo fiel a nossa cultura e religião nunca me condenou pelos meus deslizes quando mais jovem.

Enxerguei que sempre vi nas mulheres um objeto para o meu prazer,
NACIONAIS-ACHERON

mas também nunca conheci uma mulher que não quisesse ser tratada dessa maneira.

Talvez por eu não ter ficado tanto tempo em um relacionamento para que uma mulher me enxergasse diferente. Já com Jamile, ela só fixou essa ideia que eu tinha na cabeça. Seus agrados eram movidos pelos meus presentes, pelo meu dinheiro.

Agora eu pagava caro com essa dor no peito, de certa forma, eu me sentia punido.

Quando entrei no quarto a temperatura estava mais agradável. Jamile me esperava deitada na cama. Eu caminhei até ela e pedi: —Estou tenso. Me faz uma massagem nas costas antes do juns(sexo)?

Jamile sorriu para mim e se levantou da cama.

—Deite-se.

Eu me deitei na cama. Jamile sentou-se nas minhas costas.

—Que tal usar um creme, ou óleo? Alguma coisa? —Eu disse quando senti a dificuldade de ela me fazer a massagem.

Ela saiu de cima de mim.

—Boa ideia.

—E agora? Melhorou? —Ela perguntou deslizando um creme.

—Bem melhor.

Suas mãos me alisavam. Tê-la ali me servindo, sentada sobre as minhas costas, tentando fazer o seu melhor, me deixou triste. Nunca tivemos uma conexão. Ela fazia o que eu mandava. Até sua massagem era diferente de Khadija, era algo mecânico.

Talvez eu tivesse que tê-la ao meu lado para me lembrar o que era estar com Khadija. Eu não me sentia culpado por pensar assim, Jamile não se importava.

Quando eu pensava nela em frente ao meu túmulo, diante da minha morte, sempre a vi teatral: toda de preto, óculos escuros. As lágrimas viriam, mas forçadas, não sentidas.

Não tínhamos uma conexão, algo que nos ligasse por sentimentos mais profundos, não tínhamos o elo do amor.

Depois da massagem, fizemos sexo.

Eu estava dentro dela, empurrando duro e rápido, sem cuidado algum,

ouvindo ela gemer.

Eu fazia sexo, não amor.

Sem emoção e frio.

Eu fechei meus olhos, tentando dizer a mim mesmo que estava tudo bem. Ela não me ama. Eu sou apenas um homem rico que lhe dava tudo.

— Eu vou gozar... —Eu disse quando senti que ela gozou, ou mentiu? Sei disso, pois ela soltou um gemido longo.

Talvez esfarrapado?

—Pode gozar...

.Quando tudo acabou, eu me senti horrível. Me deitei de barriga para cima, ofegante. Fitei o teto. Ela apoiou sua cabeça no meu peito.

Depois de um tempo, ela me disse pairando sua cabeça sobre meu rosto: —Até agora você não me deu o meu presente.

Eu a encarei sério.

—Porque eu não posso dar somente para você em separado. Amanhã, depois do trabalho, farei uma reunião com vocês duas na sala. E as presenteio.

Ela torceu o nariz.

—Está certo. Essa odalisca me chateou hoje. Já está mostrando suas garras.

Allah!

Olhei para ela calado, esperando ela completar suas falas que logo vieram: —Ela me disse que se ela tiver um filho, ela será a primeira esposa.

Eu sorri, mas por dentro era um sorriso amargo.

Khadija sabia bem de nossas leis quando era em seu benefício.

Deveria saber que nela estava também o mandamento de respeitar o marido!

—Zafir, você ouviu o que eu disse?

Eu funguei.

—É verdade. Mas isso não muda quase nada.

—Como não? Ela vai poder mudar a decoração de toda essa casa, mudar o cardápio e eu não vou poder falar nada!

Eu respirei fundo, tentando me controlar. Ela enxergava um peixe

como se fosse um tubarão, ou melhor, uma baleia.

—Jamile, por Allah! Estou cansado, boa noite. Depois conversaremos a respeito disso.

Eu me levantei da cama e caminhei nu até meu quarto. Fechei a porta e fitei a porta de Khadija, logo senti meu coração apertado.

Balancei minha cabeça para tirá-la dos meus pensamentos.

Fui até o banheiro e tomei um banho novamente, lavei lugares específicos para a purificação. Coloquei minha calça do pijama e uma camiseta. Fui num canto do meu quarto voltado para Meca estendi o tapete no chão e peguei o livro sagrado que estava envolto em um pano vermelho. Tirei os sapatos me ajoelhei nele.

Com o livro entre as mãos me inclinei recitando as suratas do Alcorão: Bismi AllahiaR-RahmaniaR Rahiim Al-Hamdu Lillahi RabbiaL`Alamiin Ar-RahmaniaR Rahiim

Mālike YawmiaD Diin

Iyaka Na`budu ua Iyaka Nasta`iin EhdinaaS SirataaL Mustaqiim Sirata Al-Lazina An`amta `Alayhim, GhayriaL Maghdūbi `Alayhem uaLaaD Da-lliin.

Qul Huwa Allahu Ahad

AllahuaS Samad

Lam Yaled Wa Lam Yulad

Walam Yakun Lahu Kufūān Ahad Quando terminei respirei fundo e me levantei. Guardei o tapete e o livro sagrado. Respirei fundo tentando buscar a paz de espírito perdida.

Khadija...falei o nome dela.

Conhecê-la, foi como encher minha alma de vida. Isso me mostrou o quanto eu era vazio.

Eu a amava tão certo como eu respirava e sei que ela me devolveu isso com a mesma paixão.

Allah!

Pensei no *divórcio*.

Me deitei na cama com aquela palavra que eu rejeitava. O divórcio seria um peso muito grande para Jamile enfrentar. Não somente pelo material, onde ela sairia do casamento como veio. Com uma mala na mão.

NACIONAIS-ACHERON

Jamile não era mulçumana e por isso ela não herdaria nada de mim. Vinda de uma família tradicional que por ironia do destino segue os preceitos, ela aboliu a religião por rejeitar as vestimentas: o hijab(lenço na cabeça) e com ele viria tudo que ela gostava de fazer: as sobrancelhas, pintar as unhas, usar maquiagem ou perfume. Uma mulher que seguia a religião não poderia fazer nada disso.

Casar-se comigo foi para ela uma espécie de libertação. De família humilde e tradicionalista, ela se sentiu no paraíso com o casamento. Seria um massacre em todos os sentidos o divórcio para ela.

Virei a cabeça e olhei a porta de Khadija. Não era para doer, machucar tanto assim.

Não era.

Mas eu não conseguia evitar essa dor silenciosa no meu peito.

O silêncio foi quebrado com o som de música entrando no meu quarto e que vinha do quarto de Khadija. Eu me levantei da cama e fui até a porta, coloquei meu ouvido nela.

Meu coração se agitou no peito. Respirando fundo girei a maçaneta.

Khadija

Depois da morte dos meus pais a vida se tornou um vazio. Mas de alguma forma, eu consegui engolir minha dor e lidar com ela de maneira determinada e otimista.

Mas agora, nessa situação, eu não sabia o que fazer. Embora eu tenha sido criada assimilando os nossos costumes, o que eu vivia agora era um martírio. Eu me apaixonei por um homem que seria dividido. No fundo, eu me sentia no papel da amante.

Era claro que Zafir não se separaria. E eu o entendia perfeitamente. Ele se casou para acrescentar e não para subtrair algo de sua vida. Jamile era sua esposa. A pessoa que ele fez votos, como eu.

Ele não a amava, como ele mesmo disse, mas nos nossos costumes, o divórcio era uma cicatriz para as mulheres. Ela sofreria uma grande pressão social. Seria malvista, mal falada. Se ela se divorciasse, dificilmente se casaria novamente e divórcio equivaleria a voltar para a casa dos pais dela. Ela não era muçulmana, então voltaria com uma mão na frente e outra atrás.

Ela parecia ser uma pessoa fraca, embora fizesse de tudo para se mostrar uma mulher forte. Mas era nítido que qualquer coisa a abalava. Jamile não enfrentaria bem uma separação.

A minha convivência com Zafir nesses dias, me mostrou que ele era um homem justo. Ele se casou para manter seu outro casamento. Eu que entrei de gaiata nessa história!

Qual era a minha opção?

Eu tinha opção?

Não!

Era aceitar e tentar conviver harmoniosamente com isso tudo.

Ou...Allah! Não! Isso não!

Isso seria a última coisa, última alternativa...

Eu o amava e faria de tudo para lidar com isso tudo. Eu sempre fui forte. Sobrevivi a uma perda devastadora. Eu seguiria com minha vida com Zafir de cabeça erguida.

Jamile não me quis nessa casa?

Zafir não me amava? Pois então? Eu seria a segunda esposa!

Enxuguei minhas lágrimas e me levantei. Espantaria tudo isso dançando. Gastando energia, me movimentando.

Fui até o aparelho de som, ao lado escolhi o Cd. de Hanine, uma violinista que tocava músicas árabes. Com o volume bem baixinho escolhi uma: Arábia. Aumentei um pouco o volume do som e fui para o meio do quarto com um lenço de seda vermelho na mão.

Com os braços erguidos respirei fundo: Um recomeço.

Eu renasceria.

De olhos fechados comecei a me movimentar no quarto, requebrando os quadris.

Vou me levantar!

Não vou desistir!

Continuei repetindo os mesmos movimentos por alguns segundos, a música se intensificou. Sorrindo joguei o lenço para o alto e o peguei no ar, fiz isso uma, duas, três vezes.

Viver! Viver! Viver!

Rodopiei com um sorriso no rosto.

Allah! Parei ofegante encarando Zafir, ali, num canto do quarto, parado, olhando para mim. Por alguns segundos senti uma tempestade de confusão crescendo dentro do meu ser. Fitei confusa a porta aberta.

Tinha uma porta ali?

Allah, ela era totalmente camuflada pelo papel de parede creme cheio de tons dourados.

Meu coração bateu quando os meus olhos encontraram os dele novamente. Ele ainda olhava para mim, sua expressão era quente como o inferno.

Ou o paraíso?

Ofegante e com as pernas trêmulas eu segurei o seu olhar. A música continuava tocando, mas eu nem a escutava mais.

—Continua. —Ele pediu com voz rouca.

Zafir Fiquei parado ali, a observando extasiado.

Coração batendo.

Olhos que não perdiam nenhum de seus movimentos.

Boca seca.

Tremor nas mãos.

Toda a aquela tristeza que eu sentia até momentos atrás se esvaiu de mim, dando lugar aquela genuína emoção, que eu só tinha com ela. Eu ainda sofria por saber que eu não poderia fazer a pessoa que mais amo no mundo feliz da maneira que eu gostaria, que eu sonhava, como ela merecia.

Ela rodopiou na sala, e quando fez isso, abriu um lindo sorriso, tão lindo, tão verdadeiro que meu coração se agitou no peito e a esperança sussurrou no meu ouvido: *Ela aceitou sua condição. Ela será a minha segunda esposa.*

Seus olhos encontraram os meus e ela parou. Arregalou os olhos. Ela tentou entender de onde surgi. *Eh Khadija, estamos apenas uns passos longes um do outro.*

Seus olhos procuram os meus novamente. O sorriso que vi em seu rosto ainda à pouco estava na minha mente e me sentindo mais otimista, eu pedi: — Continua.

Khadija Os cabelos da minha cabeça se arrepiaram e minha respiração saiu em arfadas curtas quando passei os olhos por ele.

Descalços, usava camiseta branca e a calça azul marinho do pijama. Seus cabelos negros estavam engenhosamente despenteados, o deixando mais bonito. A barba semicerrada estava mais cumprida, mas não descuidada. Seus olhos eram tão intensos que eu sentia como se eles me tocassem.

Houve um instante de silêncio desconfortável antes de eu assentir para ele e fechar os olhos.

—Desde o início. —Ele me disse. Eu abri meus olhos novamente.

Tudo nele me provocava sentimentos intensos. Eu nunca me sentia preparada para as emoções que esse homem me despertava.

Concordei.

Me sentindo quente por dentro e consciente de seus olhos na minha figura vestida com aquela camisola curta de cetim preto, fui em direção ao som. Coloquei a música para repetir.

Minha respiração atenuou com quando vi Zafir sentado na cama, bem à vontade como da última vez que eu dancei para ele. Minhas bochechas se aqueceram, por puro constrangimento, mas quando a música invadiu o quarto eu olhei para ele determinada.

Logo a música alegre encheu o quarto, uma parte de mim desejou agradá-lo, não a parte inglesa, mas a parte da mulher árabe.

Eu comecei a mexer meus quadris sensualmente o olhando fixamente, comecei a me movimentar bastante conforme o ritmo da música, sem quebrar o contato visual com Zafir. Quando ele sorriu para mim, meu coração se inchou. A esperança que eu e ele seríamos felizes explodiu no meu peito, embora que fosse muito cedo para eu supor isso. Mas era a esperança dentro de mim falando mais alto.

Enquanto eu dançava para ele, minha mente trabalhava.

Allah! Eu desejava que meu coração não se enchesse de esperança. Eu poderia me machucar quando se tornasse algo irreal. Mas não consegui impedir de sonhar. Eu era uma mulher apaixonada, eu tinha certeza disso.

Quando a música terminou, eu estava ofegante. Ele se levantou da cama e caminhou até o aparelho de som e o desligou.

A mistura de saudade e desejo ardeu em meu coração ao observá-lo vindo em minha direção. Ele então parou, bem pertinho de mim. Zafir me olhava cuidadoso.

—Eu sinto tanto sua falta, mas acho que sabe disso.

Eu queria meus braços em volta do pescoço dele. Eu queria beijá-lo. Mas apenas concordei com a cabeça, e tentei sorrir, mas não consegui. Zafir estendeu a mão para mim. Meu coração batia freneticamente enquanto eu olhava para ele.

A atmosfera ao nosso redor revolia-se cada vez mais explosiva. Meus olhos verdes enfrentavam os negros de Zafir.

—Zafir....—Eu iniciei.

Zafir Eu acreditava que era necessário manter meu controle, não colocar tudo a perder ou para fora da maneira que eu queria desesperadamente. Mas quando ela disse meu nome, eu não me contive e gemi, amando o meu nome na boca dela. O desejo intenso que eu só sentia com ela, me invadiu seguido por um amor abundante. E ao invés de controlar minhas emoções como eu previ que faria, eu dei um passo em direção a ela e a envolvi com meus braços, puxando sua cabeça e cobrindo sua boca com a minha. Estremeci quando senti seu corpo frágil e trêmulo junto ao meu, me delicieei quando senti o gosto da boca dela.

Allah era o sabor mais gostoso do mundo.

Seus lábios deixaram os meus. Ela apertou o seu rosto contra meu peito, e eu os meus braços ao redor dela, num aperto firme e forte.

Passei a acariciar suas costas suavemente e com prazer ouvi seu suspiro baixinho no meu peito. Na verdade, eu queria arrancar aquela camisola, e sentir seu corpo nu no meu. Mas me contive. Não era justo. Horas atrás, eu tinha saído do quarto de Jamile.

Allah! Por que eu me sentia tão culpado, tão errado agora?

Fui criado ouvindo histórias, ensinamentos e vendo os homens do meu povo contraírem matrimônio com duas mulheres. Mas agora para mim parecia tão errado...

Enterrei meu nariz em seus cabelos e senti um prazer enorme com o cheiro de maçã neles, isso para mim surtiu como uma overdose de prazer, muito mais que uma droga poderosa.

Era o cheiro dela! Da minha Khadija!

Agora eu lutava com meu bom senso para que o meu instinto animal não falasse mais alto. Nada do que eu queria fazer com Khadija era adequado, e mesmo assim, parte de mim queria isso desesperadamente.

Ah, Allah....

Essa verdade me fez afastá-la. Meu peito se apertou com tensão enquanto ela olhava minha boca como se fosse à coisa mais interessante que já tinha visto.

Eu não podia, hoje não!

Limpei a garganta e desajeitadamente, passei a mão pelo meu cabelo.

— Não quero você longe de mim. Acredite! Eu daria tudo para que tudo fosse diferente.

Eu passei a mão com carinho no seu rosto, escovando com os dedos uma mecha de seu cabelo e o colocando atrás de sua orelha, delicadamente.

Eu a olhei por um tempo, antes de abrir meu coração: — Eu te amo, embora a palavra amor, não é o suficiente para traduzir o que sinto por você. O que sinto é muito mais profundo que essa palavra de quatro letras. Você está sempre em meus pensamentos. A todo o momento. Eu preciso de você

para preencher o vazio que eu sinto quando está longe de mim.

Khadija

Ele colocou a mão sobre seus olhos, esfregando-os numa tentativa de encobrir as emoções. Eu ainda o olhava, tocada com suas palavras, bebendo sua imagem emocionada.

—Por Allah! Fale alguma coisa, Khadija!

—Eu estou aqui. —Disse rouca.

As emoções formaram um nó na minha garganta, porque estava dizendo com essas palavras que eu seria a outra em sua vida.

Não conseguia ainda me ver lidando bem com isso, mas eu o amava, era uma tentativa. E então fui atingida por uma onda de tristeza indescritível, porque o que estou vendo no futuro são apenas sombras, tudo ainda era muito doloroso. Algumas lágrimas teimosas descenderam dos meus olhos.

Zafir pegou meu rosto entre as mãos e secou meus olhos com os polegares dizendo: —Não chore, por favor....Corta meu coração. Fale-me o que está pensando! Palavras que muitas vezes calamos, gritam mais alto que as palavras que pronunciamos.

Fechei os olhos um segundo e pequenos trechos de nós dois juntos apareceram transparentes, e eu olhei para ele Zafir me fez descobrir quem eu era realmente, desde que ele entrou na minha vida, ele não foi um marido repressor. Com ele, eu me senti livre. Pude falar o que pensava, pude ser eu mesma. Era a coisa que eu mais amava nele.

Meu homem.

Meu amor.

—Eu te amo. Acredito que isso diz tudo. —Eu disse emocionada.

—Quero ouvir de você: Você entende minha posição? Você entende o porquê não posso me separar? O que isso implicaria para...Ja... ela? —Zafir evitou falar o nome de Jamile como se isso melhorasse as coisas.

—Eu sei, conheço nossas tradições, nossa sociedade machista. Sei o que isso implicaria para a vida dela.

Zafir me abraçou apertado, eu estremeci em contato com seu corpo quente junto ao meu novamente. Sem aviso ele me pegou no colo e me colocou na cama. Logo em seguida se sentou nela.

—Quero dormir com você. Não sei como dizer isso.... —Seus olhos fitaram o vazio.

Eu fitei o seu rosto. Seu cheiro masculino no meu nariz. Não seria fácil o que eu ia dizer, mas eu sabia que ele não se encontrava em condições hoje. Acho que eu também não gostaria disso, não hoje.

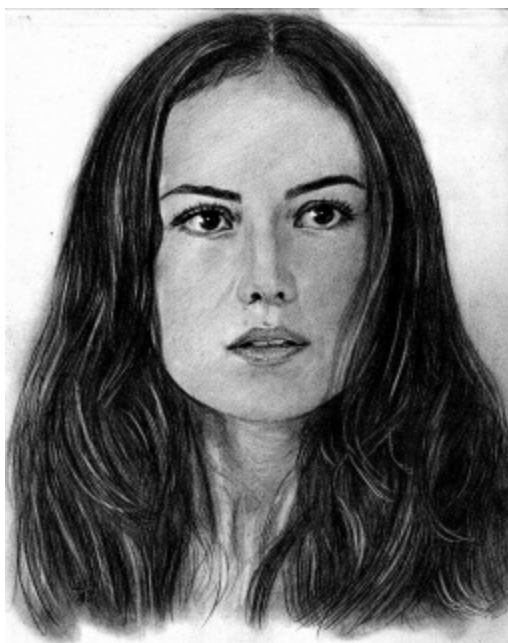
Allah! Eu me recusava a pensar nisso, então disse objetiva: —Não precisa me explicar nada. Eu sei. Deite-se comigo, apenas dormiremos juntos.

Minhas palavras arrancaram um meio sorriso de seu semblante triste.

Admirável isso nele.

Outro homem se vangloriaria em ter duas esposas, dormiria com as duas no mesmo dia. Zafir, não. Ele se culpava. Ele queria que o dia fosse só meu. Bem, pelo menos “o dia.”

Zafir puxou as cobertas e se encaixou em mim, me puxou para os seus braços e não se moveu. Dormimos assim até o dia seguinte...



Capítulo 7

Jamile

Abri meus olhos morrendo de dor de cabeça. Procurei nas gavetas do gabinete do banheiro algum remédio. Blasfemei quando não o encontrei.

Vesti uma blusa de lã e uma calça de moletom e resolvi ir até a cozinha, lá eu encontraria Tylenol numa caixa com remédios que eu guardava em um armário. Fitei o relógio. Oito horas da manhã. Daqui a pouco Zafir se levantaria para ir ao trabalho. Parei no meio do quarto e antes de ir, resolvi olhá-lo. De vez em quando me dava a louca de querer vê-lo dormindo. Eu achava sexy aquele homem enorme no meio da cama. Geralmente ele estava descoberto, mostrando aquele corpo. Era uma bela visão.

Abri a porta de comunicação, estremeci de raiva quando eu não o avistei. Sua cama estava intacta! Fechei a porta soltando fogo pelas ventas.

Era nítido que Zafir estava apaixonado por ela, consegui ler isso em seu semblante, no dia que ela chegou. Ele tentou disfarçar, mas o dia que ele falhou na cama, eu tive certeza. Zafir não falhava, nunca!

Dizer que não me importava com isso, era mentira. Meu lado dark gritou mais alto.

Casei-me tarde, aos 28 anos, não foi uma opção, mas, sim, o que meus pais decidiram para mim. Quando conheci Zafir me encantei com ele.

Quem não se encantaria?

Os benefícios então, de estar casada, financeiramente falando e, a liberdade que ele me deu para aumentar a minha vaidade reprimida por meus pais, colaborou muito para isso.

Logo me vi feliz...

Mas o tempo passou e eu percebi que o casamento para ele não significou muita coisa. Sempre soube por fontes seguras que ele era um mulherengo. Acho que uma das coisas que levou a ter grandes reservas com ele, foi isso. A verdade que eu não soube conquistá-lo e fiz tudo ao contrário, talvez com medo de me apaixonar. E fiquei focada apenas em manter minha segurança e estabilidade financeira. Eu não via nada de errado em pensar assim.

Só que agora....

Allah!

Nunca imaginei Zafir apaixonado. Isso era uma faca girando no meu coração, me dando esse ódio mortal pelos dois. Ela conseguiu em quinze dias o que eu não consegui com ele em três anos.

Eu sempre fui muito fechada para os meus sentimentos e não conseguia demonstrar, me impor, lutar. Amar era um sentimento que me deixava nua, eu me sentia exposta. O ódio, a raiva, maldade eram mais fáceis de expressar....

Essas falhas em meu caráter me fizeram lidar com meu casamento, do melhor jeito possível, de um jeito prático, da mesma forma que meu marido me enxergava. Sempre quis mais do que ele me oferecia. No fundo, eu queria sentir nele a paixão, a vontade de estar ao meu lado...que ele lutasse por mim, a ponto de eu conseguir me soltar e pôr para fora toda a minha paixão reprimida....

O que me restou foi esse sentimento sujo, uma grande mágoa por ele e agora um romance proibido.

Zafir não sabia, aliás, ninguém sabia, mas eu tinha um caso. Foi o jeito que lidei com a dor de não ter sido amada por meu marido. Ele trabalhava na nossa casa, cuidava do nosso jardim. Alto, bonito, forte, cabelos loiros, mas pobre. Encantei-me por ele de cara, ele me olhou

diferente de Zafir, enxergou em mim a mulher atraente, sedutora, que meu marido não enxergava.

Só que minha vida perfeita começou a ser ameaçada. A pressão para eu ter um filho surgiu e a ideia da segunda esposa me pareceu algo sensato. Zafir não me amava mesmo, ele era incapaz de ter esse sentimento por alguém. Foi isso que eu pensei....

Idiota que eu fui!

Ver Zafir apaixonado, arrastando sua asa para ela, acabou comigo!

Eu agora estava me sentindo amarga e cheia de vingança no coração. Minha vontade agora era tirá-la de nossas vidas —respirei fundo — eu sabia que eu precisava ir com calma. Eu precisava encontrar uma brecha, algo que os separasse.

E eu ia encontrar! A se ia!

Zafir Abri um sorriso com a sensação maravilhosa de tê-la nos meus braços. Tínhamos dormido agarrados como se não pudéssemos mais ficar longe um do outro.

Fitei o relógio, oito horas, voltei meus olhos para o rosto sereno de Khadija virado para mim. Eu a queria, a mulher acima do seu corpo. Sorri novamente, feliz com vontade de viver. Tê-la significava voltar a ter paz, voltar a sorrir. Era a bonança depois da tormenta, como se todos os meus problemas estivessem solucionados em um piscar de olhos.

Levantei-me sem despertá-la. Preocupado fui até meu quarto e desarrumei a cama. Não queria que Jamile descobrisse que dormi com ela. A arrumadeira poderia comentar, e eu temia por Khadija e de alguma maneira, Jamile podia se sentir ameaçada. E eu não sabia qual seria a sua reação. E, além disso, eu não queria que os empregados notassem que eu fazia distinção entre as duas esposas. Isso poderia gerar conflitos e não seria certo Jamile se sentir diferente com relação ao meu amor.

Conclusão! Eu precisava administrar meus sentimentos, de tal forma que ela não percebesse.

Depois de me purificar, fiz minhas orações matinais e me troquei.

Calça jeans, camiseta branca, tênis. Passei um pente nos cabelos e aparei pelos da minha barba. Quando voltei para o quarto de Khadija, ela ainda dormia, beijei delicadamente seu rosto. Ela abriu os olhos e sorriu quando me viu.

—Sabah el-kheir (Bom dia) —Sabah el-kheir. —Ela me respondeu sorrindo. —Não vai trabalhar hoje?

—Não. Só irei à tarde. Quero conversar com vocês duas. Desde que chegamos, não tivemos uma conversa. Você já explorou a casa?

—Não, ainda não.

—Tem lugares que fiz nessa casa para despertar hobbies.

Ela se sentou.

—Verdade? Que tipo?

—Um ateliê para pintura, uma olaria com forno e tudo, um orquidário, uma biblioteca repleta de livros, uma sala de jogos...

—Allah! Tem tudo isso?

Eu passei a mão no rosto dela com carinho e depois peguei sua mão a levando aos lábios e sorrindo assenti.

—O orquidário fica atrás da casa. O restante, fiz no andar superior. É uma forma de vocês se sentirem úteis.

Seu sorriso perdeu a força, e ela desviou seus olhos dos meus. Vi como seu corpo enrijeceu e como ela se endireitou na cama.

Caiu a ficha, entendi que eu usei as palavras no plural.

—Que bom. —Ela disse sem olhar para mim.

—Khadija, por favor. Não fica assim.

Ela me olhou séria.

—Isso leva um tempo. Preciso me acostumar com tudo isso...embora,

muitas vezes, me pergunto se me acostumarei algum dia.

Ao ouvir suas palavras, senti uma grande dor no coração. Eu a abracei, a apertei em meus braços, beijei seus cabelos. Depois de um tempo, a afastei para dizer: —Eu sei. Essa situação incomoda também a mim, mas de uma forma diferente que em você. Eu me culpo de várias maneiras.

Allah!

Me incomodava de estar com Jamile quando eu queria estar com Khadija.

Me incomodava amar mais Khadija, e me sentia culpado por entender que eu dava o resto de mim para Jamile.

—Eu sei. —Ela disse baixinho depois de um tempo.

Eu segurei a mão dela nas minhas.

—Não quero que Jamile saiba que eu a trato diferente. Ela não pode saber que dormi com você. Por isso já estou de pé.

—E sua cama? Alguém pode ver que você não dormiu lá e falar para ela.

—Eu já a desarrumei agora.

Khadija assentiu para mim e se jogou de costas na cama.

—Então, vá. Pelo jeito não pode estar aqui...

—Assef, ana bahebik. (desculpe-me, eu te amo) —Ana bahebak. — Ela me disse ainda deitada.

—Essa noite será nossa.

Ela se virou, de costas para mim.

—Vá, Zafir. Me deixe sozinha.

Travei minha mandíbula e tudo dentro de mim gritou com a vontade de não deixar aquele quarto, mas eu me levantei da cama e apenas disse: —

Depois do café reunirei a duas.

—Está certo.

—Te espero para o café agora?

Khadija virou seu corpo para mim. Seus olhos brilhavam pelas lágrimas que ela segurava.

—Sim, só vou me trocar.

Eu assenti para ela.

—Te espero.

Khadija Allah!

Eu me acostumaria com tudo isso?

Ele se afastou, eu percebi que a minha tristeza afetou Zafir. Antes de sair, ele olhou para trás por cima do ombro, e eu pude ver seu semblante triste, carregado. Isso me tocou profundamente, eu não queria deixá-lo assim.

—Pare! Pare! —Disse alto para mim mesma. — Calma!

Eu não podia ter recaídas de amargura. Eu já tinha feito minha escolha e precisava lidar com as consequências. Era nítido que Zafir estava fazendo de tudo para eu me sentir confortável com tudo isso. Eu percebia o quanto ele era cuidadoso com as palavras. Contudo, não tinha jeito, Jamile sempre estaria entre nós.

Você saberá lidar com tudo isso!

Respirei fundo e com esse pensamento otimista eu me levantei. Depois de tomar um banho rápido coloquei um vestido verde escuro de algodão, coloquei uma blusa de lã branca e saí do quarto.

Zafir Eu estava na sala lendo jornal quando ouvi passos na sala. Era Jamile.

—Sabah el-kheir. (Bom dia) —Sabah el-kheir. —Ela me respondeu abrindo mais o sorriso. —Não irá trabalhar hoje?

NACIONAIS-ACHERON

Eu deixei o jornal ao lado da sacola que continha o presente de Jamile e Khadija.

—Não. Quero conversar com vocês duas, ainda não fizemos isso, desde que cheguei.

Jamile se sentou ao meu lado, eu comprimi os músculos do meu corpo, ficando tenso. Me levantei. Eu precisava falar sobre isso. Khadija surgiu minutos depois na sala. Ela estacou quando viu Jamile no sofá.

Então deu uns passos em nossa direção parando perto de nós.

—Sabah el-kheir (Bom dia) —Ela disse para Jamile.

—Sabah el-kheir. —Jamile respondeu com um sorriso tão leve que eu estranhei. —Vamos tomar café? —Ela disse pegando o sininho da sala e o tocando. Logo surgiu Zamira. —Pode servir o café, Zamira.

Fomos todos para a sala de jantar.

Eu fiquei dividido, sem saber se puxava a cadeira para as duas ou não. Resolvi apenas me sentar. O bom de nossa tradição era que podia ter o clima que fosse, na hora de comer não nos falávamos, então o silêncio não seria constrangedor entre nós. Embora tenso. Nós mastigamos em silêncio, as duas trocando olhares quando achava que a outra não está vendo.

Quando percebi que elas finalizaram o café, eu disse para Zamira que estava em pé ao lado de Jamile como um cão fiel. Sim, pois Jamile queria que ela ficasse nessa posição, pois caso ela quisesse algo, Zamira estaria pronta para servir.

—Zamira, teremos uma reunião particular na sala. Não quero ninguém transitando por lá agora.

—Sim, senhor Xarif. —Ela me disse com um aceno de cabeça.

Eu me levantei, seguido por elas que ocuparam o sofá, uma distante da outra. Se eu pudesse eu diria para elas sentarem juntas. Mas era pedir demais. Então eu me posicionei de forma que eu pudesse olhar para as duas, conforme eu falasse.

—É fundamenta essa reunião. Para o bom andamento do nosso

NACIONAIS-ACHERON

casamento e que eu levo muito à sério. Vou ditar algumas regras, para que tudo funcione perfeitamente bem. Tudo que direi está fundamentado nos ensinamentos, juntamente com o bom senso.

1-Precisamos ter medo das palavras, pois uma vez ditas, não se apagam mais. Não se corrige mais. Por isso que, muitas vezes, a melhor coisa é ficar calado. Somos donos das palavras que não são pronunciadas e escravo daquelas que escapam da nossa boca. Façam como se estivessem no deserto: tapem os olhos e esperem a tempestade passar. Resumindo, não quero ofensas entre vocês. Brigas, intrigas.

2-Nunca falarei mal de Jamile para Khadija e nem de Khadija para Jamile, vocês duas podem escrever isso. E não quero ouvir reclamações uma da outra no meu ouvido. Eu não quero ouvir Khadija reclamando de você Jamile e nem vice-versa. Sempre resolveremos tudo aqui, às claras, para que não se crie falsidade, intriga e contenda entre nós.

3-Carinhos só no quarto. Não ficarei nos braços de nenhuma na casa, nem sentaremos juntos com intimidade. Agiremos como bons amigos, para que não levante o ciúme entre as duas.

4-Jamile é a primeira esposa até o meu filho nascer passando então a Khadija. A primeira esposa é aquela que manda e desmanda na casa. Ela que administra tudo, o cardápio, a arrumação, a decoração. E ela que resolve todos os problemas com os empregados.

5-Quanto à entrega de presentes, sempre entregarei para as duas na mesma hora, nunca em separado. Vocês abrirão uma na presença da outra para constatar que eu não fiz diferença entre vocês. É isso.

Eu respirei fundo e continuei: —Quanto a mim, farei meu papel de chefe e líder na casa. Cumprindo minhas obrigações, administrando o lar e qualquer luta, ou problemas que vierem. Alguma dúvida?

As duas se entreolharam e não me disseram nada. Eu então sorri.

—Ótimo. Uma das duas quer falar algo, uma para a outra?

Jamile se levantou do sofá, eu senti meu coração se agitar no peito, pois eu não sabia o que esperar com seu gesto.

—Khadija, quero que sejamos amigas e dizer para que você é bem-vinda nessa casa.

Khadija ergueu suas sobrancelhas surpresa como eu.

—Obrigada. —Seu sorriso tremeu.

Jamile estendeu a mão para ela.

—Amigas?

Khadija se levantou do sofá e pegou a mão dela.

—Sim, amigas.

Meu coração se agitou de forma estranha.

Allah! Não esperava esse gesto amigável de Jamile!

Bem, talvez eu estivesse me enganado com ela. E eu devia estar mesmo, afinal, foi ideia dela a segunda esposa.

—Ótimo, já que está tudo resolvido, vou mostrar a Khadija a casa.

—Eu posso fazer isso, se não se importar? —Jamile se ofereceu.

Eu queria mais que as duas se dessem bem, então encarei Khadija com o semblante sério.

—Eu prometi para Khadija, mas se ela não se importar, você pode fazer as honras da casa. E então, Khadija?

Khadija sorriu para ela.

—Não, tudo bem, eu não me importo.

Eu sorri para as duas.

—Ótimo. Estarei no escritório então. Avisa Zamira que hoje eu vou almoçar em casa.

Khadija

Jamile me encarou depois que Zafir saiu. Eu lhe dei um sorriso com reservas.

—Você disse que quer ser minha amiga, foi sério mesmo? Ou só para agradar a Zafir?

Seu sorriso se tornou maior.

—Foi sério. Eu cheguei à conclusão que teremos que conviver uma com a outra, então porque não de forma pacífica?

Eu não sabia o que pensar sobre isso. O futuro me diria se as palavras dela eram sinceras ou não.

—Que bom! —Eu disse.

—Vamos?

—Claro.

Levamos uma hora para eu ver tudo com cuidado, além dos lugares que Zafir tinha me falado: a sauna, a piscina coberta ao lado do salão de jogos, várias salas e áreas de descanso. Por onde passei vi várias empregadas limpando e zelando para que tudo estivesse bem arrumado.

Jamile o tempo todo foi muito amável. Eu podia ver também o brilho de satisfação dela conforme ela mostrava tudo. Orgulhosa pelo conforto.

Quando estávamos no andar de baixo, numa das áreas de descanso, que aliás, era linda, com um grande aquário de água salgada e várias plantas ao nosso redor.

Jamile se sentou em um dos bancos e apontou o seu lado para eu me sentar.

Eu me sentei.

—E então? Gostou?

—Sim, a casa é maravilhosa. Mas poderia ter metade disso, eu a acho muito grande. Um exagero, me sinto em um hotel.

Ela se virou para mim, com o rosto estupefato.

—Você pertence ao meu povo mesmo?

Eu sorri.

—Sim, por quê?

—Somos assim. Adoramos ostentar o luxo, a riqueza. Fazem parte de nossa cultura os palácios. Quanto maior, melhor. Isso exalta o poder, a força, a inteligência.

Eu balancei a cabeça.

—Acho que penso assim, pois vim de uma família de classe média.

Foi então que ela riu. Eu geralmente conhecia os sorrisos das pessoas: os de revolta ou desespero, às vezes de crueldade, alegria ou prazer. Mas nesse riso dela percebi alguma coisa de incomum e aterrador.

—Não, não é isso não. Meus pais são pobres, não tínhamos muitas vezes o pão, e eu não penso como você. Graças a Allah, Zafir também não.
—Ela triunfou sobriamente.

Eu balancei novamente a cabeça.

—Zafir? Ele não me parece o tipo de homem que cultua tudo isso. Eu acredito que isso foi mais influência de seu pai, de sua família.

—Pode ser. —Jamile disse olhando as unhas. Ela então olhou para mim. —E falando em luxo, Zafir se esqueceu de entregar os nossos presentes.

—Presentes?

—Sim, os que ele nos comprou em Paris.

Verdade. Eu me lembrei que ele tinha comprado algo quando eu estava com ele em Paris. Ele já tinha me dado tanta coisa.

Disse quase para mim mesma: —Mais?

Jamile virou seu corpo para mim.

—O que você quis dizer com "mais"?

Allah! Eu não podia contar os gastos que Zafir teve comigo lá em Paris, por isso dei de ombros. Eu desviei meus olhos dos dela e disse como se visse navios.

—Viver como vivemos, cheia de conforto...essa casa é um verdadeiro presente.

—O céu é o limite. Se pudermos ter de tudo nessa terra, por que não? Nós mulheres, estamos sempre precisando de alguma coisa.

Sério? Allah! Principalmente, quando temos tudo. Ironizei comigo mesma.

Eu a encarei com cara de paisagem, cheia de tédio no meu interior e mudei de assunto: —Estou pensando em me aventurar no ateliê. Tentar pintar algo. Nem que for só para eu brincar com as cores, fazer algo abstrato.

—Ótimo! Fique à vontade. Eu vou até a cozinha para ver o andamento do cardápio do nosso almoço.

—Está certo.

Ela levantou seu corpo magro e caminhou com classe. Nariz em pé. Como se não tocasse o chão, parecia aqueles fantasmas de lençóis que flutuavam, eu ri com esses pensamentos.

Eu me levantei e de lá resolvi ir para o único local que eu não tinha visto ainda. A área externa.

Logo eu estava caminhando entre os jardins bem cuidados. Ao longe vi um jovem musculoso, devia puxar um ferro. Ele estava podando uma cerca viva. Quando ele me viu sorriu. Eu desviei meus olhos dos deles,

constrangida. Virei meu corpo para ir em outra direção. Ouvi seus passos atrás das minhas costas.

—Você é a segunda esposa do senhor Xarif? —Ouvi ele me perguntando.

Eu me virei e o encarei.

—Sim. —O jovem sorriu com confiança. Eu não gostei da atitude dele.

— Sou Ryan Seymour. — Ele se apresentou.

Seus cabelos loiros despentearam com o vento, seus olhos azuis passaram pela minha figura. Ele parecia aquele boneco da minha Barbie.

Eu, segurei meu vestido para ele não se levantar com o vento, os meus cabelos cobriram o meu rosto.

—Prazer, preciso entrar. Está frio aqui.

—Nos vemos por aí.

Que papo era aquele?

—Acho melhor não. Como deve saber meu marido é árabe. Não costumamos ter amizade ou conversas com homens.

—Não disse por mal, foi uma forma de despedida. Perdoe-me se a ofendi senhora Xarif.

—Tudo bem.

—Uma pena uma mulher tão bonita ser tão presa a esses costumes. Mas respeito.

Eu não gostei de sua ousadia, mas eu não ia ficar batendo boca com ele. Não nos veríamos mais e pronto!

Quando me virei vi Zafir em pé na grande área da casa onde vasos majestosos ficavam espalhados, ornamentando a entrada que tinha forma de arco. Ele vestia um terno cinza chumbo, camisa cinza num tom claro, gravata preta.

Seus olhos que fitavam duramente o empregado voltaram-se para mim com a mesma dureza. Eu caminhei até onde ele estava.

—O que o rapaz queria? —Ele me perguntou em árabe quando eu estava mais próxima.

—Nada. —Eu respondi na minha língua natal.

—Nada mesmo?

—Não conversamos muito, ele só perguntou se eu era a sua segunda esposa.

Ele estudou meu rosto, os olhos castanhos profundos movendo-se por minha figura, que ainda segurava o vestido, pois ventava muito.

—Eu não preciso dizer que não quero você conversando com ele e nem com qualquer homem que não seja seu marido. —Sua voz era suave como seda, mas vinha com uma grande autoridade que fez minha pele se arrepiar, daquelas que não pode ser negada ou ignorada.

Meu coração acelerou; *Allah! Machista de um jeito excitante*. Do tipo: **"Você é minhaaaaaaaa"**.

Era o ciúme do homem árabe falando mais alto.

Eu disse num tom conciliador.

—Conheço nossa cultura, Zafir. Inclusive, acabei de dizer isso a esse rapaz. Que eu não costumo falar com homens estranhos.

Subi os degraus pensando até que ponto o ciúme atrapalharia nosso casamento. Eu queria que ele confiasse em mim.

Essa era a verdade!

Quando passei por ele, seus dedos seguraram o meu braço.

—Você parece que não gostou muito da minha atitude.

Eu o encarei.

—Eu conheço nossas regras, sou meio inglesa, mas conheço o pensamento do homem árabe. Embora, não goste.

Ele soltou meu braço.

—Esses homens ocidentais, europeus, americanos não respeitam seu próximo. Por isso quero você longe de todos eles. —Ele disse com a mesma autoridade na voz.

Com certeza ele entendeu que eu era contra o não poder falar com homens, sendo que eu quis dizer que eu gostaria que ele confiasse em mim.

Eu não queria ficar me justificando e apenas disse: —Zafir, nem todos são assim.

Ele se aproximou, seus olhos se estreitaram nos meus.

—Como sabe?

—Apenas sei. —Não consegui evitar o tremor na minha voz. Mas também, como não tremeria, ele me olhava tão desconfiado.

O que era isso tudo?

Tinha o dedo de Jamile?

Ela me viu no jardim com o rapaz, falou-lhe algo lá dentro e ele veio verificar cheio de coisas na cabeça?

— Aywa!(Tudo bem).

Não senti firmeza em sua voz.

—O que foi, Zafir? Sou eu, Khadija. Você está falando comigo como se não me conhecesse. Como se duvidasse do meu caráter.

Ele me olhou calado por um tempo, seu rosto duro se transformando na minha frente em algo como arrependido. Depois ele respirou fundo, passou a mão nos cabelos.

—Você está certa. Allah! Me perdoe. —Ele então fitou meus lábios. —Se eu pudesse te beijaria agora.

Eu assenti tristemente para ele.

—Eu sei.

—Vem, vamos entrar. Está frio aqui fora. Quero entregar o seu presente e o de Jamile.

Eu acenei com um sim com a cabeça e entramos juntos. Caminhamos até a sala. Uma empregada limpava um aparador de vidro. Jamile estava no sofá e nos olhou curiosa, como se nos observasse tentando descobrir se tínhamos brigado ou se estava tudo bem.

Ela tinha dito algo a Zafir?

Zafir pegou a sacola e tirou dois estojos de veludo preto, não sei porque, mas isso não me alegrou, parecia que recebíamos premiações em sermos boas esposas. Diferente se fosse algo mais íntimo e ele desse a joia só para mim e com ela, palavras bonitas que viriam do seu coração.

Ele entregou para Jamile que olhava a caixa ansiosa e para mim que apenas peguei das mãos dele não esboçando nenhuma reação.

—Abram!

Eu abri a minha com cuidado. Era um lindíssimo colar de esmeraldas.

—Obrigada habibi. —Ela disse com um sorriso de orelha a orelha.

Zafir olhou para mim, eu forcei um sorriso.

—Obrigada, ele é muito lindo.

—Agora mostrem uma para a outra, o que ganharam.

Meu sorriso que já era fraco morreu.

—Precisa de tudo isso mesmo? —Eu perguntei com enfado.

Ele me olhou carrancudo.

—Conversamos agora pouco sobre as regras.

Eu apertei meus lábios e assenti. Ergui minha caixa e mostrei a joia para Jamile. Ela fez o mesmo.

Colares iguais.

Seria tudo assim? Como irmãs gêmeas?

Allah!

—Ótimo. —Ele disse e se levantou. Então olhou para mim. —Você terá oportunidade de usar. Terei um jantar de negócios depois de amanhã.

—Que maravilhoso! —Jamile disse contente.

Zafir virou seu rosto para ela.

—Você ficará. Nunca você me acompanhou nesses jantares, por ser, como diz "chato". Khadija irá comigo, quando tiver um evento beneficente você poderá usá-lo.

Jamile ficou pálida, sua cor aos poucos foi voltando em seu rosto e ela sorriu. Um sorriso lindo, como de propaganda de creme dental.

—Tudo bem, habibi. Realmente eu não gosto desses jantares.

Zamira entrou na sala e ficou parada nos olhando. Zafir tirou os olhos de Jamile e a encarou.

— O almoço está servido.

Zafir se levantou.

—Ótimo! Então vamos almoçar.

O dia passou rápido, a noite chegou e Zafir com ela. Eu estava na cama olhando para o teto quando a porta de comunicação se abriu e ele surgiu.

Seus cabelos estavam mais negros pelo banho e ele estava só de cueca. Meus olhos percorreram seu corpo, movendo-se sobre seus peitorais

bem torneados, seu abdômen tanquinho, suas pernas poderosas.

Ele fechou a porta e com um sorriso caminhou em minha direção.

O corpo tremeu.

Coração se agitou peito.

Lábios se esticaram num sorriso feliz.

Quando ele ocupou seu lugar na cama, nossas bocas se procuraram com frenesi, apaixonados. Minutos se passaram até que nossos beijos se acalmaram e se tornaram: Lentos.

Silenciosos.

Sentidos.

Saborosos.

Sua mão se elevou e com doçura passou nos meus cabelos, seus olhos correndo meu rosto, fazendo-me sentir especial. Seu corpo quente aquecia não só o meu corpo, mas a também minha alma.

Logo dedos quentes viajaram meu corpo, envolventes. Cheios de magia, tanta que não senti minhas roupas quando foram tiradas. Quando me vi, estava livre delas. Ele me desarmava com seu jeito, e ao mesmo tempo eu me sentia confiante.

Toques suaves.

Beijos quentes....

Eu gemia, arqueava o corpo contra o dele. Sensações maravilhosas que varriam qualquer coisa que estivesse entre nós.

Lábios então, correram meu corpo: Quentes.

Úmidos.

Sensacionais.

Logo olhos negros procuraram os meus. Mãos fortes passaram por meu rosto, toda a linha dele, como se ele guardasse minha imagem em sua mente. Eu lhe dei um sorriso, imóvel observando cada detalhe de seu rosto também. Eu sabia de cor e salteado todas as linhas dele. Quando ele sorriu para mim foi...arreatador e eu sorri de volta antes de puxá-lo para mim, minha boca sedenta pela sua.

Allah! Como eu o amava....

Depois de muito nos beijarmos, experimentando sensações. Línguas se tocando, enroscando, dançando. Seus lábios escaparam dos meus e escorregaram para o meu queixo, pescoço, descendo até minha barriga. Suas habilidades orais eram impressionantes. Seus dedos mágicos.

Logo éramos um só. Suspirei com essa sensação.

Zafir segurou as minhas mãos, elevando-as acima da minha cabeça enquanto ele se movia, me beijava e me levava ao prazer. Não conseguia deixar de gemer alto quando cheguei ao auge que veio junto com a satisfação. Zafir apertou minhas mãos quando ele se rendeu também. Seu corpo então tombou para o lado e ele me puxou para os seus braços, ficamos lá, ambos com respirações irregulares, sorrisos satisfeitos. Poético...

Quando acordei de manhã, ele não estava mais na cama deixando aquela impressão que tudo não passou de um sonho, mas o cheiro dele no meu corpo e travesseiro me mostrava ao contrário. Foi tudo realidade, nossa noite mágica existiu.

Sorri a caminho do chuveiro. Enchi com água bem quente a banheira de hidromassagem, despejei sais perfumados e fiquei de molho nela os pensamentos nele e em tudo que vivemos desde o dia do nosso casamento. Suspirei me sentindo feliz.

Me sentindo leve, caminhei pelos corredores com vasos floridos em aparadores, reparando nas obras de artes espalhadas pelas paredes, sorrindo para o brilho da luz do sol que avançava pelas grandes janelas onde as cortinas grandes e pesadas mexiam pelo vento forte e gelado da manhã.

Quando pisei na sala uma jovem empregada veio em minha direção.

—Bom dia, o café pode ser servido?

—Sim. —Disse com um sorriso radiante.

Ela assentiu e foi em direção a cozinha e eu caminhei sentido a mesa de jantar. Ocupei meu lugar e peguei um pedaço de pão pita e passe mel. Jamile apareceu logo em seguida.

Agora eram dez horas. Ela não acordava meio-dia?

—Sabah el-kheir (Bom dia)

—Sabah el-kheir. —Eu respondi ao seu cumprimento e engoli meu sorriso. Tive medo de demonstrar o quanto eu estava me sentindo feliz.

Zamira colocou o bule de café fumegante na mesa, nos cumprimentando com bom dia, eu respondi a ela com um sorriso e me servir dele. Agora comeríamos sem conversas na mesa. Pelo menos era o que eu esperava.

—O que pretende fazer hoje? —Jamile me perguntou.

—Não sei. Não pensei sobre isso. —Eu respondi.

—Sabah el-kheir (Bom dia) —Ouvimos uma voz feminina melodiosa na entrada da sala.

—Sabah el-kheir, senhora Ada Xarif. —Jamile sorriu para ela com meiguice.

Ada era uma mulher elegante. Caminhou com classe e ocupou uma cadeira a minha frente.

—Tudo bem com vocês? —Ela perguntou nos avaliando.

—Tudo ótimo! —Jamile respondeu jovial.

—E o casamento Khadija? Está se dando bem com Jamile?

Eu demorei para responder, Jamile respondeu por mim.

—Sim, claro. Como deve saber, seu filho é maravilhoso. Preocupado, cheio de tatos. Ele já conversou conosco, está tudo certo entre nós.

—É isso mesmo, Khadija? —A senhora Xarif perguntou.

Eu sorri para a senhorinha de cabelos grisalhos e olhos castanhos escuros.

—Sim, claro.

—Ótimo. Que bom que está tudo caminhando bem. —Ela foi até a mesa. — Preciso de algo para beber de preferência com açúcar.

Jamile pegou uma jarra de suco e a serviu.

—A sim está melhor. —Ela disse se sentando e tomando o suco. —E Zafir? Continua trabalhando muito?

Jamile deu a ela um sorriso.

—A senhora sabe como ele é....sempre chega tarde. Até que esses dias ele tem chegado mais cedo. Mas no começo do meu casamento foi assim também. No início tudo são flores.

Allah! O que ela estava querendo dizer com isso? Que meu casamento seria como o dela?

Ada a olhou pensativa.

—Eu falo para Mustafá. Zafir precisa melhorar seus horários. Ficar mais em casa... Jamile, que bom você ter entendido a necessidade de Zafir se casar novamente para ter um filho. É ele que herdará tudo isso e tocará os negócios da família.

Aquela conversa me fez mal. Mas a realidade era essa mesmo: a finalidade do nosso casamento era *eu gerar um filho*.

Eu, que estava morrendo de fome, senti um bolo de angústia na garganta. A senhora Xarif se uniu a nós para o café da manhã e por isso, a conversa mole se foi. Os minutos que se seguiram, foram calmos, tranquilos. Eu sempre aprendi a lidar com as emoções e por isso, não demonstrei minha tristeza durante o café. Mas comi muito pouco.

—Bem, preciso ir. Só vim ver mesmo como estavam as coisas por aqui. Peça para Zafir te levar a minha casa, Khadija. Jamile se quiser pode ir também.

—Claro, gostaria muito.

Quando Ada Xarif se foi, eu me levantei.

—E então? Está se adaptando ao fato de ter que dividir Zafir comigo?

—Jamile me perguntou.

O amargor preencheu todos os meus poros.

—O que posso fazer?

—Resignou-se? Que bom! É claro que você está cega pela paixão! Não está?

Inclinei a cabeça para trás e soltei um suspiro.

— Paixão para mim é como fogo de palha. Eu o amo. Mesmo que nosso casamento tenha sido arranjado. Eu me apaixonei por ele.

—Ah o amor... eu já fui assim um dia. Aposto que ele faz mágicas na cama? Um feiticeiro! Acertei? Aqueles lábios, aqueles dedos... —Ela fechou os olhos. —E seus olhos de amor? Tão convincentes, apaixonados.

Eu comecei a me sentir mal com as palavras dela.

Era uma estratégia para minar minhas forças?

Desacreditar no amor de Zafir?

Fazer-me acreditar que ele agia da mesma maneira com nós duas?

Que mais tarde minha união com ele entraria na mesmice e ele me trocava pelo trabalho, como fez com ela?

—Acho melhor não falarmos sobre isso...já é difícil nossa situação.

—Você acha? Eu não acho. Eu ficava sozinha nessa casa enorme, agora pelo menos tenho você para conversar. E logo virá um bebê. Eu poderei ajudá-la com ele. Será como meu filho... Ele terá duas mães! Já pensou nisso?

Eu dei meu sorriso amarelo para ela.

Allah! Ela conseguiu acabar com meu dia!

—Bom dia para você, Jamile.

—Aonde você vai?

—Não sei, andar, pintar, ler...algo que ocupe a mente.

—Então, bom dia para você. Eu vou olhar como anda o serviço dos empregados. Farei a minha inspeção diária.

—Está certo.

Eu subi as escadas e me dirigi ao ateliê. Uma empregada saía dele com um balde e um rodo na mão. Eu a cumprimentei e entrei. O ambiente cheirava limpeza. O silêncio era absoluto.

Ainda me sentindo envenenada por toda aquela conversa, eu soltei o ar com angústia e caminhei até as grandes janelas de vidro que ia do teto até ao chão. De lá dava para ver toda a beleza do jardim. As árvores altas que balançavam com o vento, as gramas bem cortadas, as cercas-vivas bem aparadas. Eu estava para me afastar de lá, quando vi Jamile atravessando o jardim. Ela se dirigiu a um ponto longe da casa e eu a perdi de vista.

Suor frio desceu por mim. Me afastei da janela com as palavras dela e aquela conversa toda de meu filho ter duas mães. O meu coração bateu descompassadamente.

Allah! Não daria certo eu e Jamile na mesma casa!

Quando nascesse meu filho, eu conversaria com Zafir sobre a possibilidade de eu morar em outra casa. Não precisava ser grande. Podia ser até pequena, mas eu não criaria meu filho com Jamile por perto.

Peguei uma bisnaga de tinta nas mãos. Controlei as minhas emoções permissivas.

Não pensaria nisso!

Eu ocuparia minha cabeça!

A noite chegou e eu fiquei me perguntando se Zafir já tinha chegado do trabalho? Se estaria com ela agora? Se ele viria até a minha cama para só dormirmos juntos?

As horas passaram e meus olhos começaram a pesar. Dormir.

Senti o corpo quente de Zafir tocando o meu, sua respiração acariciando o meu pescoço. Fitei o relógio, duas horas da manhã.

Por que tão tarde? Me perguntei.

Virei-me para ele e fitei seu rosto na penumbra do quarto iluminado somente pela luz do luar que entrava pela janela.

—Oi. —Eu disse rouca, com o coração agitado no peito.

—Oi. —Ele disse com aquela voz profunda que eu adorava.

Eu o abracei, sentindo seu cheiro de sabonete. Com certeza ele tinha acabado de tomar banho. Seus braços quentes logo me envolveram e eu estremeci de prazer.

Allah! Hoje era o dia dela!

Ele estava com ela, tomou banho e veio dormir comigo?

Com esses pensamentos e o coração apertado o afastei de mim.

—E Jamile?

—Não fui lá.

—Não? —Disse um "não" sonoro, demonstrando minha surpresa.

—Cheguei tarde. —Ele disse bocejando.

Eu não o questionei, apenas sorri e assenti para ele. O abracei agradecendo aos céus por ele estar comigo agora. Ele deveria estar cansado, pensei quando senti seu corpo relaxado.

—É muito tarde. Sei que está cansado. Vamos dormir. Apenas fique

comigo e durma.

Ele sorriu e me abraçou me fazendo me encaixar nele. Minha cabeça apoiada em seu peito, minhas pernas enroscadas com as suas.

Dormimos assim.

Calor.

Sussurros de palavras de amor.

Beijos.

De manhã, senti quando ele se distanciou de mim, logo seus lábios na minha testa. Eu abri meus olhos e me virei, antes de ele se afastar da cama.

—Zafir. —Puxei sua mão.

Ele se voltou para mim e sorrindo se sentou novamente.

—Sabah el-kheir (Bom dia) —Ele disse carinhoso.

—Sabah el-kheir. —Eu o estudei. — O que houve ontem? Por que chegou tão tarde?

Zafir

Eu apertei meus lábios. A verdade era que eu evitei Jamile, como sempre fiz nesse casamento. E agora eu me dava conta disso.

No começo não, eu tentei amá-la, tentei...

Mas depois....

Percebi que passei a arranjar desculpas, a mim mesmo, para não voltar cedo para casa. Eu não queria que ela soubesse disso. Era feio demais essa minha realidade. Meu casamento com Jamile já era! E agora com Khadija estava cada vez mais difícil. Tanto que eu estava pensando em conversar com meu pai, pedi uma opinião a respeito disso.

—Fiquei no escritório. Estudando alguns papéis. —Menti.

—Sua mãe esteve aqui ontem. Se queixou que você trabalha muito.

Eu soltei o ar. No mínimo veio ver se estava tudo se encaminhando bem para a gravidez de Khadija.

—Esteve? O que ela queria?

—Ela queria ver se eu e Jamile estávamos nos dando bem.

Eu a encarei sem mostrar a minha tristeza, mas por dentro aquele
NACIONAIS-ACHERON

redemoinho de preocupações com relação ao meu casamento com Jamile e o que isso poderia implicar para ela, pois Jamile era esperta, logo sacaria que eu estava abalado por amar Khadija.

—E vocês? Estão se dando bem?

Ela se sentou e me encarou.

—Quando meu filho nascer, não quero morar na mesma casa que ela!

—Ela disse emotiva.

Eu me preocupei com a possibilidade de Jamile minar minha relação com Khadija.

— Ela te fez algo? Falou alguma coisa?

Khadija ficou sem fala, como se não soubesse o que dizer. Eu mesmo tinha imposto essa maldita regra, a de uma não falar mal da outra, para mim e que resolveríamos tudo, juntos. Vi uma lágrima descendo por seu rosto.

Vi uma lágrima descendo seu rosto.

—Khadija, não fica assim. —Meu coração se apertou e eu segurei seu rosto, secando sua lágrima com o polegar. — Tudo dará certo. Prometo que pensarei a respeito. —Eu a puxei para os meus braços e beijando-lhe os cabelos a afastei de mim. —Se anima! Vamos! Lembre-se que hoje teremos um jantar.

Ela assentiu para mim.

—Tudo bem. Realmente é muito cedo para pensar sobre isso.

Eu forcei meu sorriso para ela.

—Comprei esmeraldas pensando em seus olhos. Sabia? — Confessei minha escolha.

Ela sorriu de leve para mim e me abraçou apertado.

— Ana bahebik (eu te amo) —Eu confessei.

—Ana bahebak — Ela me disse apertada a mim.



Capítulo 8

A semana tinha sido dura comigo assim como os últimos dias. Eu retomei minhas atividades na empresa com tudo. Tudo muito corrido, muitas coisas se encaminhando para serem resolvidas. O trabalho tinha se acumulado.

À tarde o escritório estava calmo quando meu pai entrou sem ser anunciado, o que não era algo incomum, ou surpreendente.

Papai andava impecável sempre. Embora tenha se aposentado e me passado o comando dos negócios, usava terno. Calças bem passadas, colete cinza, e um blazer preto. Asseado com precisão militar. Da mesma forma agia. Nunca tive moleza com meu pai.

—Baba.

—Atrapalho?

Eu me levantei.

—Não, claro que não papai. O Senhor nunca atrapalha.

—Como andam os negócios?

—Bem, expandindo como sempre. Posso te dar o relatório desse semestre se quiser? Eu os tenho comigo.

Ele ocupou a cadeira a minha frente.

—Aywa.(sim)

Seus olhos estavam compenetrados no documento. Aquilo, de fato, iria agradá-lo muito. Estávamos crescendo no faturamento, alguns milhões.

Reclinei-me, jogando o peso do meu corpo para trás, esperando seu parecer. Ele esboçou um pequeno sorriso como eu previa e olhou para mim.

—Parabéns. Pelo que vejo, os negócios estão bem. E o casamento? Logo teremos novidades?

—Baba, precisamos conversar sobre isso. Inclusive, eu ia te procurar.
—Eu disse enquanto acariciava a minha barba com a mão esquerda.

Meu pai com certeza entendeu que era algo sério para eu querer procurá-lo. Sempre resolvi meus problemas sozinho, era raro quando eu trazia para ele algum problema.

Em silêncio ele assentiu com a cabeça.

— Jamile está longe de ser uma boa esposa. Ela sempre se negou a me ajudar quando precisei dela. Nos negócios, principalmente. Reuniões onde eu teria que estar com minha esposa, ela sempre se negou a ir. O senhor sabe muito bem disso.

— Você tem Khadija agora. Leve-a.

— Jamile, como sabe, se negou a lutar para ter nosso filho. Ela poderia muito bem ter aceitado a inseminação.

— Khadija resolverá isso.

Allah!

— Pai, não é isso. O que eu quero dizer que eu e Jamile parecemos
NACIONAIS-ACHERON

dois estranhos. Cada um vendo seu lado, ela não pensa na família, no conjunto. Entende? — Eu fiz uma pausa, meu pai me olhava sem mover um músculo do rosto. — Eu...

Ele me interrompeu: —Já sei aonde você quer chegar. O repúdio e a separação estão fora de cogitação. Você não vai jogar seu casamento no vento por um motivo fútil.

—Pai, motivo fútil? Allah! Ela só pensa nela. Só sabe me cobrar presentes!

—Eu não acredito que eu estou ouvindo isso! Um homem que administra os negócios como ninguém e deixando uma mulher virar sua cabeça! —Meu pai alterou sua voz. —Você está assim, pois se apaixonou por Khadija! Não é isso?

—Sim e não. Na verdade Khadija só mostrou para mim que meu casamento era uma fachada. Sexo eu poderia ter com qualquer uma, e é só isso que Jamile me deu.

— Isso não condiz com os ensinamentos do profeta: “os homens são protetores das mulheres, porque Deus dotou uns com mais (força) do que as outras, e pelo o seu sustento do seu pecúlio. As boas esposas são as devotas, que guardam, na ausência (do marido), o segredo que Deus ordenou que fosse guardado. Quanto aquelas, de quem suspeitais deslealdade admoestai-as (na primeira vez), abandonai os seus leitos (na segunda vez) e castigai-as (na terceira vez); porém, se vos obedecerem, não procureis meios contra elas. Sabei que Deus é Excelso, Magnânimo. [9]”. —Então, esqueça isso! Na nossa sociedade você será visto como um homem fraco, que não soube administrar suas duas mulheres. E você sabe que o repúdio não pode ser por um motivo qualquer e sim por um motivo torpe. O que está acontecendo com você?

—Pai, escute o que eu estou te dizendo, Jamile minará meu casamento que agora tem sido de verdade. E eu estou infeliz com essa situação. Eu pensei em dar uma boa casa, uma boa mesada por mês. Ela não ficará desamparada, farei isso até o final dos dias dela, mas eu não a quero como minha esposa!

—A resposta é não. Você será tido como um homem fraco na nossa sociedade. Um homem que não soube administrar duas mulheres e Jamile ficará marcada, dificilmente contrairá outro casamento. Um dos maiores erros cometidos pelos ocidentais é olhar para o mundo árabe com suas lentes culturais. Cada lugar é de uma forma e pensa de maneira diferente. Nisto reside a beleza do mundo. Mas os ocidentais insistem com a ideia de pasteurizá-lo. Você é um oriental, mas está pensando com a cabeça do ocidente!

— Pai, não é nada disso! Khadija abriu meus olhos, eu percebi o quanto eu era infeliz. Preencheu um vazio existencial que há muito eu sentia. Você pode mentir para os outros, mas não para si mesmo, pelo simples motivo de que não cair na própria mentira e meu casamento com Jamile é uma mentira, não temos elo algum, ela acabará prejudicando a minha cumplicidade com Khadija.

Ele se levantou.

—Eis aí minha resposta. Não quero ouvir mais a respeito disso! Você não irá contra seu pai, seus tios, e a nossa cultura milenar, irá?

Eu o encarei em silêncio, por fim respondi: —Não papai, não irei.

—Ótimo. Salaam Aleikum!

Meu pai se levantou da cadeira e da mesma forma que entrou, rápido e sem aviso. Saiu do meu escritório. Sem esperar minha resposta, dando a conversa por encerrada.

Eu fiquei encarando a porta fechada me sentindo impotente, tendo que aceitar a resignação. Passei a mão pela barba cerrada, tenso. Ele estava certo? Allah! Como ir contra meu pai? Contra a mentalidade oriental?

Errei em não escolher minha esposa. Deixei meus pais decidirem por mim, e eles cuidaram disso como eu cuidava dos negócios. Encontrar Khadija foi como um milagre.

Como subestimei meus sentimentos. Nunca acreditei que eu pudesse amar com tal intensidade, como eu amava Khadija. Agora eu precisava administrar minha situação.

NACIONAIS-ACHERON

Nem que eu tirasse Khadija daquela casa quando o bebê nascesse, como ela mesma me pediu.

Eu não podia perder o equilíbrio! Precisava ser a fortaleza dentro daquela casa.

Controle! Pensei comigo mesmo.

Precisava controlar essa situação da melhor maneira possível. Se os homens do meu povo conseguiam, eu conseguiria.

Khadija Uma revoada de borboletas se agitou no meu estômago. Em frente ao espelho eu me olhei pela terceira vez. Passei os olhos por meu vestido longo, com lindos bordados em preto na parte superior. O colar de esmeralda com pedras delicadas no meu pescoço. Brincos de ouro que ele tinha me dado em Paris. Zafir tinha bom gosto, o colar era lindo sem ser extravagante.

Respirei fundo e saí do banheiro.

Contive a respiração quando vi Zafir de costas para mim olhando a janela. Ele pressentindo minha presença se virou. Ele usava um lindo smoking. O sorriso surgiu no seu rosto, mas antes dele vi um olhar triste, preocupado.

Senti o coração aumentar o ritmo com a sua proximidade.

—Zafir. O que foi? Algo o preocupa?

Eu lentamente envolvi meus braços em torno dele. Seus olhos se tornaram doces e ele sorriu com leveza.

—Não.

Eu olhei para ele com firmeza agora. Era importante que ele soubesse que não acreditei no seu “não”.

—Zafir, se abra comigo.

—Problemas, problemas...Nada que você possa resolver. Então por que tocar no assunto? —Ele disse passando as mãos no meu pescoço exposto por causa do meu cabelo preso.

Quando vi o brilho malicioso em seus olhos para dentro do meu vestido e o sorriso nos cantos de seus lábios, eu sorri, mas não menos preocupada.

—Você está um arraso, sabia?

Allah! O amor pela pessoa certa era a experiência mais bela da nossa existência.

—Você também meu amor.

Uma pequena risada soou de sua garganta. Seus olhos negros focalizaram meus lábios. Ele me puxou para ele e os mordiscou como se os saboreassem para depois pressionar sua boca e me dar um beijo, e que beijo...quando nos separamos ele sorriu.

—Você precisa ir até o banheiro e consertar o estrago.

Eu sorri quando vi seus lábios um pouco vermelho com o meu batom. Minha boca deveria estar manchada. Passei o polegar na lateral da sua boca tirando o batom borrado que ficou ali.

—Claro! —Sorri de leve para ele. Mas antes de ir perguntei. —Zafir, você que não pode fazer distinção entre as esposas. No entanto você não permitiu a ida dela ao jantar...

Com o polegar ele fez movimentos circulares na minha mão e fungou.

—Eu vou te explicar, mas essa será a última vez que o nome dela será citado por nós. Quando estivermos juntos, será apenas, eu e você. Está certo?

—Sim. —Eu assenti com um gesto de cabeça.

—Ela participou apenas uma vez. Depois disso, se negou a ir comigo nesses jantares, mesmo eu tendo explicado o quanto isso era importante. A esposa passa essa imagem: de segurança. Investidores, clientes em potencial confiam mais em um homem que tem fortes laços familiares. —Ele apertou

os lábios com desagrado. — Ela sempre inventava uma desculpa para não me acompanhar nos meus jantares “chatos”. E por que agora ela iria? Só porque te levarei?

—Você está se vingando dela, por tantas negativas?

—Não tenho sentimentos mesquinhos. —Zafir disse seco e grosso.

Dei um passo para trás depois de ouvir seu jeito ferino de falar comigo.

—Vou retocar o batom e já vamos.

—Allah! Me perdoe. —Ele cortou a minha frente, pegou minhas mãos e deu um beijo em cada uma delas. —Eu não falei por mal.

—Tudo bem. —Balancei minha cabeça e apertei meus lábios.

Dez minutos depois entramos na sala juntos. Jamile estava lá, sentada no sofá de vime preto e almofadas de couro com um lindo vestido preto com tons cinza, como se estivesse à espera de nós. Como uma mãe que precisa se despedir na primeira festa do seu filho adolescente.

Ela arqueou a sobrancelha, sorrindo de lado.

—Já estão de saída?

—Já. —Zafir disse seco.

—Você está linda, Khadija.

—Obrigada. —Eu disse com um sorriso forçado.

—Bem, vamos. —Zafir cortou, apertando minhas costas e me empurrando para a saída como se ele quisesse sair logo dali.

Jamile *Ah, isso não ia ficar assim! Senti uma grande dor no meu peito. Cretino! Idiota! O que essa miserável tem que o fez olhar para ela como ele nunca olhou para mim!*

Ontem esse bint kalb (Filho da ...) ficou até mais tarde no escritório para não me comer!

Mas tudo bem, a vingança é um prato que se come frio! al'ama! (Maldito!) *Quando eu sou boa, eu sou boa. Mas quando eu sou má, sou melhor ainda!*

A primeira coisa que eu vi na frente eu peguei com as minhas mãos e joguei no chão. Era só um vaso da dinastia Ming no valor de quinhentos mil dólares.

Allah! Gritei com raiva.

Uma das empregadas apareceu correndo.

—Limpe. Sem querer caiu. Depois que limpar essa sujeira, não quero ninguém rondando pela casa.

—Todos já se recolheram, só eu me demorei mais na limpeza...

—Está certo. —Eu a cortei impaciente. Mas ela ficou me olhando, talvez tentando entender o porquê do meu pedido. —Que foi filhinha, estou bonita? Quer um autógrafo?

—Não senhora, quer dizer sim senhora. —Ela me olhou atrapalhada.

—Vamos! O que está esperando para limpar essa porcaria? E não venha bancar a boazinha...a eficiente.

Ela saiu correndo.

Quando concordei com a segunda esposa, jamais imaginei que ele pudesse amá-la. Na verdade, eu pensei que Zafir fosse imune a esse sentimento. Eu achei que ele a olharia como olhava para mim. Jamais imaginei que ele fosse se apaixonar.

Respirei fundo e passei a mão nos meus cabelos negros. Se acalma. Ryan logo estará aqui. Ele não podia perceber que eu sentia qualquer coisa por Zafir. Ele pensava que eu estava morta por dentro para ele.

A empregada logo surgiu e começou a limpar. Como ela se demorava

muito, eu gritei: —Vai logo, já está cansando minha beleza!

Ela se apressou com a vassoura e jogou toda a sujeira dentro da pá.

—Agora me deixe sozinha, suma!

Ela correu como uma gueixa, eu sorri malvada.

Uma hora depois Ryan surgiu na porta. Logo eu estava em seus braços. Ele disse no meu ouvido: —Quer hoje eu fazendo gostoso, *baby*? Hum!

Eu sorri para ele.

—Quero tudo que tenho direito.

—Como está essa borboleta? Pronta, *bebê*?

—Batendo as asas.

Ele pegou minha mão e fomos para o meu quarto. Eu tranquei minha porta e a de comunicação.

—Vem meu diabo louro, vem com tudo e gostoso.

Khadija Entramos no hotel Rosewood. Fiquei impressionada com a decoração glamorosa, mas não surpresa, eu esperava mesmo que Zafir me levasse a um lugar assim. O que mais me chamou a atenção foi o grande lustre que deveria ser de cristal sobre o salão. Fitei as muitas mesas enquanto o maître, que já o conhecia, falava com ele. Eu sabia da possessividade do homem árabe, então evitei olhar qualquer homem em um contato visual longo.

Fomos em direção a uma mesa onde um casal, muito elegante, conversava e sorria entre si. Tentei não me importar com alguns olhares de jovens mulheres na direção a Zafir. Elas ocupavam uma mesa a nossa direita, não muito distante.

O senhor de meia idade se levantou e veio em nossa direção.

—Senhor Xarif. Que bom que aceitou o meu convite. Essa é sua linda esposa?

—Sim Khadija Youssef Xarif. Khadija, esse é Roger Willians.

Ele se inclinou com toda a classe.

—Prazer em finalmente conhece-la, senhora. — Zafir apertou minha mão e eu entendi que ele não sabia que eu era a segunda esposa, e se referiu a Jamile que nunca participou dos jantares que ele ofereceu.

—O prazer é meu. —Eu disse com um sorriso sincero.

Nos aproximamos da mesa.

—Senhora Xarif essa é minha esposa Raquel Willians.

—Prazer em conhecê-la, pode me chamar de Khadija.

A senhora sorriu para mim.

—Sentem-se, por favor. —O senhor convidou.

Logo ocupamos nossos lugares a mesa redonda com cadeiras confortáveis.

O jantar foi agradável, aos poucos fui relaxando, a senhora Raquel contribuiu muito para isso. Quando eu contei a ela que estava tentando pintar um quadro, eu descobri que ela pintava profissionalmente. A partir disso, nossa conversa fluiu muito bem e falamos de diversos assuntos.

Zafir estava sério, ouvindo o Senhor Willians falar da bolsa de valores. Quando ele percebeu que meus olhos nele, relanceou o olhar para mim. Pude ver naqueles lábios a sombra de um sorriso, antes de ele voltar sua atenção para a conversa.

Eu fiquei feliz, pois senti que ele estava feliz.

Logo fomos servidos. Risoto de camarão e salmão com molho de maracujá. Ao contrário de nós, o senhor Willians continuava a falar, mesmo nas refeições. Zafir tecia seus comentários inteligentes. Sei que eram pois, muitas vezes, vi o senhor Willians ficar pensativo quando ele falava do portfólio para alavancar vendas.

Quando o jantar terminou, me despedi de Raquel afetuosamente com um beijo no rosto. O senhor Willians sorriu para mim com genuína alegria e se despediu com aceno cerimonioso de cabeça.

Zafir olhou para mim e sorriu, pegando minha mão a beijou. Juntos caminhamos até o carro.

No carro eu fechei meus olhos, enquanto Zafir colocava uma música clássica para ouvirmos.

Quarenta minutos depois chegamos à mansão. Dez minutos depois, eu e Zafir entramos no meu quarto.

—Você foi perfeita. —Ele disse me puxando para os seus braços.

Eu o enlacei pela cintura feliz e apertei minha cabeça no peito dele.

—Verdade?

—Sim. —Ele disse rouco.

A felicidade surge em sua expressão e eu gostei de vê-lo assim e eu lhe dei um sorriso feliz.

— Esta noite foi uma noite de negócios e não estou feliz por ter fechado um contrato milionário, mas por você estar ao meu lado nesse momento. Sua companhia foi agradável e serena. Eu senti muito orgulho de você.

—Zafir, eu não fiz nada...

—Pode parecer tão pequeno esse gesto para você, mas para mim significou muito. —Ele disse passando as mãos nos meus cabelos com carinho.

Ficamos assim, preso nos olhos um do outro.

Meu coração bateu de agitadamente quando seu olhar mudou e seus olhos antes ternos, escureceram com a paixão e ele os desceu para os meus lábios, ficaram um tempo ali e depois procuram os meus olhos novamente.

Allah!

Seus dedos começaram a tocar meu rosto com carinho, me arrancando arrepios. Nossas bocas então se encontraram com calma e os nossos olhos fechados permitiram que sentíssemos com intensidade o nosso beijo.

Entre sorrisos de cumplicidade nos despimos, um com a ajuda do outro. Quando nus, dissemos palavras que só os apaixonados declaravam e

fizemos amor.

Doce.

Terno.

Sentido.

No dia seguinte tomei café da manhã na mesa de jantar, sozinha. Agradei aos céus por isso. Mas minha alegria não durou muito, pois logo Jamile apareceu quando eu estava deixando a mesa.

—Sabah el khair. (Bom dia) —Ela disse com um sorriso.

—Sabah el khair.

—Como foi o jantar?

—Foi bom. —Eu disse sem demonstrar qualquer tipo de emoção.

—Bom? —Ela me perguntou com um sorriso. —Não precisa fazer essa cara de paisagem. Pode dizer que você amou, que Zafir foi maravilhoso, um gentleman.

—Foi. Está satisfeita? —Eu perguntei e sorri.

—Sim, bem melhor. Você não levou muito a sério quando disse que poderemos ser amigas?

—Não acho muito confortável essa amizade.

—Você me disse outro dia que estava resignada. Que aceitou sua condição nessa casa.

—Estou, Jamile. Não posso lutar contra isso. E eu jogo limpo.

Ela balançou a cabeça.

— Quero ver se resignar quando ele começar a pular de galho em galho. No começo tudo são flores, depois ele se acostumará com você e numa

dessas demoras dele no trabalho, você pode ter certeza, ele está com outra.

Eu fiquei vermelha de raiva.

—Como você pode dizer uma coisa dessas! E de onde você tirou essa ideia?

Ela ergueu as mãos.

— Uma mulher se conquista pelos ouvidos, um homem se conquista pelos olhos e Zafir é fraco para mulheres. Se não quer acreditar, não acredite. Tem coisas que a gente escuta, mas só acredita e entende quando acontece.

— Já ouviu o ditado: A mulher ciumenta demais acaba colocando malícia que ele não tem!

—Allah! Por que eu não aprendo a manter minha boca fechada? Eu devia aprender que se nascemos com uma boca e dois ouvidos é porque devemos falar menos e ouvir mais.

—Perdeu a oportunidade de ficar calada. —Eu disse nervosa.

—Ele te ama. Realmente te ama, mas Khadija, acorda! Ele não será fiel.

— Eu não vou cair nas suas mentiras. Amiga? O que você ganha com isso?

—Eu quis você aqui! Lembre-se disso. Por que eu vou querer a separação de vocês? Só estou te dando um conselho de amiga. Faça como eu, não se prenda a Zafir. Leve seu casamento na boa. Aproveita a casa e tudo que virá com ele. Depois não diga que eu não avisei.

O sangue subiu, arrepios correram minha espinha, mas...eu me mantive serena.

Não ia cair nessa! Disse a mim mesma.

Limpe sua mente dessa merda!

Controlei minhas emoções, nem raiva mostrei para ela e sorri

friamente.

—Não quero seus conselhos, obrigada pela preocupação. Bem, agora vou procurar o que fazer. Você deveria fazer isso também! Não sei se sabe, mas mente vazia é oficina do diabo. Bom dia.

Caminhei de cabeça erguida até meu quarto. Agora eu escovaria os dentes, depois iria até o ateliê, almoçaria, leria, sei lá, mas não ficaria martelando na cabeça o que ela me disse.

Se ela pensou que seu veneno fosse me afetar, enganou-se comigo. Eu não era uma mulher que se abalava com facilidade. Mesmo diante das palavras ferinas dela, eu ainda acreditava na índole de Zafir. Eu era muito lógica, pouco passional para essas coisas.

Só acreditava vendo!

Quem confia em uma mulher que usa saltos-altos e maquiagem o tempo todo? Fútil! Ela parecia que dormia maquiada e com os sapatos nos pés.

O amor era para mim algo sublime. Muitos confundiam sentimentos como a luxúria, a atração como amor. Mas não sabiam nada do amor verdadeiro, aquele que você morreria pelo outro. Jamile não sabia o que era isso.

Pior de tudo era saber que hoje Zafir ficaria com ela.

Allah! Fiquei com dó de Zafir.

Tadinho, deveria ser duro encarar a jararaca.

Um dia li:

"Amar-me não será fácil, amando-me vai ser uma guerra. Você vai segurar a arma e eu vou entregar-lhe as balas. Então, respire, e abrace a beleza do massacre que temos pela frente. " Do livro de Carian Cole-Vandal

Mais tarde, no ateliê, olhei a segunda tela que eu estava pintando. Antes de iniciar a pintura fui até a janela.

NACIONAIS-ACHERON

Hoje o dia estava nublado, o sol saía tímido através das nuvens pesadas. Suspirei me sentindo triste de repente.

O barulho de um motor chamou minha atenção. Vi então aquele jardineiro sentado sobre um cortador de grama. Me afastei da janela e iniciei minha distração. Comecei com riscos tímidos, aos poucos fui jogando mais cores.

Suspirei.

Passou o tempo e eu não estava gostando do que eu estava pintando. Não estava dando certo. Olhei aquilo tudo, parecia um borrão.

Fui até a janela novamente. Nessa hora vi quando o rapaz desligou a máquina, ele olhava para alguém com um sorriso. Jamile então surgiu, fazendo sinal para ele. Aquilo me incomodou. Curiosa, saí do ateliê e resolvi observar de perto os dois. Desci os degraus, passei pela sala de jantar, depois a sala de estar, quando pisei lá fora, Jamile surgiu vinda do jardim.

—Me procurando? —Ela perguntou me observando.

Eu neguei.

—Não. Respirando ar fresco.

—Por que não usa a sala de descanso? Ela é toda aberta.

—Como primeira esposa, você pode controlar os empregados, mas não o ar que eu respiro.

Ela riu.

—Imagina, controlando! Foi só uma sugestão.

De repente vi o carro de Zafir surgir ao longe. Ele então estacionou perto de nós. O motorista abriu para ele e fez que ia ajudá-lo a sair do carro, ele se negou: —Não precisa, obrigada. Estou bem!

Eu fui ao encontro dele. Zafir estava pálido.

—O que houve? —Eu disse tocando seu paletó.

—Só um mal-estar.

Jamile correu e antes de mim, o pegou pela cintura.

—Vem habibi, eu te levo para o quarto.

Suspirei e esfreguei as minhas têmporas.

Como me incomodava essa situação! Hoje era o dia dela e eu não podia fazer nada!

Mantive meus olhos sobre Zafir. Nossos olhos se encontraram. Ele parou, antes de passar por mim.

—Eu estou bem. Só estou ruim do estômago. Venha mais tarde me visitar no quarto.

—Eu irei. —Eu disse com um sorriso triste.

— Vamos Zafir. — A outra o puxou.

Eu então os observei entrar para dentro da casa. Os momentos que passamos juntos pareciam que foram a muito tempo atrás, mas, ao mesmo tempo, eu me apegava a esses momentos, para não me sentir triste. Precisava nessas horas me lembrar de seu carinho, de suas palavras de amor. Me lembrar sempre disso, para não esmorecer.

Eu vivia esse grande amor, mas que me tornava pequena e desprovida de desejos de grandeza; me anulando muitas vezes.

Um amor forte, mas que me tornava sensível.

Um amor que trazia paz em meio a tanta dor causada por tantas coisas. Esse amor que unia nossos corações em um só.

Um amor que me dava a fé que dias melhores viriam, sem tempestades por perto.

Um amor que me dava a certeza pertencermos um ao outro.

Um amor que me vivificava.

Era assim o nosso amor....

Depois do almoço eu fui vê-lo. Quando abri a porta, Jamile estava lá, abraçada a ele, a cabeça apoiada em seu peito. Zafir estava com o braço erguido apoiado sobre seus olhos.

Ela abriu os olhos e me viu parada ali na porta. Eu me senti uma intrusa por observá-los. Eu recuei estava para fechar a porta quando Zafir tirou o braço e me viu.

—Jamile, por favor. Me deixe as sós com Khadija.

Ela ficou de joelhos e se inclinou para beijá-lo. Zafir a segurou.

—Lembre-se das regras. Sem gestos de afeto quando a outra estiver presente.

Ela fungou, e saiu da cama, quando passou por mim esbarrou com tudo no meu braço.

Allah! 'aetani alsabr walhikma! (Allah! Dai-me paciência!) — Feche a porta.

Fiz como ele falou. Ele estendeu a mão e eu fui até a cama.

— Venha cá. Deite-se comigo. —Ordenou.

Eu não me deitei e me sentei perto dele.

—Você está melhor? —Minha voz saiu um verdadeiro desastre, rouca, trêmula.

Ele deu um leve sorriso.

—Agora estou. Antes de vir para cá, tomei remédio para interromper os espasmos do estômago.

Seus dedos pegaram a minha mão sobre a cama e ele me puxou para ele. Seu robe branco felpudo se entreabriu na altura do seu peito nu. Desviei

os olhos daquele peito tentador e puxei minha mão.

—Khadija.

—Zafir. Você cheira o perfume dela.

Aquela voz triste, queixosa, era a minha?

Eu não conseguia evitar. E como rir diante daquilo tudo? Como me deitar com ele, sabendo que daqui a pouco ela ocuparia meu lugar?

Tristeza estava prestes a explodir em meu coração.

— Tudo bem. —Ele pegou minha mão e a apertou. Com o semblante carregado fitou uma porta. Eu segui seu olhar. —Entre no meu closet e pegue um embrulho na primeira gaveta à esquerda.

Eu fiz como ele mandou. Caminhei em direção a porta, tentando imaginar o que ele me mostraria. Fiquei extasiada com tantos ternos, camisas, gravatas, sapatos de diversas cores. Tudo extremamente organizado.

Na gaveta estava o embrulho, junto com vários cremes pós-barba, perfumes. Fui até ele e lhe entreguei. Ele negou.

—Abra! É seu.

Eu me sentei perto dele e abri o embrulho. Nele surgiu um celular dentro de uma caixa e um maço de dinheiro preso a um elástico.

—Nunca tive um. —Confessei. —Acho que meu tio tinha medo que eu conhecesse alguém que não foi escolhido por ele. Sempre controlou minha vida. Eu só tive um notebook velho, ele olhava todo dia o meu histórico. Ele dizia que se eu apagasse tinha um jeito de saber o que eu andava fazendo.

Ele assentiu e sorriu de leve.

—Logo imaginei.

—E isso? —Perguntei mostrando o dinheiro.

—Sua mesada.

—Tudo isso?

—Se faltar algo, peça para Zamira pedir ao motorista para comprar para você e se quiser sair, Zamira irá com você ao shopping. —Olha aí o homem árabe falando. Não era qualquer mulher que aceitava tanta proteção.

Eu não me importava com essa característica dele. Isso era algo que eles assimilaram por gerações, dificilmente mudaria.

Sorri para ele.

—Obrigada. —Guardei no bolso da frente do meu vestido.

— Sente-se perto de mim para eu te ensinar a usá-lo.

Eu lhe entreguei a caixa e ele a abriu. Encaixou a bateria para mim. Ele sorriu mais uma vez e deu uma batidinha na beirada na cabeceira.

—Venha cá. Sente-se! —Ordenou.

Eu dei a volta na cama e me sentei no lugar que a outra estava sentada. Zafir então me ensinou a fazer chamadas, me ensinou a mandar mensagens, cadastrou o meu e-mail e me ensinou mandar por ele também.

—Agora tente mandar uma mensagem para o meu número?

Eu peguei o celular nas mãos e achei o número dele e escrevi: TE AMO.

SUA KHADIJA.

Seu celular que estava ao lado da cama vibrou. Zafir esticou seu braço e o pegou e olhou a mensagem.

—Te amo também. —Ele disse com um sorriso sexy. —Agora você pode falar comigo, mandar mensagens. Falar comigo só quando for algo importante. Mandar mensagens, quando quiser.

—Obrigada. —Sorri e depois fiquei séria. — Não é contra as regras me dar esse presente? —Perguntei preocupada.

—Jamile tem. —Ele disse sério, seu rosto foi suavizando. —Não

NACIONAIS-ACHERON

mereço um beijo?

Eu lhe dei um sorriso leve de volta.

Como não sorrir diante da força do sorriso dele e daquela beleza?

Fiquei de frente para ele.

—Te darei um beijo, mas não por ter me dado o presente, mas porque eu te amo.

Eu me inclinei sobre ele. Logo nossos lábios se uniram em um beijo.

Faminto.

Muito desejado.

Cheio de desejo.

Demorado.

Quando nos afastamos nossos olhos brilhavam. Ele passou sua mão na minha com carinho e perguntou: —Como andam as pinturas?

—Eu só estou me distraindo. Fiz um quadro sem forma nenhuma. Um dia assisti em um filme que um macaco pintava. Essa sou eu. Pinto como um macaco.

Zafir gargalhou.

—Essa é boa. Se quiser eu contrato uma professora para te ensinar a pintar? —"Professora" Feminino. Sorri para ele. O cuidado do homem árabe nos poupando da figura masculina.

—Gostaria muito.

A porta então se abriu. Jamile surgiu. Junto com ela, Zamira, que empurrava o carrinho com o almoço.

—Seu almoço! Zamira preparou só frutas, sucos, como me pediu.

Os olhos de Jamile passaram pelos papéis do embrulho e depois a

caixa do celular.

—Ótimo! —Zafir disse, ma senti ele meio desanimado.

—Celular novo?

Ele olhou para mim por vários momentos, e não consegui ler sua expressão.

—Khadija não tinha um celular.

Senti um desafio lançado à fera?

—Claro. —Ela sorriu boazinha.

Eu desviei meus olhos dela.

—Vou indo então.

Zafir relanceou o olhar para mim e assentiu. Eu me afastei dele e sai do quarto, mas meu coração ficou lá.

Me deitei cedo. Nove horas da noite. Esse horário era crítico. Sem Zafir ao meu lado, não tinha muita coisa para fazer. À tarde eu conseguia preencher meu tempo, mas quando a noite chegava, o vazio se fazia presente.

Rolando na cama, fechei os meus olhos, ansiosa para dormir e fazer sumir as imagens da outra com ele. Ouvi então uma porta se abrindo.

Allah!

Me virei para a porta de comunicação. Zafir estava lá, parado olhando para mim. Usava uma calça de pijama preto e uma camiseta.

Eu me sentei na cama. Ele fechou a porta de comunicação e depois trancou a minha porta. Silencioso caminhou na minha direção. Se deitou comigo e me abraçou.

—Hoje é o dia dela...

—Estou doente, lembra?

—Foi essa desculpa que você deu para ela?

—Não vamos falar dela, Khadija. Quando estivermos juntos, ela não existe. Por favor. —Ele disse, tomando meus lábios e os sugando como se os saboreasse. Depois invadiu docemente sua língua na minha, me fazendo estremecer em seus braços.

Ele então se afastou. Quando pensei que ele iria parar e iríamos apenas dormir, ele começou a se despir, em segundos toda a sua roupa estava no chão.

Não resisti e olhei para ele. Passei meus olhos por seu corpo atlético, másculo.

—Tire sua roupa. —Ele ordenou.

Eu puxei minha camisola de seda, e ele ajudou com a minha calcinha.

—Perfeita — murmurou no meu ouvido, encostando o seu corpo despido e quente no meu.

Quando sua boca escorregou no meu pescoço eu me arrepiei sentindo a sua barba macia em contato com minha pele juntamente com seus lábios que por onde passavam deixavam um rastro de fogo.

Logo seus lábios estavam nos meus seios, passando a língua tortuosamente devagar por cada um. Batidas na porta nos interrompeu.

Zafir olhou para mim.

—Merda! —Ele disse baixo.

—Zafir. Se esconda. —Eu disse angustiada.

Ele negou.

—Não vou me esconder. Não sou um moleque, você não é minha amante. É minha esposa! Merda!

—E se for Jamile?

Novas batidas.

NACIONAIS-ACHERON

—Khadija. Abra a porta, sei que Zafir está aí. —Era a voz de Jamile
— Abra a porta. — Zafir ordenou, sério.

— Mas...

—Não tem: “mas”...Abra a porta!

Tremendo, com o coração agitado no peito, eu coloquei minha camisola e o penhoar. Abri uma fresta da porta. Jamile forçou a entrada e entrou com tudo no quarto.

—Muito bem! O que significa isso? —Ela perguntou vermelha para Zafir. — Por que está com ela?

Zafir tirou o lençol e saiu nu da cama. Colocou suas roupas devagar, sem pressa e encarou Jamile.

— Por quê? —Jamile perguntou piscando seus olhos com raiva.

—Jamile. Khadija é minha esposa, não minha amante. A verdade é que eu não consigo mais levar esse casamento adiante desse jeito. Mesmo Maomé não conseguiu viver pelas normas que ele mesmo criou! Ele contraiu mais casamentos do que o estabelecido pela lei Islâmica (foram 11 mulheres de uma só vez) —Ele disse como se odiasse nossos costumes, nossas origens.

—O que você quer dizer com isso?

—Isso que você ouviu. Hoje eu escolhi ficar com Khadija. Se está insatisfeita, peça o divórcio.

—Divórcio?

—Sim. Como sabe, tenho cidadania marroquina, sou muçulmano e você deixou nossa religião por vaidade. Então, você não terá direito a nada na partilha, está no contrato que você assinou. Mas se pedir o divórcio, eu darei uma casa grande decorada, onde você escolheria a decoração, e te daria um valor generoso todo mês pelo resto de sua vida. Você viverá bem e feliz. Chega de migalhas! Pois é isso que eu tenho lhe dado.

Seus olhos piscaram com lágrimas.

—Como você tem coragem de fazer isso comigo?

—Você está plantando o que você colheu. Eu não pedi esse casamento, foi ideia sua. E eu me apaixonei. Eu amo Khadija, é natural que eu queira ficar mais tempo com ela. Estou jogando limpo com você... te darei uma semana para pensar.

—E se eu optar por não me separar?

—Terá que conviver com minhas escolhas, meus, digamos, deslizos. Mas creio que não vai querer viver assim. Jamile, tenha amor próprio! Chega de migalhas! Você tem uma semana para pensar!

Ela ficou olhando Zafir com cara de louca e depois me olhou com fúria nos olhos. Saiu do quarto pisando duro, batendo a porta. Eu que estava deitada, cobrindo meu corpo, com as pernas moles e o coração batendo forte, me sentei na cama, tremendo.

—Khadija. —Zafir se agachou. —Não fica assim.

Eu o fitei ainda tremendo. Zafir se sentou ao meu lado e me abraçou.

—Eu não aguentava mais essa situação. Allah me perdoe. —Ele disse abafado.

Eu o afastei.

—Por que você não a repudia?

Ele apertou os lábios.

—Eu cheguei a falar com meu pai a respeito. Ele foi totalmente contra. Me disse que não tenho motivos fortes para isso. E ele está certo. Eu pensei melhor e entendi que se Jamile pedir o divórcio, o peso será menor para ela do que se eu a repudiar. Se ela pedir o divórcio, estará dizendo que está descontente com o casamento. Se eu a repudiar, ela será malvista e o nosso povo vai pôr em xeque sua índole.

Eu suspirei.

—Que situação!

—Tenha paciência Khadija. Agora você sabe, quando acontece uma desarmonia grande na casa com uma das esposas, a lei me manda ficar longe das duas esposas, até eu me acertar com ela. Como estamos nesse impasse, teremos que esperar Jamile resolver sua situação.

—Zafir. E se ela não aceitar a separação?

—Ela irá aceitar!

PERIGOSAS



NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 9

Os dias passaram-se lentamente. Eu detestava aquela situação. Todos os dias evitei Jamile. Levantei cedo e algumas vezes almocei no quarto. Zafir contratou uma professora que vinha a tarde e passou a me ensinar a pintar.

O duro de tudo isso, era ficar longe de Zafir.

Não era fácil!

O amigo certo conhece-se nos momentos incertos. E eu nesses últimos dias, me aproximei muito de Zamira. Fizemos uma grande amizade. Nas idas dela ao meu quarto, sempre conversávamos muito. Algumas amizades passam rápido, num piscar de olhos e outras são feitas para durar até que você pisque pela última vez. Acho que Zamira era uma delas.

—Obrigada Zamira. — Eu disse quando ela trouxe meu almoço. — Hoje é o dia que Jamile decidirá se pedirá o divórcio ou não.

—Allah! Espero que tudo se resolva entre vocês. Desde que você colocou os pés nessa casa, vi como o semblante de Zafir mudou. Ele estava mais feliz. Essa semana que estão se evitando, por causa dessa situação, ele parece que carrega o mundo nas costas.

—E Jamile? Ainda anda naquele mau humor?

—Se anda! Ela emagreceu também. Quase não come.

—Ah, Allah! Como detesto essa situação! Jamais aceitaria ser sacrificada como um carneiro se eu soubesse que Zafir fosse casado e eu seria a segunda esposa.

Ela apertou os lábios.

—Pois é. Você conhece alguma forma delicada de tirar o chão de uma pessoa?

—Você acha que eu estou tirando o chão dela?

—E não está? Ela adora essa casa.

—E quanto a Zafir? Ela o amou alguma vez?

—Isso não sei te responder. Ela nunca se abriu comigo. Na verdade, ela não se abre com ninguém. Não sei como ela consegue? Dificilmente alguém consegue ser assim tão solitária.

—Você acha então que ela se apegou a Zafir? Afinal, ele deu-lhe tudo. Será que ela não sabe demonstrar amor?

Ela deu de ombros.

—Sinceramente, eu não entendo Jamile. Comigo ela sempre usou uma máscara de frieza. Vai entender o que se passa naquela cabecinha?

Zafir Girei a cadeira giratória para a bela vista do Hyde Parque da janela do meu escritório. Era fim da tarde, e o frio intensificava com a noite que se prepara para cair.

Bajulações de interesseiros, formalidades, reuniões chatas, falsos sorrisos, isso tudo no mundo dos negócios, eu encarava.

Mas na minha vida íntima? Não dava!

Allah! Quando penso que vivi assim por tanto tempo. Três anos com Jamile nessas condições, parecia algo inacreditável.

Juro que tentei amá-la, mas como se ela sempre me viu com cifrões nos olhos?

Nós não éramos como os casais normais. Com brigas normais.

Brigávamos por coisas fúteis.

Jamile era do tipo dramática. Exagerada, muitas vezes aumentando situações. Com aquela necessidade doentia e constante de chamar atenção para si mesma.

Allah! Quantas atitudes infantis, eu tive que aguentar quando as coisas não funcionavam como ela queria.

Aquela impaciência toda quando o garçom demorava, com aquele imediatismo irritante quando eu esquecia algo que ela pediu. Ela estava sempre tentando me manipular para conseguir o que queria. Extremamente egoísta.

Logo depois que nos casamos quis levá-la a jantares de negócios. Da primeira vez ela foi. Depois ela só queria ir se tivesse alguma recompensa. Ela só me acompanhava quando nós íamos a jantares beneficentes para que ela tivesse aquele comportamento teatral diante das pessoas do nosso ciclo social.

Fora suas distorções de sua imagem física que a deixavam de mau humor. Se achando muito gorda, ou ficava me perguntando de seus defeitos inexistentes. Com aquela preocupação exagerada, excessivamente com sua estética; sempre gastando muito tempo e dinheiro com produtos para cabelo, maquiagem, acessórios e roupas. Obcecada pela beleza e perfeição física.

Diante de tudo isso, Jamile era uma pessoa imprevisível. Ela poderia aceitar a separação ou não.

Allah que hoje estivesse tudo resolvido!

O meu telefone tocou, eu virei a cadeira e atendi: —Pode falar senhora Sanders.

—Roger Madden da K& L está aqui. Posso deixá-lo entrar?

—Me dê cinco minutos e então, você libera sua entrada.

Desliguei o telefone.

Foco! Foco! Foco!

Num impulso, olhei novamente a mensagem de Khadija no celular.

**Saudade é o preço que se paga por viver momentos inesquecíveis.
Sinto sua falta, cada dia, cada hora, cada minuto, cada segundo.**

Ana bahebak Sua Khadija

—Não te darei o divórcio.

—O quê?

—E mais! Quero a presença do conselho. Eu estou nos meus direitos.

Meu choque só se intensificou.

—Jamilé, você nem me ama! —Eu disse exaltado.

Ela se aproximou de mim com ira nos olhos.

—Eu te amo Zafir. Mas você tem me mostrado que o amor é uma serpente que se transforma em colar. A gente coloca ele no pescoço, fica alegre com ele e ele morde a gente. Ele envenena.

Eu meneei a cabeça.

—Allah! Que amor é esse que você diz ter que eu nunca vi? Me fale? Pois até agora eu não entendi o que significa amor para você?

As lágrimas brilharam nos olhos dela.

—Você nunca me olhou como olha para ela!

—Ela me conquistou. Coisa que você não soube fazer! —Eu disse impaciente.

—Você está louco para se livrar de mim!

—Isso não é verdade! Eu poderia te repudiar, e, no entanto, estou te dando à oportunidade de você pedir o divórcio.

—Eu não quero te deixar! Eu não vou te deixar!

—Jamilé, você pensa que eu gosto disso? Eu não queria estar nessa situação. A ideia foi sua do segundo casamento! Eu optei pela inseminação artificial. Você que veio com essa futilidade toda, da possibilidade de uma gestação de gêmeos estragar seu corpo!

—Eu sei! E me arrependo! Eu não deveria ter colocado essa odalisca na nossa casa! —Ela disse com o rosto brilhando pelas lágrimas.

Eu peguei os braços de Jamile.

—Olha para mim! — Ela me olhou. — Acabou!

—Quero o conselho de família. Quero lutar por nós.

—O que eles poderão fazer?

—Colocar juízo na sua cabeça. —Ela disse chorosa. —Assim como não se deve casar com a cabeça transtornada de amor, não se deve separar com uma cabeça transtornada de raiva.

—Jamile, eu não estou com raiva. O profeta diz: Casai com mulheres de sua escolha, 2 ou 3 ou 4 vezes; mas se temerdes que não sereis capazes de conviver justamente com elas, então casai somente com uma. Entende?

—Quero o conselho!

—Allah!

—Você entrou em meu coração, e se misturou com ele, como café se mistura com leite, agora, não posso mais jogar você fora, porque se eu te jogar fora, meu coração vai junto contigo.

Ela parecia aterrorizada com isso! Vi o jeito que ela sacudiu a cabeça, a maneira como seus olhos negros me olhavam com pavor...

Encenação! Quem visse acreditaria nela!

Meu sangue ferveu.

—Allah! Tudo bem! Teremos esse conselho.

Quando ela deixou a sala, eu fitei o vazio, me sentindo transtornado.

Khadija Quando vi o gesto de Jamile em deixar a sala, eu corri nos corredores até meu quarto e fechei a porta.

Allah!

E agora?

Eu andava de um lado para o outro quando Zafir surgiu na porta.

—Ela não me dará o divórcio e ainda por cima pediu o conselho de família.

Eu o fitei séria.

—Eu ouvi tudo. Uma semana nós estamos separados, para ela negar de pedir o divórcio? Por que ela não te procurou antes?

—Por que ela quer minar nosso casamento. Acabar com ele. Está com raiva. Não se conforma que amo você.

Zafir me abraçou e beijou minha cabeça. Ficamos abraçados sentindo o coração um do outro acelerado. O primeiro toque profundo em uma semana. Zafir era tão leal aos costumes, aos ensinamentos que não sei se tudo isso teria fim.

Eu o afastei de mim.

—Eu ouvi o que disse na sala! Você disse que não queria o segundo casamento, que não queria essa situação.

Zafir segurou meu rosto entre as mãos.

—Eu acho que talvez eu tivesse tido um casamento mais tranquilo se você não existisse. Talvez eu achasse que a felicidade fosse isso... uma vida comum, sem transtornos, um empresário bem-sucedido. Mas como que isso pode bastar para mim agora, se eu experimentei o que é ser feliz? E eu fiquei nesse casamento assim, porque para mim tanto fazia, esse ou qualquer outro... nenhuma mulher era igual a você.

Lágrimas surgiram nos meus olhos diante de sua declaração.

—Eu te amo Zafir.

Allah!

Amar, às vezes, era tão doloroso.

Zafir

Quando o rosto dela se esfregava no meu peito, as minhas mãos começaram a se mover sobre ela como se tivessem vida própria. A apertei nos braços, cheirando-a, sentindo-a.

Eu a afastei para dizer: — Acabou nosso jejum. Não fico mais um minuto sem você. Que se dane o resto. Ela já deu sua resposta e ela fará minha caveira mesmo para eles.

— Então me ame, Zafir...

Minhas mãos tocam todos os cantos do seu corpo. Ela continuava passando o rosto em mim, sentindo meu cheiro.

Allah! Ela me deixava louco.

Ela aos poucos foi cortando minhas preocupações, meu passado e firmando meu agora.

Só importava o agora...

Eu apoiei as mãos nos seus ombros.

—Vamos nos livrar dessas roupas.

khadija Eu parei de respirar, seu braço estava apertado em volta do meu ombro. Eu queria me aconchegar nele, eu queria me inclinar e beijá-lo, mas pensamentos sombrios surgiram na minha cabeça. E eu o fitei. Ele estava olhando para mim, seus olhos agora em meus lábios. Eu suspirei quando ele se inclinou um pouco mais perto. O ar quente de sua respiração soprando o meu rosto.

—Zafir. —Eu comecei.

—Não fale nada agora. —Ele gemeu.

Em seguida, tudo o que eu senti foi o calor de seus lábios, suas mãos em cada lado do meu rosto, seus polegares acariciando a pele. Seus lábios tomaram os meus, eu perdi o raciocínio. Não consegui afastá-lo. Meus joelhos se tornaram débeis com seus dedos apertando a parte de trás da minha

cabeça e sua boca abrindo, me persuadindo a fazer o mesmo. E foi o que eu fiz, separei meus lábios e puxei sua cabeça para mim. Sua língua deslizou em minha boca e sua língua dançou com a minha. Minhas mãos pausaram em seu peito e eu amassei sua camisa em meus dedos, segurando firme quanto eu podia.

Sem palavras, com meus lábios inchados, meu corpo em chamas. Ergui os braços para ele tirar minha camiseta. Eu abri o zíper lateral de minha saia que deslizou no chão. Eu separei meus lábios para recebê-lo novamente, num beijo quente que me aqueceu, línguas dançando, lábios esmagando, a respiração se misturando.

Nos afastamos e eu o ajudei a tirar suas roupas: A camisa, botão por botão. O cinto, a calça, sua cueca. Ele se sentou na cama, e eu tirei suas meias, os sapatos. Ele me puxou para cima dele na cama e esmagou seus lábios contra os meus. Veio por cima de mim, jogando minhas costas na cama. Quando seus lábios desceram meu pescoço, eu soltei a minha respiração que estava presa.

— Te amo. — Zafir murmurou, arrastando seus lábios sobre meu rosto até meu pescoço.

Eu apertei meus olhos e joguei minha cabeça para trás, para que ele descesse seus lábios pela minha garganta. Logo fiquei nua, seu toque sutil e suave me livrou delas.

Ele deixou seu corpo cair ao meu lado, e me puxou para ele. Suas mãos deslizando contra a minha pele nua, enquanto seus lábios caíam sobre os meus novamente. Eu o beijei até que eu não consegui respirar, todo o meu corpo pulsando querendo ser preenchido por ele.

— Tão perfeitos. — Ele disse ficando de joelhos na cama e capturando meu seio. Seus lábios chupando-o. O calor se espalhou pelo meu corpo, com formigamentos no meu sexo.

Soltei um gemido estrangulado quando ele se encaixou em mim. Pressionei minhas pernas contra os seus quadris, correndo meus olhos para seus ombros largos, seu peito forte. Ele sorriu quando viu que eu estava o observando e começou a mexer me levando a loucura, me fazendo apertar

meus olhos e os lençóis com o prazer pulsante que ele me proporcionava, me deixando cada vez mais perto do limite.

Nós dois gememos quando sensações intensas tomaram conta de nossos corpos. Quando alcancei o tão esperado gozo não consegui deixar de gemer e chamar seu nome. Zafir então explodiu dentro de mim seu rosto contorcido de prazer.

Ele rolou para o lado e me puxou para perto dele, me enfiando em seus braços. Eu me sorri, me sentindo tão bem com isso. Com a certeza que meu lugar era em seus braços. Eu fechei meus olhos por um momento enquanto nossas respirações se acalmavam.

Allah!

Eu precisava falar com Zafir! Precisava falar o que estava remoendo dentro do meu coração e martelando minha cabeça.

Eu me sentei.

—Zafir. Sente-se. Tem algo que preciso te dizer. Tenho reparado nisso há tempos. Uma situação aqui, outra ali. Não posso acusá-la sem provas.

Ele se sentou e me encarou sério.

—Khadija. Acusar quem? Jamile?

—Zafir, eu acho que ela está tendo um caso com o jardineiro.

Um espasmo de medo se moveu no meu estômago quando o olhar negro dele endureceu e deslizou sobre meu rosto como uma máscara escura. Zafir num pulo saiu da cama.

—Eu vou matá-la! —Respirava pesadamente, parecia que ia enfartar. Depois de passar várias vezes os dedos pelos cabelos, me olhou confuso. — Mas como sabe disso? Por que diabos você não me contou?

—Por favor, me escute. Eu não tenho certeza.

Zafir se sentou novamente na cama.

—Khadija, isso é muito grave e muito sério. Por que diabos acha isso então?

Eu respirei fundo, o coração agitado.

—O ateliê tem vista para o jardim, um dia eu a vi acenando para o jardineiro para irem para um canto. Vi quando ele parou o que estava fazendo e a seguiu. Outro dia a avistei novamente no jardim, em uma atitude suspeita, cheguei a descer, mas ela voltou a tempo para casa. Eu pensei comigo: mas temos câmeras no jardim! Ela não ia ser idiota ao ponto de ser filmada. Então tirei essa ideia da cabeça. Mas ontem resolvi caminhar por lá, foi quando vi que o caminho que ela faz é um ponto cego.

Ele soltou vários palavrões e me olhou com um olhar escaldante.

—Se isso realmente se concretizar, Allah! Khadija, eu vou me sentir um otário.

Percebi como ele tremia de nervoso.

—Zafir, não, não pense assim. Você foi enganado. Ela é ardilosa....

—'Afeaa samatan! Thueban! (Víbora! Cobra!) Isso sim! —Ele me cortou nervoso.

Eu perguntei preocupada:

—O que você fará?

Ele me que olhava para longe, procurou meus olhos. Seu olhar não tinha mudado, ele me olhava demonstrando sua raiva nos olhos.

—Vou prorrogar o conselho. Enquanto isso, vou colocar mais uma câmera no jardim. Mas para isso, vou tirar Jamile de casa, vou inventar algo para ela sair comigo. Comoda outra vez você saiu, não será difícil. Você nesse dia, irá receber os técnicos, e vai orientá-los a colocar outra câmera, mas ela precisa ficar escondida. Você pode cuidar disso?

—Claro!

Ele então, se sentou na cama e me segurou pelos braços e me disse num tom sofrido: —Khadija, nosso casamento sempre foi superficial. Mas isso não justifica a traição dela! Agora entendo por que ela não queria engravidar! Ia atrapalhar sua vida com seu amante! E o pior de tudo: ela estava me traindo e mesmo assim não queria me ver feliz....

—Zafir....

Seus olhos pareciam chamas de fogo.

—Khadija, você acha que se ela fosse uma boa esposa, ela ia querer uma segunda esposa, se isso nem estava em meu coração e nem em meus pensamentos? Faltou tanta cumplicidade entre nós. —Ele me olhou arrasado. — Nenhum drama, nada de altos e baixos. Nenhuma paixão, nem para o bem, nem para o mal. Éramos como duas marionetes, cada uma representando seu papel.

—Você tentou conversar com ela? Se aproximar dela?

—Tentei, juro que tentei. Na nossa lua de mel ela parecia ser doce, chegamos a conversar sobre algumas coisas, ficamos dez dias juntos em Marrocos, andamos pela Medina e visitamos pontos turísticos juntos. Perdoe-me dizer, mas eu investi na nossa relação, como fiz com você. Até aí, parecia tudo bem. Então, passamos a morar aqui. Ela logo implicou com a decoração. Para deixa-la feliz, eu permiti que ela mudasse o que quisesse, mesmo detestando o azul que ela colocou na sala, nunca briguei por isso. Meu trabalho na época estava mais pesado, estávamos passando por uma crise e eu comecei a chegar tarde. Expliquei isso para ela. Mas, percebi que isso começou a comprometer nosso casamento. Então, passei a lhe dar presentes, e levá-la para jantar fora. Nessas horas seus olhos brilhavam para mim de contentamento. Virou um círculo vicioso, eu trabalhava muito e ela adorava ganhar presentes. Logo, um abismo cresceu entre nós. Viramos dois estranhos na casa.

Eu senti meu coração apertado.

—E você tentou reverter isso?

Zafir soltou o ar com tristeza.

—Sim. Quando percebi esse abismo, comecei a manejar no trabalho e ficar mais em casa. Mas ela parecia tão magoada comigo que comecei a me sentir um canalha. Mas eu não tinha a menor ideia do que podia fazer para remediar a situação. E o pior: Eu não a amava. Não consigo forçar uma barra para sentir alguma coisa que não estou sentindo. Nunca consegui dizer um "eu te amo", embora tivesse já ouvido dela. Acredito que isso pesou bastante na nossa relação. Ela percebeu que eu apenas me esforçava para ter uma feliz convivência.

—E você? Não conseguiu tirar esse abismo?

—Não. Dois estranhos. Eu comecei a me dedicar naquilo que me dava

prazer: meu trabalho. Jamile fez o que ela sabia fazer bem. Usufruir da casa, usar meu dinheiro, ir para o shopping, viajar com a irmã dela. Que hoje mora no Egito. Quando chegava os finais de semanas, ficávamos frente a frente. Ela estava ali, mas era como se estivesse em outro planeta. Me olhava como se esforçasse para me ouvir. Como se meu assunto fosse chato, como se eu fosse um chato. Teve épocas que nosso quarto passou a ser usado apenas para dormirmos de tão ruim que ficou nossa situação. Quando meus pais começaram a nos cobrar filhos é que começamos a fazer sexo novamente. Isso acabou nos unindo de novo e eu conheci melhor a verdadeira Jamile, a mulher fútil. Sempre questionando se estava bonita? Se estava ficando velha? Que tinha medo de ficar grávida e ficar gorda.

—Zafir, nem sei o que dizer.

Seus olhos estavam presos ao meu rosto, como se ele revivesse tudo.

—Pois eu sei. A verdade é que casar da forma que casamos, é um risco, você pode ser contemplado com uma relação feliz ou não. Eu nunca me preocupei com isso. Eu confiei no que meu pai escolheria para mim. Achava que bastava ela ser do nosso povo, que conhecesse minhas origens, e meus princípios que daria certo. Meus pais foram assim também, tiveram o casamento arranjado. Então, eu pensei: Se deu certo com eles, por que não daria certo comigo?

Mas...deu no que você está vendo.

—Fico me perguntando se tem como amar duas mulheres ao mesmo tempo? Eu não consigo olhar para mais ninguém se não for você.

Zafir sorriu tristemente.

— Eu acredito que não. Depois que te conheci, passei a acreditar em almas gêmeas. Foi um verdadeiro milagre eu ter te conhecido e te amar do jeito que te amo.

Eu o abracei, me sentindo triste com tudo isso. Quando me afastei eu disse: —Zafir, não quero um casamento arranjado para os nossos filhos.

Ele assentiu.

—Eu também não quero. Coloquei minha relação familiar em segundo plano, primeiro sempre foi meu trabalho. Eu era uma máquina de fazer dinheiro antes de conhecer você. —Ele então me abraçou forte. — Khadija, Khadija. Eu não tinha ideia como eu era miserável por isso.

Quando nos afastamos ele segurou minha mão e a beijou.

—Zafir, sabe o que me parece? Você foi refém da nossa cultura como eu. Você a pratica, pois sabe que é o certo a fazer. Mas você tem esse lado europeu enraizado em você.

Ele balançou a cabeça concordando.

—É isso mesmo.

—Vem, agora deita. Não adianta ficar assim, nervoso.

Ele respirou fundo.

—Não será fácil sair com aquela vagabunda. Olhar para a cara dela sabendo de tudo isso.

—Não temos certeza. —Eu disse. —Precisamos de provas.

Ele sorriu amargo, sua mandíbula se apertou, mas não ele discutiu e se deitou comigo.

Zafir

Não era fácil encarar que eu estava sendo enganado. Que ela me odiava a ponto de não querer a minha felicidade para manter a sua vida dupla sugando o otário aqui.

Eu não era do tipo que ficava parado, esperando as coisas acontecerem. Não via a hora de agir. Rolei a noite inteira na cama. Toda hora me levantava, tomava água e me deitava de novo. Quando consegui dormir já eram umas cinco horas da manhã.

Quando acordei, percebi que estava sozinho na cama, o relógio marcava oito horas. Um barulho no banheiro me fez aguçar os ouvidos.

Khadija estava vomitando? Senti um frio na boca do estômago. Me levantei da cama e vesti minhas roupas. Coloquei a cabeça dentro do banheiro para ver o que estava acontecendo. Ela estava ajoelhada em frente ao vaso, agarrada a ele, vomitando, os espasmos sacudindo seu corpo com força. Me aproximei com o coração agitado.

Ela respirou fundo e limpando a boca, olhou para mim.

— Khadija. Habibi.

Ela piscou para mim.

—Agora que vomitei, estou me sentindo melhor.

Ajudei ela se levantar e a levei para o quarto e a fiz deitar-se na cama.

—Faz tempo que está vomitando? —Eu perguntei com preocupação.

—Não só agora que eu me levantei.

— Por que você não me chamou?

Ela fez uma careta.

— Para você me ver vomitando? Não! Eu passo!

Allah! Um filho?

Eu sorri para ela.

—Habibi. Você sabe o que isso significa?

Ela arregalou os olhos. Eu sorri para ela.

— Khadija. Como está seu ciclo menstrual?

Ela piscou como se só agora ligasse as coisas, respirou fundo.

—Atrasado, mas meu ciclo não é regular, às vezes atrasa. —Disse pensativa.

Khadija

Allah! Claro que era isso!

Respirando com dificuldade, o choque me inundou. O quarto cheirava ele e sexo.

Como não estar grávida?

Eu ergui meus olhos e encontrei os dele. Ele arqueou as sobrancelhas para mim, seu significado era claro.

Eu estava grávida!

Senti novamente meu estômago ruim, como se tivesse comido queijo podre.

Fiquei olhando para ele.

—Precisamos pensar nessa possibilidade. —Ele disse e sorriu, parecia nervoso.

Não consegui deixar de pensar o porquê dessa união.

—A finalidade do seu casamento se cumpriu. Seus pais darão pulos de alegria.

O sorriso morreu em seus lábios e ele endureceu os olhos.

—Você não parece feliz com a possível gravidez?

Os olhos dele examinam meu rosto.

—Claro que estou feliz, Zafir. É que não pude evitar de me lembrar da finalidade desse casamento.

Ele me estudou por uma fração de segundo, e eu me mexi desconfortavelmente.

—Esqueça isso. Makutb! Estava escrito. Eu te amo. Ficou claro?

Eu estremei. E se ele não me amasse! Allah!

—Claro como cristal. Mas não consegui deixar de pensar se não tivesse química entre nós, se não me amasse de verdade...

Ele sorriu de forma carinhosa.

—Impossível essa possibilidade. Mas se você fosse uma pessoa diferente do que é; e acontecesse o que falou, Allah! Seríamos todos infelizes. Eu continuaria trabalhando como um condenado e administrando meus dois casamentos, pensando isso ser felicidade e acreditando que eu era incapaz de amar.

Ele me estudou, e de repente eu me senti autoconsciente. Meus cabelos desalinhados, minha camisola manchada de vômito. Ele sorriu.

—Agora, fica quietinha aqui, eu irei chamar um médico.

—Não, não precisa. Já estou melhor. —Eu sorri para ele.

—Como vou trabalhar com você assim?

—Zafir, se eu estiver grávida, você me verá muitas vezes assim. Gravidez não é doença.

Ele me olhou sério e fungou.

—Tudo bem. Qualquer coisa você me liga. Hoje confirmaremos gravidez. Vou comprar esses testes de farmácia e depois do trabalho faremos juntos.

Eu sorri para ele.

—Está certo. — Respirei fundo. —Zafir, não quero que ninguém saiba, por enquanto.

Ele deu um ligeiro aceno de cabeça e eu vi compreensão em seus olhos.

— Eu concordo. O dia do conselho será um ótimo dia para revelações.

Eu estremecei emudecida.

No dia do conselho?

—Allah! Será bombástico. Imagine a cara de Jamile!

Ele balançou a cabeça, os olhos brilhando de amor.

—Tirando a gravidez. Sabe o que isso significa para nós se confirmarmos o adultério? Liberdade de estarmos juntos a hora que quiser. Sem nada para minar nossa relação.

Eu assenti emocionada para ele.

—Verdade.

Vi então todo o seu corpo ficando tenso e sua mandíbula se apertou.

—Tiraremos literalmente essas cobras do meu jardim. Ela e seu amante. — Ele disse com raiva.

Eu assenti e perguntei com ansiedade: —Quando pretende chamá-la para sair, para colocarmos a câmera?

Ele olhou para mim com um olhar mortal.

—Hoje marcarei com ela.

Eu engoli em seco, não queria estar na pele dela.

—Que desculpa você dará?

Ele exalou.

—Que quero conversar. —Ele soltou o ar com raiva. —Allah! Terei que ter muito sangue frio nessa hora.

—Pelo visto, você sairá mais tarde hoje?

Ele assentiu.

—Sim, para poder conversar com Jamile. Fique hoje na cama. Evite Jamile até resolvermos nossa situação. Qualquer coisa me liga.

—Está certo. —Eu disse com um leve sorriso.

Zafir se inclinou e me deu um beijo na testa e depois caminhou até seu quarto.

Zafir Saí do meu quarto tarde. Dez horas. Encontrei Jamile na sala sentada no sofá com uma revista de moda nas mãos. Quando ela me viu, deixou a revista de lado e endureceu seus olhos para mim.

— Quem te viu e quem te vê! —Ela olhou seu relógio de ouro.

—Saindo esse horário? Essa odalisca realmente fez sua cabeça. Aposto que dormiu com ela! O conselho não vai gostar nada do seu relapso comigo.

Eu respirei fundo, trancando minhas emoções, controlando minha raiva.

—Jamile. Antes de chamar o conselho, gostaria que saíssemos para conversar. Só eu e você.

Ela se mexeu no sofá.

—Conversar?

—Sim, conversar. Poderemos sair amanhã. Tomaríamos café da tarde, juntos.

—Por que, Zafir? Por que quer agora conversar? Está com medo que o conselho pegue pesado com você?

—Jamile. Primeiro temos que resolver nossos problemas familiares aqui, depois levamos para o conselho. Essas são as regras. Por que você tem que questionar tudo?

Zamira surgiu na sala e quando me viu fez uma reverência.

—Sabah el-kheir. Posso servir o café?

—Sabah el-kheir. Não. Tomarei no escritório. Obrigada. —Fitei Jamile que me observava. —E então?

—Tudo bem. Concordo. Precisamos conversar mesmo.

—Ótimo. Sabah el-kheir.

Saí de lá aliviado. Agora, eu ligaria para a empresa de segurança para a instalação da câmera no ponto cego do jardim. Meu motorista estava encostado ao carro, quando me viu, apurou as costas e abriu a porta.

Mais tarde, no meu escritório, passei os olhos pelos inúmeros e-mails novos que eu havia recebido, descendo a tela e passando por muitas ofertas de joalherias, floriculturas, perfumarias. Tudo loja que eu usava para comprar

presentes para Jamile.

Allah! Que otário!

Joguei as costas para trás da cadeira e fechei os olhos, passando a mão sobre eles.

—A reunião que marcou com os acionistas é daqui a cinco minutos.

Eu fitei a senhora Clark e acenei com a cabeça.

Olhei o vazio. Sempre fugi das rosas. Sempre comprei tulipas, flores do campo, qualquer uma para Jamile. Eu sempre achei que rosas vermelhas eram uma forte declaração de amor.

Forte demais.

Já com Khadija, logo que eu a vi, o impacto foi tão grande que liguei para o meu apartamento em Paris e pedir para Elissa comprá-las e colocar no meio da sala.

Peguei o celular e enviei uma mensagem para ela: **"Você está bem? Espero que esteja bem. Te amo, se houvesse uma palavra mais forte que essa eu lhe diria. Zafir"**

Depois de soltar um suspiro, me levantei da cadeira, pegando os relatórios na mesa fui em direção a sala de reuniões.

Khadija

Zamira quando não me viu no café da manhã surgiu no quarto com um carrinho cheio de frutas e coisas gostosas.

—Você não apareceu para tomar café, então tomei a liberdade de te trazer algumas coisas. —Ela disse tirando tudo do carrinho e distribuindo em uma mesa perto da janela.

—Obrigada. —Eu lhe dei um sorriso. —Eu estava sem fome. Mas, vendo tudo isso agora, abriu meu apetite.

—Está certo. Vou indo.

Eu adorava conversar com Zamira. Ela era adorável, a voz dela era sempre calma. E tranquilizante. Estranhei ela querer sair do meu quarto correndo.

—Fique um pouco para conversarmos.

Ela balançou a cabeça negando.

—Não posso, estou de saída.

—Não pode sair mais tarde?

—Vou sair com Jamile.

Eu que enchia a minha xícara de café parei e a olhei curiosa.

—Sair? Ela disse aonde vocês vão?

—No shopping. —Ela se aproximou. —Zafir a levará para sair amanhã e isso significa vestido novo. Sempre foi assim.

Jamile amava Zafir? Ou seu lema era igual da mulher do filme "atração fatal", que aliás assisti escondido de meu tio. Onde no filme, ela diz: *"Por que será que só nos sentimos compelidos a correr atrás daqueles que fogem de nós?"*

Sorri ao me lembrar do motivo da saída deles.

Faltava pouco!

—Hum, entendi. Está certo.—

Zamira me estudou.

—Para quem não a suporta e se casou sem saber que seria a segunda esposa, você não me parece triste com essa informação.

Até que ponto eu podia confiar nela? Com essa pergunta sem resposta, eu apenas disse: —Não vou morrer por isso. Não vou ficar me lamentando ou chorando.

Ela me olhou com estranheza.

—Muito bem! Estou gostando de ver. Você está bem diferente dessa semana que passou. Você estava tão tristonha.

—Tivemos que ficar longe um do outro, enquanto esperávamos a resposta dela. Passar por uma luta juntos é uma coisa, separados é outra.

Ela suspirou:

—Eu sabia que ela iria se negar. Imagina, perder seu posto de primeira rainha? Ela adora tudo isso. Adora mandar e desmandar nos empregados. E eu acho que ela gosta do senhor Zafir.

—Gosta? Você já se perguntou, o porquê ela desejou a segunda esposa?

Os olhos de Zamira fugiram dos meus.

—Não sei, preciso ir.

Eu segurei o braço dela.

—Zamira, você sabe de alguma coisa? Se abra, vamos!

—Allah! Não, melhor não. É mais fácil o senhor Xarif dispensar uma boa empregada, do que desfazer o casamento com suas esposas. A corda sempre arrebenta para o lado mais fraco.

—Zamira. Allah! Você também desconfia dela com o jardineiro?

Ela arregalou os olhos.

—Você também reparou?

Eu assenti.

—Sim.

Ela olhou para os céus.

— Allah Por favor, eu não disse nada!

— Claro, fique tranquila.

— Você já ouviu o ditado: *"Não se pode confiar nem em homens e nem em mulheres que estão apaixonados e não são correspondidos, porque se o amor faz loucuras, a falta dele faz coisas muito piores."*

—Você acha que ela saiu com o jardineiro por desforra?

—Não sei, sei que ela não soube conquistar Zafir.

—Você acha que ela um dia o amou?

—Acho que ela ainda o ama. Mas ela é orgulhosa, vil. Ao invés de conquistá-lo, ela acabou com qualquer possibilidade do senhor Xarif amá-la. E eu acredito que foi por causa da má fama de mulherengo dele. No fundo ela se protegeu para não sofrer, e não esperava que ele um dia viesse amar alguém. Subestimou a segunda esposa.

Eu senti uma dor terrível no coração.

—Allah! No fundo, sabe que eu tenho pena dela? Deve ser terrível amar alguém e não ter força para lutar por seu grande amor e orgulho de sobra.

—Ingredientes que o afastou dela. —Ela olhou o relógio. —Bem, senhora Xarif, eu preciso ir.

Eu assenti, me sentindo terrivelmente triste.

—Está certo. Mas já disse, me chame de Khadija, por favor.

Zamira assentiu e saiu do meu quarto, nessa hora meu celular vibrou. Sorri, com certeza era de Zafir.

"Você está bem? Espero que esteja bem. Te amo, se houvesse uma palavra mais forte que essa eu lhe diria. Zafir"

Escrevi:

"Eu estou bem. Também te amo, habibi. Precisamos conversar!"

Zafir

Depois que li a mensagem de Khadija, fiquei preocupado, tentando imaginar o que ela queria falar comigo. Quando foi a tarde meu celular tocou.

"Pai" no visor.

Respirei fundo e o atendi.

— Baba.

— Liguei para saber como as coisas vão indo?

— Bem.

— Jamile andou se queixando para a sua mãe. — Merda! Um silêncio se instalou e fiquei meio perdido. — Zafir?

— Bába. Não se preocupe, está tudo sob controle.

— Não me preocupar? Ela me disse que vocês pedirão o conselho! — Ele arfou e senti o pesar na sua voz.

— Verdade. Mas antes resolveremos entre nós. Amanhã eu sairei com ela.

Ele fungou.

— Ótimo. Espero que não precise do conselho. Isso é o último recurso. Você sabe! E Khadija? Alguma novidade? — Ele perguntou e percebi a ansiedade em sua voz.

— Pai, a razão de Khadija ter entrado na minha vida foi essa. Mas saiba que ela é a mulher que eu amo.

— É eu sei. Você já me disse isso.

Eu suspirei.

— Então, por favor, a partir de hoje, enxergue-a assim. Quando se referir a ela, me pergunte se ela está bem de saúde. E não como se ela fosse uma máquina de parir.

— Não perguntei por mal. Você já se perguntou por que trabalha tanto? Se não tiver para quem deixar, o que adianta?

— Nunca pensei nisso. Sempre trabalhei por satisfação pessoal. Mas as coisas mudaram, hoje eu tenho motivo para voltar para casa.

— É triste ouvir que seu casamento com Jamile estava assim. Por que nunca me contou isso?

Eu soltei o ar com tristeza me lembrando da minha vida patética.

—Eu não me importava. Eu só sabia cumprir meu papel como homem. Expandir os negócios da família, gerar lucros. Meu único sentimento era que o senhor se orgulhasse de mim.

—Conseguiu. Eu me orgulho de você meu filho. Agora seu casamento me preocupa.

—Eu sei. Mas, como disse: *tudo será resolvido*.

Quando ele desligou, girei minha cadeira para a janela. O céu estava negro, estrelado.

Pensei na minha Khadija. Antes dela, minha vida funcionava no poder, controle e negócios. Essa era a adrenalina que me energizou por muito tempo.

Meu casamento com Jamile, sempre foi à parte mais vazia da minha vida, porque eu não sentia absolutamente nada.

Girei minha cadeira novamente e me levantei.

Tempos passados.

Meu mundo preto e branco tinha cores agora. Hoje eu tinha motivos para voltar para casa.

Khadija

Eu estava na sacada meu quarto quando ouvi a porta se abrindo.

Zafir!

Ele entrou com um pacote nas mãos. Eu mastiguei meu lábio inferior um segundo antes de perguntar: —É o teste?

Ele olhava para mim com um sorriso de felicidade, a luz dos seus olhos me mostrava que o estresse estava longe dele. Isso se tornou raro desde que ele desconfiava da traição de Jamile. Mas agora à noite ele estava relaxado e sorridente.

Eu corri até ele e lhe abracei forte recebi um monte de beijos no rosto antes de pegar o pacote. Minhas mãos tremiam.

—Dê-me. —Ele o tirou das minhas mãos e o abriu para mim. —Sabe como fazer?

Eu neguei vermelha.

—Não, eu ia ler lá no banheiro.

Ele sorriu.

—Vamos ler juntos?

Eu assenti. Ele colocou as mãos nas minhas costas e me conduziu até a cama, nos sentamos e começamos a ler as instruções juntos.

—Allah! Que fácil! Só isso?

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

—Como esperava que fosse?

—Não sei.

—Vai lá, eu te espero.

Eu assenti para ele e corri até o banheiro e fiz conforme as instruções da caixa. Merda! Eu estava tão nervosa que não conseguia urinar nele. Demorei um pouco. Minhas mãos tremiam. Coloquei ele no balcão da pia, me enxuguei e lavei as mãos. Sem olhar para ele, fui até o quarto.

Zafir andava de um lado para o outro.

—E então?

—Eu não vi. Vamos ver juntos?

Ele sorriu nervoso, eu me aproximei dele.

—Melhor sentarmos. —Eu disse quando percebi que agora, ele estava mais nervoso que eu.

Ele assentiu e sentamos na cama. Eu o estendi e olhamos juntos o resultado.

Allah!

Procuramos os olhos um do outro. Ambos com os olhos marejados de lágrimas. Eu me levantei e olhei para ele.

—Zafir! Estou grávida? —Perguntei ainda não acreditando.

—Sim, habibi.

Zafir se levantou da cama e num impulso me pegou no colo e me ergueu para cima sorrindo. Nos abraçamos. Não falamos mais nada por um momento, ficamos abraçados felizes pela surpresa, pensando que daqui a alguns meses estaríamos com um bebê nosso no colo.

Nos afastamos e procuramos os olhos um do outro. Seu olhar era tão terno que os meus se encheram de lágrimas. Por isso o fiz se sentar, quase o

jogando na cama. E montei em cima dele e o beijei desde o maxilar até à testa com muito amor. Zafir me virou na cama e correu seus dedos no meu rosto.

—Eu te amo. — Eu confessei com o coração transbordando amor. Ele sorriu e continuou acariciando meu rosto e ao mesmo tempo se aproximou para me beijar. Nossas línguas logo se encontram e seu beijo se intensifica, estremeci de prazer.

Quando ele se afastou para me olhar novamente, seus olhos eram como chamas de fogo e meu coração se agitou diante dessa visão.

Cheios de desejo, nos entregamos a paixão, deixando o sentimento extravasar junto com as sensações de prazer que sentimos em nos tocar.

Sem pressa nos livramos de nossas roupas que ficaram espalhadas no quarto.

Corpos nus entrelaçados.

Dedos correndo meu corpo.

Sua boca em todos os lugares me levando a loucura.

Seus sussurros de amor no meu ouvido.

— Ana bahebik. —E ele confessa seu amor em árabe.

PERIGOSAS



NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 10

No dia seguinte eu abri meus olhos e dei com os olhos negros de Zafir me observando.

—Sabah el khair. (Bom dia) —Ele disse lentamente.

Eu lhe dei um sorriso.

—Sabah el khair.

Olhei o relógio. Era cedo, 8:00 hrs.

—Você disse que queria falar comigo na mensagem que me enviou.

Eu suspirei.

—Eu conversei sobre Jamile com Zamira. E ela me fez sentir pena dela. Me passou a imagem de uma mulher apaixonada que não viu nos olhos do marido o amor que ela esperava, mas o orgulho e suas reservas, fez com que ela se afastasse cada vez mais de você.

Ele balançou a cabeça lentamente.

—Você acredita mesmo nisso? Quem ama, não trai.

—Eu pensei em você dar a oportunidade dela confessar tudo. E se ela confessar, você lhe ajudaria como disse. Com a casa, o dinheiro.

Ele me olhou como se estivesse surpreso com a minha observação.

— Você acredita mesmo que ela me contará tudo?

—Eu não sei. Mas imagine ser desmascarada no conselho?

Ele me olhava com os olhos vidrados, com minha pergunta seus olhos ficaram vivos para mim.

—Acho difícil. Ela não quer o divórcio. Se ela quisesse, teria aceitado minha proposta.

—Tente.

Ele deu de ombros.

—Tentarei. —Ele me olhou sério. —Eu já marquei com eles para a instalação das câmeras. Pedi para pôr uma no quarto dela também.

—No quarto?

—Sim, nunca se sabe.

—Está certo.

—Vou dar folga para Zamira e para os empregados hoje. Não quero que ninguém veja eles trabalhando. Não posso me arriscar com os empregados vendo a movimentação. Jamile se souber, pode desconfiar. Só ficarão os seguranças ao redor da casa. Você também não estará aqui. Combinei com minha mãe de você passar a tarde com ela. Meu motorista irá te levar e te esperar lá. Só volte a noite. Eu sairei com Jamile em outro carro, irei dirigindo.

Com o coração agitado eu escutei suas palavras. Ele se levantou como se dando o assunto por encerrado.

Zafir

Eram quatro horas da tarde quando sai do trabalho. Quando entrei em casa, Jamile me esperava. Usava um lindo vestido preto e branco que modelava seu corpo. Saltos altos, maquiada. Os cabelos negros estavam erguidos em um coque alto.

—Oi. —Ela sorriu. —Você deu folga para todos os empregados.

—Dei. —Eu respondi controlando minhas emoções. —Não ficará ninguém em casa. Khadija ficará com minha mãe e eu e você sairemos.

Khadija apareceu na sala. Passei os olhos por minha princesa. A mulher que eu amo. Ela estava linda. Usava um vestido creme um pouco abaixo dos joelhos e que modelava seu corpo no ponto certo. Por cima do vestido um blazer preto. Sapatos fechados preto de salto médio.

—Meu motorista a espera. —Disse a ela com um sorriso.

Ela assentiu para mim e fitou Jamile.

—Espero que vocês se entendam.

—Você quer dizer que eu peça o divórcio? —Jamile perguntou seca.

Ela desviou os olhos dela sem graça e me fitou.

—Vou indo.

Virou-se e saiu em direção porta com a mesma rapidez que ela entrou. Fitei Jamile e pude ver seu ódio por ela. Seus olhos soltavam chispas, era

tanto ódio que eu temi por Khadija.

—Vamos? —Perguntei, detestando tudo isso.

Ela suavizou os olhos antes de volta-los para mim.

—Vamos. Que lugar você escolheu para nós irmos.

—O Hilton.

Ela sorriu.

—Você sabe que eu amo aquele restaurante.

—É, eu sei. —Disse a ela com o rosto enigmático.

Jamile

Meia hora depois eu tomava meu vinho. Zafir como sempre, por causa da religião, não bebia. Sempre gostei disso nele. Deixei de seguir nossa religião desde que me casei, Zafir nunca me forçou a segui-la. Ele estava lindo. Terno cinza, gravata preta em cima da camisa branca. A barba que ele usava agora o deixava mais sexy.

A parte lógica do meu cérebro me avisava para não ficar esperançosa, mas a outra parte de mim está dizendo 'aposte', ele está fazendo um esforço, isto tem que significar algo.

Ele me estudou, seus olhos negros causando arrepios sobre a minha pele.

— Bem, estamos aqui não para um encontro de namorados, mas para conversarmos. Coisas que pouco fizemos durante o tempo que ficamos juntos.

Meu olhar era de compaixão.

— Sinto por isso. —Eu disse e peguei meu copo de vinho e tomei um longo gole.

—Sente? É tarde para isso, concorda?

Tarde? Não, nunca é tarde!

Eu segurei o seu olhar um pouco, e o momento intenso foi interrompido pelo garçom. Fizemos os nossos pedidos, o de sempre. Ambos pedimos salmão grelhado, arroz branco com alcaparras.

Embora fossem cinco horas da tarde, jantávamos cedo, às seis horas. Hoje, não sei por que raios ele me levou para jantar antes disso.

—Estranhei me trazer tão cedo para jantar.

Ele desviou seus olhos dos meus e tirou o paletó. Eu olhava para ele com curiosidade enquanto ele vira as costas para mim e o colocava apoiado no encosto da cadeira.

Voltou então, seus olhos negros. Seu rosto era enigmático: — Pensei em tomarmos café juntos, mas como jantamos cedo, por que não comermos agora?

Lembrei-me daquela odalisca. Disse com tristeza.

—Eu me arrependi amargamente de ter colocado essa odalisca na nossa casa.

Seus ombros endureceram.

—Por que eu a amo? Se eu não a amasse as coisas seriam diferentes? Por que você achava que eu era incapaz de amar alguém?

Eu empalideci. O próprio pensamento de responder a essa pergunta me fazia sentir mal. Eu me enchi de raiva dela. Era horrível ouvi-lo confessar que a amava.

—Sim, é isso. Eu achava que ela seria mais uma de suas mulheres.

—Você fala como seu fosse promíscuo. Eu sempre te fui fiel.

—Foi mesmo? Eu não acredito.

—Verdade! Como acreditar se sempre agimos como estranhos? Se você me afastou de você?

—Sempre te amei, te amo.

Seus olhos endureceram tanto que eu pisquei.

—Ama? Mesmo?

—Amo.

—Eu não acredito. Se você me falar mais uma vez que me ama, nossa conversa se encerra por aqui! —Ele disse alterado.

Eu mordi meu lábio inferior. Despreparada e com sentimento de culpa, eu apertei meus olhos por um momento enquanto eu sentia as lágrimas queimarem neles.

—Arrependimento tardio, não acha? —Zafir disse seco.

—Não me arrependo de nada.

Seus olhos endureceram com minhas palavras. O garçom surgiu nessa

hora e nos serviu. Começamos a comer. Zafir só revirava a comida no prato. Eu parei de comer e disse: —Zafir. Eu não quero o divórcio. Prometo ser uma boa esposa. Me dê uma chance.

Ele limpou a boca com o guardanapo.

—Muito bem. Você quer uma chance. Se abra comigo, confesse tudo.

Meu corpo inteiro travou. Ele estudou meu rosto por um longo tempo, seus olhos vagando sobre ele.

O que ele queria que eu confessasse? Sobre meu amante? Eu era por acaso louca? Jamais! Ryan era uma droga. Um sexo gostoso, coisa que nunca tive dele.

Eu empinei o nariz.

—Não tenho nada para confessar.

—Se não tem, acredito que ache que sou culpado de tudo.

Eu me ajeitei melhor na cadeira.

—Eu não quis dizer isso. Sei que sou culpada. Eu deveria ter aberto meu coração, dito tudo que pensava. Mas ao invés disso, me calei, te culpei por trabalhar muito, sempre te imaginando com mulheres depois do expediente.

Ele fungou. Olhou para um ponto distante e depois seus lindos olhos ficaram gentis, meu coração bateu agitado.

—Jamilé é tarde para nós. Eu amo Khadija. Eu tentei me aproximar de você, mas você sempre foi arisca e eu desisti, me acomodei. Você não me despertava o desejo de amá-la. Sua frieza só me distanciou.

—Eu te amo.

—Allah! Cale a boca! —Ele disse entredentes.

Isso doeu. Eu o traia, mas e aí? Eu fazia isso por revelia.

—Por que não acredita? —Eu sussurrei.

Zafir riu amargo e balançou a cabeça. Percebi que suas mãos tremiam quando ele segurou seu copo de suco.

—Jamilé, abra o jogo. Abra seu coração.

—Eu estou abrindo.

—Jamilé, você ama meu dinheiro, a posição social que você

conquistou, tudo que você tem, a liberdade de escolhas que eu te dei.... Você pensa que me ama, mas isso não é amor...

—Zafir, não nego que eu goste de tudo isso, mas quem não gosta?

Eu peguei sua mão que estava apoiada na mesa, Zafir puxou sua mão.

—Jamilé, eu não vim aqui para reatar, para te pedir para ser uma boa esposa, mas para te dar a chance de se abrir comigo. Eu não vou culpá-la de nada, ouvirei e tentarei te entender.

Eu o interrompi:

—Se eu abrir meu coração como quer, o que acontece?

Ele disse num tom divertido:

— Eu não vou puni-la, e eu não vou bater em você. E o assunto morre aqui. Só quero que jogue limpo comigo.

Eu não respondi e me limitei a comer. Enquanto eu mastigava, pensava: O que ele estava querendo com isso? O que ele queria que eu falasse? Eu não estava entendendo onde ele queria chegar.

Medo do conselho?

Eh, eles iam pegar pesado com ele e com a odalisca. Queria poupá-la, com certeza.

— E então? — Ele insistiu. Fitei o prato de Zafir. Ele nem tinha tocado a comida.

—Por que isso Zafir? Você teme o conselho? Teme o que eu possa falar contra essa odalisca e afetá-la?

Ele se inclinou para trás em sua cadeira, sorvendo o suco de uva do seu copo. O gelo tiniu no copo. Ele me deu um sorriso frio.

—Você está me ameaçando, Jamilé?

Eu levei um pedaço do salmão à boca, e comi calmante a minha última garfada de comida antes de dizer: —Se não reatarmos, eu vou virar a

cabeça deles contra vocês dois. Ficarà muito mal para Khadija. Eles a verão como uma destruidora de lares e você um fraco, que se deixou ser levado por uma odalisca. E lembre-se, quando se fala em artimanhas, sempre é bom escutar as mulheres.

Seu rosto se contorceu. É parece que eu consegui afetá-lo.

—Enquanto não se conhece o inferno, nunca haverá paraíso bom o suficiente. Você não sabe o que você está falando.

—O que você quer dizer com isso? —Eu me perguntei tentando entender suas palavras.

Seus olhos nos meus eram hostis.

—Eu estou te dando à chance de sair disso tudo bem. Uma casa, um carro, te sustentaria com um bom valor, até o último dia de sua vida. Mesmo que futuramente se casasse. E no entanto, você só sabe me ameaçar.

Eu disse chateada:

—Você quer poupá-la do conselho, Zafir.

— Chega! — Zafir se levantou. Colocou o dinheiro na mesa. — Vamos! Com você não há dialogo, quanto mais acordo. Que se dane!

Khadija

— Estamos preocupados com a relação de Zafir e Jamile. —Foi à primeira coisa que ela me falou depois de me cumprimentar.

Eu encarei o rosto altivo e sério dela.

Ela me culpava?

—Eu não gostaria de falar esse assunto com a senhora. Quem deve explicar tudo é o próprio Zafir.

Eu disse me sentando no sofá grande e florido. A casa era enorme. Tão grande quanto a minha.

—Khadija, você tem atrapalhado o casamento dos dois?

Passei de examinadora para examinada. Ela me olhava sem perder meus movimentos.

—Não, Jamile não me aceitou.

Ela me olhou desconfiada.

—Mas como não se foi ela que propôs a segunda esposa?

Eu respirei fundo. Não queria falar sobre isso, mas pelo visto ela não pensava assim.

—Senhora Xarif.

—Pode me chamar de Ada. —Ela disse dura.

—Ada, Jamile não esperava que Zafir me amasse.

—Zafir esta fazendo distinção entre as esposas. É isso?

Eu não respondi.

—E esse conselho? Isso é em último caso. Zafir está pensando em se separar? Isso é muito prejudicial para Jamile. Coitada!

Allah! Coitada? Se ela soubesse quem é a coitada!

—Senhora Ada. Confie em Zafir. Tudo irá se resolver. Inclusive, ele está com ela agora. Estão tentando se acertar. —Eu disse, mas só eu sabia o tipo de acerto.

—Espero!

O senhor Xarif apareceu na sala.

—Khadija. Que bom que veio.

Eu sorri para ele.

—Obrigada, senhor Xarif pelo convite.

—O jantar está servido. —A empregada surgiu e comunicou.

A senhora Ada Youssef Xarif se levantou do sofá e caminhou com classe até a grande sala de jantar, onde um grande lustre de cristal pendia sobre a mesa de vinte cadeiras.

—Sente-se aqui, minha querida.

—Obrigada. —Sorri para ela.

O jantar agora seguiria em silêncio. Eu agradeci a Allah mentalmente por isso está na nossa cultura. A calma e o silêncio na hora de comer, nenhuma voz encobrindo a outra, me fez me sentir mais à vontade.

Eu coloquei pouca comida no meu prato. Terminamos nossos carneiros assados com arroz com ervas e frutos do mar e prosseguimos com a sobremesa, pudim de leite.

Zafir cresceu cercado de todo o luxo. Eles eram tão metódicos que agora ao conhecê-los melhor, fiquei com dó de Zafir. Enquanto comíamos, eu me questionava: *Ele foi uma criança feliz? Teve uma infância saudável? Ou foi criado num regime rígido, onde ele não poderia nem sujar as roupas?*

Era um garoto comportado, obediente aos pais?

Almofadinha?

Será?

Ou dava trabalho, corria pela casa, deixava as empregadas loucas?

Acho que ele era mais a segunda opção!

Jamile

Meus olhos se arregalaram, mas antes que eu possa protestar, Zafir me deixou para trás no restaurante. Tive que correr para alcançá-lo.

—Zafir. —O chamei num volume alto.

Que homem de pavio curto!

Desacelerei os passos, passando por um casal que estava entrando no restaurante. Eles pareciam apaixonados, eu podia ver nos seus rostos a alegria de sair juntos. Isso me fez pensar que nunca tivemos essa cumplicidade. Lá

fora, eu respirei o ar fresco e continuei a caminhar até o carro. Zafir já estava ao volante e me esperava.

Eu abri a porta com raiva e me sentei ao lado dele. A expressão dura do seu rosto me dizia que era para eu ficar calada. Meu coração doía em pensar na mulher que estava acabando com meu casamento.

Quinze minutos depois, Zafir estacionava seu Porsche na garagem de casa, a odalisca ainda não tinha chegado da casa dos pais dele, pois a Mercedes não estava lá.

—Zafir.

Zafir virou a cabeça para mim.

—Você teve sua chance, Jamile. Estou cansado.

Zafir virou o rosto para não olhar para mim.

—Zafir. — Eu comecei.

— Não. — Ele rosnou. Seus lindos olhos negros voltaram-se para mim. —Acabou. Só nos falaremos agora depois do conselho.

—Zafir. Antes dessa ordinária chegar estávamos indo bem....

—Chega! —Zafir abriu a porta do carro e saiu.

Zafir

Algo dentro de mim queria discutir com ela, meu temperamento paciente foi para o espaço depois que soube da possibilidade de ela estar me traindo e não querer minha felicidade. Eu acordei! Eu era um sonambulo. Só que ser explosivo agora me deixaria em problemas, eu estava no meu limite. O pensamento de empurrar ela contra a parede e dizer tudo que eu pensava, me enviou um arrepio que percorreu por toda a minha espinha. Eu precisava parar com isso ou colocaria tudo a perder. A regra era simples, não havia nenhum ponto a discutir, do jeito que eu me encontrava nervoso, era bem provável que eu jogasse tudo na cara dela.

Caminhando em direção a casa, ouvi os passos de Jamile. Ela passou por mim e se colocou na minha frente. Respirou fundo, para acalmar os nervos ou para ganhar paciência, eu não sei, mas eu não estava disposto a

ficar e saber o que ela tinha a me dizer.

—Zafir. —Ela começou.

—Jamile. Não temos pontos a discutir, só nos falaremos no conselho.
—Eu a interrompi.

Ela riu alto demais, seus olhos piscando com aborrecimento, não concordando comigo.

—Zafir, sei que sente algo por mim. Você já teria me repudiado se não fosse assim.

Allah! Realmente! Eu não pedi o divórcio para poupá-la da nossa sociedade voltada aos costumes, onde uma mulher divorciada era malvista, para ela não sair mal dessa história.

—Realmente, Jamile. Não pedi o divórcio pensando em você. Por causa da nossa cultura e seus pais são rígidos.

Ela deu um passo na minha direção. Sua presença gritou confiante nos meus bons sentimentos por ela.

—Viu? No fundo você nutre algo por mim. É nisso que eu estou me apegando.

Eu respirei fundo.

—Se fosse você, não se apegaria tanto a isso...no conselho se definirá tudo.

—Verdade, no conselho eu vou mostrar a eles quem você é. Que não segue os costumes.

Jamile oscilava. Com certeza, agora ela estava se dando conta que eu estava firme na minha posição e não tínhamos mais volta então agora me ameaçava.

—Vamos ver.

Saí de sua presença. Fui direto para o quarto de Khadija. Tudo estava quieto e silencioso. Me deitei com roupa e tudo na cama para esperá-la. Eu estava chateado com essa situação. Não via a hora que tudo se resolvesse. Fechei os olhos por um momento, o tempo passou e acabei adormecendo.

Não sei quanto tempo dormi até sentir um toque nos meus cabelos. Eu abri meus olhos e encontrei os olhos dela. Ainda estava vestida com o vestido, tinha tirado apenas os sapatos e o casaco. Ela se deitou ao meu lado sem falar nada. Mas seus olhos tinham aquela mesma expressão intensa, mas

reconheci algo a mais nela, como admiração. Eu poderia ficar horas olhando para aquele olhar.

—Como foi com meus pais?

Ela respirou fundo.

—Tudo bem.

Eu movi minha mão até seus cabelos castanhos.

—Tudo mesmo?

—Sua mãe me perguntou de você e Jamile. O que eu poderia dizer? Eu me esquivei. Ela acha que eu virei sua cabeça contra a primeira esposa...

Apertei os lábios contrariados.

—Eu sei. No fundo foi. —Eu sorri para ela. —Aprendi que o amor é feito de liberdade. É como ter todos os dias outras opções, e ainda assim fazer a mesma escolha. Eu não tenho tempo para mais nada, ser feliz consome muito minhas energias.

Khadija

Eu me emocionei com as palavras dele, lágrimas vieram aos meus olhos. Ele gentilmente se aproximou de mim e me beijou. Passei o braço em volta do seu pescoço e ele afundou ainda mais a língua em minha boca.

Ele então me afastou. Olhei para ele sem entender seu semblante triste. Ele apenas tocou meu rosto e beijou minha testa. Minha respiração estava falha, ainda podia sentir sua língua na minha boca.

—Ela não se abriu com você. Por isso está triste?

Zafir soltou o ar com angústia.

—Ela me ameaçou, você acredita? —Ele me olhava demonstrando toda a sua tristeza nos olhos. —Foi difícil me segurar para não lhe dizer algumas verdades.

—Imagino. Não fica assim. Tudo irá se resolver... —Eu disse passando a mão nos cabelos dele.

—A verdade era que eu queria que ela se abrisse. As feridas provocadas por uma adaga se curam com o tempo, mas as provocadas pelas palavras permanecem abertas para sempre e o dia do conselho irá marcá-la. O marido e mulher que se traem, traem também suas famílias.

Eu o beijei na testa, nos olhos. Logo seus lábios procuraram os meus, num beijo intenso, apaixonado. Aos poucos o beijo foi se acalmando e nos afastamos, ele então me puxou para os seus braços e dormimos abraçados.

PERIGOSAS



NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 11

Dois dias depois....

Zafir

Allah! Fechei minhas mãos.

Eu estava parado em frente ao monitor na sala de segurança que ficava no subsolo da minha casa.

Jamile estava se agarrando com o jardineiro. A imagem era bem nítida, mais que isso era impossível. O sol refletindo nos cabelos negros dela e nos loiros dele. Seu sorriso enquanto conversavam depois veio o beijo cinematográfico.

Tudo muito claro...

O funcionário me olhou sem graça, evitando meus olhos. Eu aprumei meu corpo. No fundo eu estava feliz por finalmente conseguir as imagens, mas isso não tirava a dor de ter sido enganado por todo esse tempo.

—Faça uma cópia.

—Sim, senhor Xarif.

—Agora...

Saí da sala segurança com o pen drive no bolso do paletó. Nem falaria com Khadija nesse momento, agora eu ligaria para todos. Os pais dela e meus pais que avisaria meu tio do Marrocos para virem a minha casa.

Marcaria para daqui há cinco dias, sexta à noite.

Jamile quando me viu ontem, me importunou para marcar o conselho.

Pois bem! Agora sim teríamos o conselho!

Khadija

Sábado com Zafir...Allah! Como ansiei para que ele chegasse. Desde que voltamos de nossa lua de mel, não tivemos um dia que ficamos juntos o dia interior.

Eu agora o esperava com o resultado da filmagem. Eu estava nervosa, angustiada, não sei se feliz. Se fosse verdade tudo aquilo, não seria fácil ver a

NACIONAIS-ACHERON

corda estourar para o lado de Jamile. Sei que ela não pensaria assim se fosse ao contrário, se eu tivesse no lugar dela. Eram tantas sensações que eu mal conseguia administrá-las.

Zafir entrou no meu quarto. Ele usava um jeans escuro e camiseta branca, os cabelos estavam despenteados, acho que de tanto passar a mão neles.

—A pegamos. —Ele disse calmamente, os olhos fixos em mim. A raiva estampada neles e eu quase não consegui falar.

Eu me angustiei.

—Zafir, eu falarei com ela. —Era o melhor caminho e o menos doloroso.

—Vai contar a ela que temos provas de seu adultério?

—Sim, o que ela poderá fazer? Ela se dará conta da loucura do conselho. Quando eles viessem, ela apenas comunicaria que quer o divórcio.

Zafir se aproximou de mim.

—Não! Sabe por quê? Eles te olharão como alguém mesquinha que destruiu meu casamento, e ela sairia como uma coitada.

Mesmo entendendo a situação, eu disse: —Eu aguento as consequências. Eu darei a eles um filho seu. Logo a felicidade de ser avós fará com que eles se esqueçam de tudo que passou.

—É, e quanto aos pais dela?

—É fácil, você os chamaria em particular e mostraria para eles a filmagem, mas acho que Jamile contornaria tudo com eles para que isso não ocorra. E se ela não colaborar, você mostra! Zafir, eles ficarão quietinhos quando eles souberem da fita.

—Khadija, essa mulher ia te massacrar, nem tanto a mim. Você já pensou nisso? Os olhos ocidentais e do europeu não entendem assim. Você tem muito os olhos deles. Mas as nossas origens, você sabe muito bem como você seria vista. Fiquei três anos casado com ela, então você chega e tudo acaba? Você será vista como destruidora de lares. Como uma mulher egoísta que não soube seu lugar.

Engoli o choro e levantei a cabeça —Mas se não tivéssemos descoberto tudo, ficaríamos preso a esse casamento. Sei disso. O que você poderia fazer no conselho? Apenas acatar as regras e regras. Ela me acusaria disso tudo.

NACIONAIS-ACHERON

Zafir passou a mão nos cabelos com raiva.

—Isso é verdade e eu teria que seguir as regras e você aceitá-las.

Eu sorri para ele.

—Então! Agora não precisamos mais segui-las. Ela, quando souber da filmagem, com certeza pedirá o divórcio Zafir bufou.

—Tudo bem! Mas saiba que por mim, eu a desmascararia.

Eu me aproximei dele.

—Eu sei, você está ferido por ter sido traído.

—Allah! Não sei se concordo com isso!

Eu o envolvi pela cintura.

—Zafir. Sabe sim. Conheço o homem que você é e sei que sabe que errou nesse casamento, mas também sei que ninguém é obrigado a amar ninguém. O amor simplesmente acontece. Seu casamento foi arranjando, você não tem culpa nessa parte.

—E eu lhe daria tudo? Uma casa? Ela levaria suas joias?

— Zafir, não nos fará falta.

Zafir me abraçou apertado e balançou a cabeça e depois olhou para o chão como se pensasse. Então me encarou: —Tudo bem! Mas você não falará com ela sozinha.

Eu sorri levemente para ele: —Tudo bem. Falaremos juntos.

—Para mim sempre foi muito claro a diferença das duas e porque eu te amei. Mas agora ficou mais evidente. Allah! Você é muito diferente dela. Eu enxerguei sua alma Khadija.

Eu sorri emocionada para ele.

Sáímos do quarto juntos, de mãos dadas. Tentei puxar minha mão no corredor, mas Zafir não deixou. Eu o encarei sem entender seu gesto. Eu queria paz e não provocar a outra.

—Sua ordinária!

Eu voltei meus olhos para Jamile que estava parada entre a sala e o corredor.

—Jamilé. —Puxei minha mão da mão de Zafir. —Eu e Zafir queremos conversar com você.

—Está com medo Khadija? Está com medo que o conselho veja o que

estão fazendo comigo?

Eu avancei e parei numa boa distância dela.

—Não é nada disso! —Eu me irritei. —Eu só quero abrir seus olhos.

Ela avançou para mim como um pitbull. Ela disse com seu hálito soprando no meu rosto: —Quem é você para abrir meus olhos? Pois saiba que quem abrirá seus olhos sou eu! O conselho irá arrebentar com a atitude de vocês! Eles não gostarão em nada de saber que Zafir está fazendo distinção entre as esposas.

Eu fitei Zafir que olhava tudo com humor eu voltei meus olhos para ela.

—Então, não vai querer ouvir o que eu e Zafir temos a dizer? — Eu ainda insisti.

Ela gargalhou.

—Você ainda pergunta? —Perguntou debochando, ferina.

Eu respirei fundo.

—Ótimo. Você tirou um peso dos meus ombros. Que venha o conselho!

—Eu tirei um peso? Você verá o peso que eu vou colocar em vocês dois!

Quando ela se afastou, eu encarei Zafir. Ele sorriu aberto para mim.

—Você estava louco para que isso acontecesse! Por isso pegou minha mão?

Zafir sorriu debochado.

—Sim eu concordei para te ver feliz, mas eu sabia que isso ia acontecer no momento que ela nos visse juntos. Segurei sua mão de propósito, para que você enxergasse como ela é realmente. E que venha o conselho!

Mais tarde, depois de fazermos amor, Zafir passou os dedos no meu rosto. Seus escuros olhos encarando os meus.

—Eu quis você desde o primeiro momento que a vi, por causa da atração física. Mas o tempo foi passando, e quanto mais eu te conhecia, mais

eu enxergava em você aquilo que faltava em mim. Esse jeito despretensioso de ver a vida, sua simplicidade, a alegria de viver. Qualquer um pode te fazer sorrir, mas nem todos podem te fazer feliz. Compartilhar minha vida com você, me trouxe muita alegria. Eu te amo.

Eu o abracei forte.

—Eu também te amo, Zafir.

Abraçada a ele, me lamentei: —Essa semana demorará a passar. Não vejo à hora de tudo estar resolvido e, ao mesmo tempo, me chega a dar um frio na barriga.

Ele me afastou para dizer:

—É isso que precisamos conversar. Jamile está confusa. Quando saímos para jantar percebi o quanto. Ela tem momentos que quer me conquistar e momentos de ódio. Eu não sei do que ela é capaz. Então, evite-a, como você tem feito. Essa semana, ficarei mais em casa. Os dias que eu for para o escritório, eu sairei mais tarde e chegarei mais cedo. Tentarei também, adiantar a data do conselho.

—Que bom, Zafir. —Dei-lhe um sorriso grato por seu cuidado.

Sua boca se prendeu na minha novamente. Uma mão me puxou pelo cabelo e outra o meu corpo e seus lábios se moveram sobre os meus como se me ensinassem uma dança sensual.

No domingo, eu e Zafir passamos o dia inteiro juntos. Quando tudo se tornava difícil e complicado, as pessoas sempre imolam a verdade, ocultando-a ou modificando-a.

Não tínhamos mais motivos para isso. Zafir estava deixando claro que o casamento acabou. Como se até se rebelasse contra os costumes.

Jamile apostava que com o conselho, os homens mais velhos da família pegariam pesado. Zafir era muçulmano praticante. Ela sabia disso e apostava na força da religião que ele seguia para enfraquecer sua rebeldia. E talvez apostasse também que eu me sentiria mal pela pressão em cima de mim e dele. Achando que eu ficaria com o rabo entre as pernas, e cedendo o fizesse seguir os costumes por causa da reprimenda.

Segunda feira chegou e Zafir foi trabalhar, eu tomei só um suco no café da manhã, passei muito mal vomitando. Depois fiquei no quarto até à hora do almoço, que era a hora que Zafir voltaria do trabalho. Quando ele chegou, fomos juntos até a sala de jantar. Jamile nessa hora gritava com uma das empregadas.

—Perdão senhora, mas estava quente, é que esfriou.

—Aqui você não fala, só cumpre ordens. Acordou pensando que é gente? Leve e es quente esse prato! Vamos!

As palavras ferinas dela me fizeram mal. Era nítido que ela estava de mal humor. Zafir apertou minha cintura, para me encorajar a enfrentá-la. Quando os olhos negros, como a sua alma, deram em nós, ela sorriu friamente.

—Não sabia que estava em casa, habibi. —Ela disse saindo do seu lugar na cabeceira e ocupando outro lugar.

Como ela conseguia agir normalmente?

Allah!

Era claro que ela estava apostando nesse conselho!

Como ela conseguia viver assim?

Zafir afastou a cadeira para eu sentar na outra extremidade da mesa, longe e de frente a ela.

—Os negócios estão indo bem, então estou ficando mais em casa. — Zafir disse cordato para ela.

Nessa atitude deles, percebi que esse tipo de comportamento entre os dois era algo natural. Como se eles vivessem assim desde que estavam juntos. Algo frio, cordato, talvez mais quente na hora do sexo. Só de pensar nisso me revirou o estômago.

Ela me olhou.

—Cuidado! Você já ouviu dizer que sorte nos negócios, azar no amor?

Eu senti uma bola na garganta, mas mesmo assim me servi de salada e a carne que a empregada tinha acabado de colocar na mesa, junto com o prato extra de Zafir.

Zamira surgiu em seguida na sala.

—Zaida me disse que a carne estava fria?

—Sim. Ela sabe que eu gosto de tudo pelando. —Agora ela disse compassiva.

Zamira fez uma reverência.

—Não irá mais se repetir senhora.

Zafir olhava tudo com uma carranca. Ele esperou Zamira sair da sala e fitou Jamile.

—Você sabe que detesto que trate assim os empregados.

Ela se serviu de arroz com ervas.

—E você sabe minha opinião à respeito. Se eu não fizer isso elas me fazem de camelo.

Allah! Não devia ser fácil conviver com Jamile. Às vezes me pergunto, como Zafir conseguiu por tanto tempo?

O telefone tocou. Na casa era assim, quando o telefone tocava ninguém atendia. Essa era a tarefa dos empregados.

Zamira entrou na sala com o telefone sem fio.

—É seu tio, senhora Khadija. O senhor Abdala.

No mínimo ele estava preocupado com o conselho. Com medo que sua omissão em relação a primeira esposa pudesse ter atrapalhado meu casamento.

Agora estava com medo de eu ser devolvida.

Eu encarei Zafir sem saber se o atendia ou não: —Diga para todos que liguem que, só nos falaremos no conselho. Antes disso, não! —Zafir disse alto e em bom som.

—O fogo nasce de novo quando se mexe na brasa, o abelheiro sai quando se mexe no enxame. Eles estão preocupados Khadija. Não está preocupada em ser malvista no conselho como a mulher que é contra o Islã?

—Chega! —Zafir bateu na mesa e tudo vibrou, copos, talheres pratos. Ele respirava pesadamente.

Jamile me queimou com os olhos antes de voltar sua atenção para o prato, disse de cabeça baixa: —Perdoe-me Habibi. Mas desde que essa mulher entrou aqui ela fez minha vida um inferno. Sua falta de interesse comigo me afeta profundamente. — Ela chorou.

Zafir exalou.

—Você não está confiante no conselho? Então, espere.

Ela o olhou com os olhos marejados de lágrimas.

—Você pensa que poderá mudar a cabeça deles? Regras são regras Zafir!

—Sim, e pelo visto você não respeita mais a regra de não nos falarmos na hora da comida?

—Respeito sim. É que essa casa está de pernas para o ar, por que eu devo respeitar as regras? Você não as respeita!

Zafir a olhou calmamente e se serviu de carne.

—Bem, já que estamos nos falando agora, então, quero comunicar que meu tio Mustafá já chegou em Londres e está hospedado na casa de meu pai, então eu consegui mudar a data do conselho para a amanhã.

Jamile sorriu.

—Amanhã?

Zafir assentiu para ela com a expressão séria: —Sim, amanhã. Hoje, terei um jantar de negócios. Eu e Khadija chegaremos tarde.

Eu encarei Zafir surpresa, voltei meus olhos para Jamile.

—Aproveita. Isso irá acabar. Logo todo o nosso tempo com Zafir será dividido como manda o Islã.

—Depois de três anos te convidando para jantares de negócios e suas negativas, de repente você quer ir?

—Sim, habibi. Estou disposta a consertar esse casamento.

Zafir a fitou demoradamente e balançou a cabeça.

—Por favor, agora vamos comer. Khadija, coma!

O almoço se arrastou. Quando finalizamos, Zafir se levantou e me ajudou com a cadeira.

No quarto, depois de ele fechar a porta, eu perguntei: —Que jantar é esse?

—Não existe jantar nenhum. Iremos a um recital. Precisamos sair um pouco. Espairar. E tenho meus motivos para isso também.

—Quais?

—Você saberá.

A grande sala circular estava lotada. Fomos até os camarotes vermelhos e dourados, que eram como gabinetes particulares. Lá embaixo, as pessoas instalavam-se e algumas conversavam uma com as outras em sinal de reconhecimento. Todos estavam muito elegantes. No teto, um lustre imenso. Era minha primeira vez num teatro para assistir um recital. Até aquele momento só tinha assistido pela televisão.

A orquestra se instalara sob aplausos. Apareceu então uma mulher vestida de preto e se posicionara de frente ao palco. O rosto da mulher se projetou para a plateia. O maestro ergueu as mãos.

Silêncio.

As luzes se apagaram. Meu coração disparou quando a música árabe Salam al huriya começou. Os sons dos violinos eram magníficos, aquele tipo de emoção que sai de você sem perceber.

Allah!

A música era linda e ao mesmo tempo trágica. Como uma tempestade de areia, enfurecida e que depois se acalmava.

Senti os olhos de Zafir em mim. Eu o fitei emocionada e sorri de leve para ele, agradecida por ele ter me levado num lugar tão mágico e tão belo. Voltei meus olhos para o palco.

A soprano começou a cantar com grande beleza e infinita alegria e eu me senti leve por isso. Não consegui conter as lágrimas dos meus olhos, ainda fascinada pela música do meu povo.

Quando a música terminou as palmas explodiram.

No segundo ato as luzes da orquestra foram apagadas e apenas o palco foi iluminado. Homens de preto com faixas vermelhas surgiram batendo palmas. Era o flamenco árabe se iniciando. Um homem com apenas um violão foi até o microfone e se uniu-se a uma outra cantora que entrou vestida de vermelho. Eram uma dupla de gêmeos turcos a belíssima Öykü e Berk Gürman, voz e violão, sedutores a língua estranha, que fascina nos versos quase a chorar, um misto de melancolia e festa. A alma do oriente, do outro lado do Bósforo que pouco sabemos e conhecemos e nos convidava a viver outras experiências. Descobertas que engrandecem o coração e conseguiam abrir nossas mentes para outras culturas, cheia de sons, sentidos e amor, fora da zona “ideológica” dos ocidentais. Uma Espanha que respira o passado Árabe, uma Turquia que nos mostra seus versos e vozes. Este é o

nosso mundo...

Quando a música terminou, eles agradeceram e deixaram o palco. Logo todas as luzes se apagaram e somente o som de um único violino começou a tocar. Era Hanine com a música Nostalgia. Meus olhos imediatamente voaram em Zafir, ele sabia que eu dançava suas músicas. Ele me deu um sorriso lindo. Aliás, ele estava todo lindo dentro daquele Smoking. Sorri para ele feliz e voltei meus olhos para o palco.

Quando o espetáculo acabou a plateia pôs-se de pé para aplaudir por um longo tempo. O suficiente para que eu pudesse me recompor.

Feliz, fitei Zafir. Sorri para ele agradecida por essa noite tão especial.

PERIGOSAS



NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 12

Dia do conselho...

Eu quase não dormi a noite. Percebi Zafir agitado também. Ele se levantou muitas vezes da cama. O semblante dele era de um encarcerado. Eu me sentia como ele. Não era fácil assistir à queda de Jamile. Eu não queria estar na pele dela nessa hora.

Antes das oito horas da manhã estávamos já em pé para receber nossos familiares, homens e suas esposas, das três famílias envolvidas, a minha, de Zafir e de Jamile.

Para tudo ficar mais trágico, Zafir vestiu uma roupa típica árabe, o Dishdasha. Ele me olhou com a expressão carregada, estava tenso.

—Vista algo bem sóbrio.

Eu nem consegui ouvir ele direito e corri para o banheiro, e vomitei. A mistura do meu nervosismo e a gravidez contribuíram para isso. Zafir se agachou ao meu lado.

—Se eu pudesse te pouparia de tudo isso.

Eu limpei minha boca. Dei descarga e fechando a tampa, me sentei no vaso sanitário.

—Eu sei.

Ele respirou fundo.

—Fique no quarto, preciso ver uma coisa.

Me levantei e agarrada à mão dele, fomos até a nossa cama.

—É cedo ainda. Eles só chegarão mais tarde. Onde você vai?

—Khadija, fica quietinha. Eu preciso dar uma volta, esse quarto está me sufocando, e também vou ver algumas coisas. Hoje, não me faça perguntas.

Quando ele saiu do quarto, não consegui ficar deitada. Tirei um vestido preto sóbrio do meu closet. Lembrava um pouco minhas velhas roupas. Vesti, com o coração apertado. Eu estava triste com tudo isso.

Jamile não valia o prato que comia. Eu queria poder dizer "que se dane! " Mas não conseguia. Naquele momento, grande parte de mim não

desejava em nada ver o que ia lhe acontecer quando todos soubessem que ela traía Zafir. Isso aos olhos árabes, numa sociedade tão machista era ficar marcada para sempre.

Allah!

Me olhei no espelho, eu estava pálida. Triste. Era contra a minha natureza assistir o que ia acontecer, por mais que eu detestasse Jamile. Claro que Zafir queria desmascará-la. Era o sangue árabe falando mais alto.

Mas e eu? Não seria melhor ela refazer sua vida? Sem ser marcada para sempre?

Eu conhecia bem minha raça. Quem olha de fora, os ocidentais ou de qualquer outra cultura, não entenderiam o que o adultério representa.

Eu precisava falar com ela! Abri os seus olhos. Ela precisava pedir o divórcio. Seria uma última tentativa.

Me deitei na cama, pois não estava me sentindo bem. Zafir entrou no quarto. Seu semblante estava muito carregado.

—Zafir, o que foi?

—Nada!

Eu me levantei da cama, as pernas tremulas.

—Zafir, como nada?

Ele disse irritado:

—Por que te falar melhoraria algo?

Não era um argumento ruim. Eu assenti para ele. Ele examinou meu vestido.

—Estou bem?

—Está ótima!

Ele se afastou, segui Zafir até o banheiro. Ele fez xixi e depois lavou as mãos.

—Zafir, não estou certa de que é uma boa solução desmascarar Jamile. — Disse eu, cuidadosa.

Zafir pegou uma toalha, começou a secar as mãos. Se aproximou de mim com ira nos olhos.

— Nunca é — Disse e saiu do banheiro.

Eu engoli em seco.

— Zafir, chame-a. Mostre para ela. Você também está se sentindo péssimo com isso. Você mesmo se envergonha que ela tenha te traído bem debaixo do seu nariz.

Allah! Mexi na ferida.

Ele se aproximou de mim, como um leão enfurecido.

— Mas eu tenho imagens dos dois de ontem na cama. Esta é a parte difícil. Como deixar isso passar em branco?

Allah! Assim ficava difícil.

Ele saiu do quarto e caminhou sem me esperar, eu fiquei olhando para a porta, totalmente sozinha.

Mãos atadas...Era assim que eu me sentia.

Respirei fundo e sai do quarto. Antes de alcançar a sala, no corredor, vi um casal de velhos sentados no sofá. A figura frágil da senhora usando um véu toda de preto ao lado de um senhor grisalhos carrancudo, me fez estremecer. A empregada agora os servia um café árabe.

Allah! Eram os pais de Jamile.

A percepção da gravidade das coisas, e que os pais dela seguiam os princípios ao pé da letra, me fizeram parar por um instante. Dei alguns passos incertos à frente até eu surgir na sala. Parei quando eles me viram. Eles, então, me mediram dos pés à cabeça, quando os olhos negros do senhor se fixaram no meu rosto, seu semblante mudou, ficou mais austero que estava. A mulher então, me olhava com ódio nos olhos.

Allah! A verdade terrível era que se a situação fosse diferente, eu seria condenada por eles como a mulher que chegou para destruir o casamento de Zafir com a filha deles. Eu seria encurralada por acusações, por isso Jamile estava tão confiante.

—Sabah el-kheir (Bom dia) ahlan. Bem-vindos. Salaam Aleikum. (Que a paz esteja sobre vós).

Eles não responderam ao cumprimento de imediato, só depois a boca do homem se mexeu.

—Alaikum As-Salaam.

Desviei meus olhos deles e com alívio vi Zafir vindo na minha direção. Só então percebi um grupo de pessoas na sala. Meu tio e minha tia conversando com o pai de Zafir e a mãe dele e mais ao longe um senhor bem

velho que era dono da casa que eu fiquei no Marrocos conversando com a Jamile sorridente, sem aquele costumeiro mal humor.

Detalhe: Todos os homens usavam as roupas típicas árabes, o Dishdasha.

Voltei meus olhos para o outro grupo novamente, meu tio quando me viu fez uma cara de culpado.

—Você está pálida. —Ouvi a voz de Zafir ao meu lado. Eu o encarei. Ele me olhava preocupado. —Vem habibi.

Me deixei ser conduzida por sua mão firme na minha cintura até um sofá na outra extremidade, conforme caminhávamos, ele me disse: —Como foi Jamile que pediu o conselho, ela falará primeiro, e você verá muitos olhares feios na sua direção. Será bom, para você não ter pena dela. Sentir que se não tivéssemos nada contra ela, o que você passaria e entender de uma vez por todas que ela pediu isso. Lhe dei a chance de pedir o divórcio com todos os benefícios e ela não aceitou e continuou a ter duas caras além de querer acabar com nossa felicidade...

Uma voz com sotaque se elevou atrás de nós, quando eu já me sentava no sofá: —Zafir, agora você não poderá ficar ao lado de Khadija e nem ter essa conversa particular. —Era a do tio de Zafir, por ser mais velho que todos os homens, com certeza ele lideraria a reunião.

Zafir o fitou imperturbável e disse alto e em bom som: —Ela está grávida, e não passa bem.

Vozes baixas de todos falando entre si tomaram conta da sala. Eu ergui meus olhos e de onde eu estava consegui ver todos os rostos: os pais de Zafir entre surpresos e felizes. Meu tio e minha tia exibiam um sorriso de orelha a orelha. O tio de Zafir olhava enigmático e a pior expressão era de Jamile e os pais dela, eles queriam me matar com seus olhos.

Zamira sorridente logo surgiu com um copo de água.

—Obrigada. —Disse pegando o copo e olhando com um meio sorriso para ela.

Bebi toda a água e lhe entreguei o copo vazio.

—Coma alguma coisa, todos tomaram café, você e Zafir foram os únicos que não comeram nada.

Do jeito que meu estômago revirava, eu não conseguiria comer nada.

—Não obrigada.

—Coma alguma coisa, habibi. —Zafir que estava ao lado de Zamira, insistiu preocupado.

—Não, obrigada.

Zafir assentiu para mim e perguntou: —Bem, como todos estão presentes, podemos começar o conselho?

—Claro. —Meu tio disse olhando para todos. —Será aqui?

Zafir negou com um aceno de cabeça.

—Não. Me acompanhem.

Zafir me deu a mão e juntos caminhamos para lá. Eu estava tão nervosa que se não fosse pelos braços fortes de Zafir me amparando, acho que eu não conseguiria andar.

—Bem providencial a gravidez. —Jamile soprou no meu ouvido. — Isso não muda e não te ajudará em nada.

Zafir ouviu também e virou o rosto para ela com um olhar matador. Ela, então, se afastou de nós.

Depois de caminarmos pelo extenso corredor, Zafir abriu a porta grande e que deu numa sala em forma de ferradura onde, qualquer lugar que sentássemos, não perderíamos as expressões de ninguém. Ela era linda. Ampla, confortável e cheirava móveis novos. Poltronas brancas e sofás brancos confortáveis. O carpete marrom era alto, tinha uma linda e grande mesa no centro e uma grande televisão, voltada para todos os lugares.

Meu coração se agitou, e eu passei a mão pela testa suada.

Allah! Bem providencial era essa sala!

Eu me sentei logo na ponta do sofá, ao meu lado sentou-se Zafir. Seu tio o fitou e acenou com a cabeça para ele com um não e apontou o sofá mais adiante. Zafir resignado se levantou e se sentou ao lado do seu tio no sofá que ele indicara e que ficaria de frente para todos. Os pais de Zafir sentaram-se ao lado dele e meus tios ao meu lado. Jamile e os pais dela na outra extremidade. A bruxa sentou-se bem na minha frente e me encarava com provocação.

—Salaam Aleikum. (Que a paz esteja sobre vós). —O tio de Zafir iniciou e meu coração se agitou mais um pouco.

—Alaikum As-Salaam. — Todos nós respondemos em coro, o meu saiu num murmúrio.

—Quem pediu a reunião? —Ele perguntou com o sotaque arrastado,

olhando para as partes interessadas, Zafir, eu e Jamile.

—Eu. —Ela disse e me olhou altiva, eu segurei os olhos dela nos meus.

—Muito bem. Qual é o motivo dessa reunião?

Jamile fungou.

—Vivemos um casamento feliz por três longos anos.

Zafir se manifestou.

—Eu não era feliz.

—Zafir! Deixe-a falar! As palavras são como as cebolas, quanto mais cascas se tira, mais significados se encontra. Você terá sua vez de falar!

Ela sorriu para o tio de Zafir e continuou: — Como sabem, não pude dar filhos a meu marido. Ficamos três anos juntos e nada, embora eu tenha me esforçado para isso. —Ela fez uma pausa e me olhou. —Surgiu-se a possibilidade da segunda esposa para que Zafir tivesse um herdeiro. —Ela chorou. —Eu concordei, me anulei para deixá-lo feliz.

Allah! Se anulou?

Essa mulher concordou pois não queria a inseminação artificial, onde ela poderia engravidar de gêmeos e ficar deformada. Essas foram suas palavras. Ela praticamente o jogou para a segunda esposa! E talvez isso até para não atrapalhar seu caso com seu amante!

A mãe dela a abraçou e lhe deu um lenço. Eu fitei Zafir que sorria debochado. O pai dele lhe deu um olhar de arrepiar os cabelos, com certeza para ele tirar aquele sorriso do rosto. Zafir assim o fez e olhou para mim com um olhar significativo. "Do tipo, ela não perde por esperar"

—Continue. —O tio de Zafir pediu.

Jamile se recuperou e olhou para mim.

—Então, eu abri meu coração para receber essa mulher, me esforcei para ser amiga dela, mas ela é ardilosa e aos poucos foi tirando Zafir de mim.

Todos os olhares se voltaram para mim nessa hora.

—Como ela fez isso? —O tio de Zafir perguntou com falas arrastadas. Com certeza com dó da moça.

—Zafir começou a me deixar de lado e os dias de revezamento com ele, não foram justos. Até em jantares ele a levou e me deixou em casa.

—Allah! Você nunca quis ir nesses jantares, meu pai está de prova!

—Zafir disse alterado e eu engoli em seco.

O tio dele se sentou na ponta do sofá e disse a ele num tom grave e bem severo: —Zafir, por Allah! Chegará sua hora de falar!

Zafir parecia estar possuído por um gênio ruim e disse debochado: — Coitadinha, tão sofredora.

O pai de Zafir quase teve um treco.

—Zafir, seu tio está falando! Não coloque a raiva acima da obediência a sua família.

Zafir não se intimidou:

Zafir ficou em pé e a fitou nos olhos e disse num tom de ameaça para ela: —Vocês falam assim pois não conhecem a víbora que eu criei na minha casa.

—Zafir. Agora chega! —O senhor Xarif disse severo.

O tio dele ficou em pé.

—Você está nos envergonhando Zafir. Os homens são protetores das mulheres, porque Deus dotou uns com mais força do que as outras, e pelo o seu sustento do seu pecúlio. Capítulo 4 Versículo 34 do livro sagrado. Agora sente-se!

Zafir se calou, embora bufasse como um touro enfurecido.

—Khadija, o que você tem a dizer com tal acusações. Confere isso que Jamile disse?

Eu senti a cor sumir do meu rosto e fitei Zafir que assentiu para eu dizer a verdade.

—Sim. —Eu disse firme.

Jamile sorriu vitoriosa para mim, a mãe e o pai dela me olharam com sangue nos olhos.

—Allah! Mas isso é grave demais. Zafir, então você realmente tem dado preferência a segunda esposa, deixando a outra de lado? Ó crentes! Afastem-se e às vossas famílias de um Fogo do Inferno cujo combustível são homens e pedras. —Ele citou o alcorão.

Os rostos de todos era de puro horror e não tinha um que não me olhasse com olhos recriminadores.

—Posso falar agora? —Zafir perguntou.

— Pode.

—Meu casamento há muito tempo se arrastou. Como um grande peso para mim. Eu e Jamile somos incompatíveis. Eu realmente um dia burlei as regras e fiquei com Khadija ao invés de ficar com ela. Quando ela me cobrou, eu me rebelei e a orientei a pedir o divórcio.

—Você está errado Zafir! Primeiro porque está fazendo distinção entre suas mulheres e segundo porque você está sendo um fraco. Se deixando levar por causa de uma mulher. Isso não é motivo para você acabar com seu casamento. Você não pode jogá-la ao vento pelo simples fato de gostar mais da outra.

—Eu não a joguei ao vento, meu tio. Eu lhe dei a chance de pedir o divórcio.

—Allah! Mas é a mesma coisa! E você Khadija? Uma mulher sábia edifica sua casa, você está agindo como uma tola. Seus tios não lhe ensinaram nada das escrituras sagradas? O que chegou a nós é que você é conhecedora do livro sagrado.

Jamile disse queixosa:

—Ela só sabe a parte que ela usa para benefício próprio! Ela chegou a jogar na minha cara que com esse filho eu seria a segunda esposa e que ela mandaria em tudo nessa casa!

Zafir se levantou como um leão e virou para Jamile.

—A primeira vez que me enganas a culpa será tua, a segunda vez que eu a deixar me enganar, a culpa será minha. Acabou! Eu te repudio, eu te repudio, eu te repudio.

Jamile perdeu a cor do rosto, todos olharam chocados pra Zafir. O divórcio tinha sido consumado na frente de todos com aquelas palavras ditas três vezes.

A cena ficou essa: A mãe de Jamile chorando, o pai dela o maldizendo, enfurecido. O senhor e a senhor Xarif olhavam-no aturdidos sem entender o porquê de tudo aquilo. O tio de Zafir clamando a Allah com as mãos para cima.

Jamile que se recuperou, levantou: —O que é isso tudo? A antessala do inferno? Não estão enxergando? Essa mulher é o próprio gênio do mal! Virou a cabeça dele. —Ela apontava para mim com olhos irados.

O pai de Zafir se levantou e disse com raiva: —Zafir, o que você está fazendo?

Zafir nem olhou para ele e disse alterado: —O que é isso? Isso sou eu, transparente. Todo mundo olha para mim e saca quem eu sou. Se eu for te atacar eu saio gritando com a espada em punho e você sabe que eu vou te atacar. —Ele fulminou Jamile. —Você não! É uma cobra educada. Pessoas como você são as piores, porque elas vêm silenciosamente, falando baixo, rindo para você. Você pensa que elas estão comendo na sua mão e quando você vê, elas estão te dando uma punhalada nas costas.

O tio de Zafir se levantou.

—Zafir! O que é isso! Essa acusação é muito séria. Você está falando que Jamile te trai?

—Eu não estou falando, eu estou afirmando!

A sala inteira ficou muda.

—Allah! O que essa odalisca andou falando de mim? —Jamile gritou.

—Não fala assim da minha sobrinha! —Meu tio até que enfim se manifestou.

—Confessa aqui na frente de todos que você me trai com o jardineiro.

Jamile olhava branca para Zafir, logo seus olhos se voltaram para mim flamejantes.

—O que andou falando para Zafir de mim?

O pai de Zafir o tocou no braço para ele se sentar dizendo: —Zafir o que é isso? Como pode acusá-la assim? Você sabe que precisa ter provas, de pelo menos duas testemunhas!

Zafir se negou a se sentar: —Jamile, confesse ou será pior para você.

—Eu não vou confessar nada! Isso tudo é coisa dessa mulher que inventa coisas a meu respeito!

Allah! Ela era fria e tinha um autocontrole de dar inveja a qualquer uma. Isso seria uma dádiva realmente se Zafir não tivesse provas cruciais contra ela. Eu meneei minha cabeça agora sem pena dela.

—Seu maldito! —O pai de Jamile avançou contra Zafir, o pai de Zafir o segurou.

—Zafir prove o que está dizendo! —Ele disse segurando o homem.

Zafir apertou os lábios e olhou ameaçador para Jamile.

—Você que pediu! —Disse pegando o controle remoto da mesinha de centro. Apertou o play.

Jamile se empertigou, percebi que suas mãos começaram a tremer.

A telona começou a mostrar cenas dela sorrindo e indo em direção ao jardineiro, e depois chegando mais perto, sinuosa, conversando. Tudo isso de costas e depois o beijo cinematográfico que demorou, eles então se viraram bem para a câmera, o sol no rosto dela não deixava dúvidas.

Meu coração ficou disparado com aquela cena e eu engoli em seco.

—Es saaa. Não sou eu. —Ela afirmou.

Todos que olhavam a telona voltaram-se para ela. Zafir riu —Não? — Zafir gargalhou e depois debochou. —Então é a irmã gêmea!

Todos ainda olhavam confusos para Jamile.

—Essa moça se parece comigo. Ela namora o jardineiro. Esse dia ela veio aqui e eu a deixei entrar. Eu nem usaria esse vestido preto horroroso. — Ela abraçou o pai. —Papai, fala para ele que eu não faria uma coisa dessas. É nítido que essa não sou eu.

Zafir gargalhou, todos voltaram seus olhos para ele.

—Não acredito que vocês estão acreditando nessa mulher mal caráter? —Zafir avançou nela dizendo. — Duas caras!

O pai de Zafir o segurou antes que ele lhe acertasse as faces. Jamile começou a chorar nos braços do pai, a mãe de Jamile balançava o corpo com os olhos fechados clamando com a mão para cima para Allah, falando em árabe o alcorão.

—Não sei. —O pai dela falou. —Nossa filha foi criada nos princípios, ela pode estar falando a verdade.

Era claro que ele sabia que era ela, mas a vergonha era tanta que ele não conseguia afirmar que aquilo tudo era verdade.

Zafir apertou os lábios.

—Você que pediu.

—Zafir, espere. —Jamile saiu dos braços do pai. —O que você irá fazer?

—Tem uma câmera no seu quarto. E aí? Ela usou seu quarto também? Essa a imagem ficou muito boa, pois fizeram sexo de luzes acesas.

—Não! Pare! Tudo bem! Eu confesso! —Ela disse chorosa. —Mas eu nunca tive seu amor por isso eu procurei fora.

Ohhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh! Foi o coro.

O pai dela caiu sentado no sofá. A mãe dela só chorava. Todos olhavam Zafir boquiaberto.

—Você pensou que estava acima do bem e do mal, Jamile. Khadija te tentou avisar, para que pedisse o divórcio e te contar das filmagens, mas você a enxotou e se negou a ouvi-la. Se pedisse o divórcio nada disso teria acontecido e eu te deixaria bem.

Ela se ajoelhou aos pés de Zafir.

— Zafir, não faça isso comigo!

Ah! Que disparate! O que ela esperava dela nessa altura do campeonato?

—Não faça isso? Depois de tudo ainda espera algo de mim? As pessoas entram em nossa vida por acaso, mas não é por acaso que elas permanecem.

O pai de Jamile a pegou do chão e disse irritado: —Allah! Você merece cem chibatadas e está aí, pedindo ainda benevolência de Xarif? Allah! Vamos! Acabou! Não percebe? E você será mandada para o Marrocos, viverá com sua tia e seu tio. Lá terá que andar na linha! —Ele então olhou para Zafir e fez uma mesura. —Quero pedir perdão pelo haraam cometido por minha filha, estamos extremamente envergonhados.

Zafir assentiu com um gesto de cabeça. Jamile enxugou as lágrimas.

—Posso levar os presentes que você me deu? Meus vestidos, minhas joias?

Vi quando Zafir olhou com desprezo para o enorme diamante que brilhava em seu dedo. Uma joia entre tantas que ele tinha lhe dado. Seu rosto se transformou numa carranca.

—Allah! —O pai dela exclamou vermelho, não acreditando que depois de tudo, ela ainda tinha coragem de lhe pedir as joias.

Ele, então, começou a empurrá-la para a porta. A mãe dela saiu envergonhada, quase tropeçou no tapete. Tive penas deles.

—Vamos! —Ele dizia forçando Jamile que ainda resistia olhando para trás implorando com os olhos para Zafir ceder.

Zafir parecia um príncipe do deserto impiedoso, seus olhos negros como duas pedras fitando Jamile. Quando ela estava para sumir da sala, ele depois de respirar fundo, disse alto: —Espere!

O pai dela parou de arrastar uma Jamile chorosa e humilhada.

—Pode levar tudo, não me fará falta. Mas espero que um dia aprenda o valor das pessoas e não o preço delas.

Ela assentiu para ele triste. Zafir então procurou meus olhos. Não vi neles um sorriso de triunfo em tudo isso. A cena realmente fora muito deplorável para sentir alegria, mesmo sabendo que agora nada nos impediria de viver uma vida sem restrições juntos. Pensei num verso de fé, quando no mundo encontramos obstáculos: *"Não deixes a tristeza estiolar a alegria do coração, nem o peso da aflição desgastar a tua estação de felicidade. Ninguém conhece o que o futuro esconde..."* The Ruba'iyat of Omar Khayyam.

Todos estavam em silêncio, horrorizados com os últimos acontecimentos. O tio de Zafir, então, depois de limpar a garganta disse: — Nunca tivemos uma situação assim em nossa família! Já tivemos entre os piores casos aqueles em que a garota só foi tomada, usadas e descartada, onde as promessas foram apenas para chegar a um "casamento halal" (halal-onde a intenção nunca foi de estabelecer uma família) —Onde o casamento serviu somente para apaziguar a consciência deles, para não se sentirem culpados de ter relações ilícitas, porém rejeitando a verdadeira importância do matrimônio, assim ignoraram o quão é abominado o divórcio para Allah. Tão claramente retratado no hadith: quando o Profeta disse: "O mais detestável do lícito perante Allah é o divórcio" [Citado por Abu Daud]. Isso nos indica que o divórcio não é um brinquedo, por isso o Islã ordena que seja levado muito a sério o casamento, utilizando a separação somente em casos extremos e saibamos dominar esta ação em determinados momentos.

O tio dele respirou fundo.

—Perdoe-nos por pensarmos isso de você, Zafir. Glorificado seja Allah por tudo ser bem esclarecido e você tenha agido com motivos reais para isso.

Zafir então olhou para todos: —Desculpas aceitas meu tio.

—Quero pedir desculpas também para Khadija e seus familiares por julgá-la uma mulher ardilosa e vil.

Eu assenti para ele. Meu tio sorriu.

—Eu e minha esposa estamos felizes que tudo tenha sido resolvido.

O tio de Zafir disse então

—Bem, não preciso dizer que o conselho acabou.

—Não, não acabou. Tenho umas palavras para dizer a família de Khadija. —Zafir disse encarando-os com olhos de aço.

Meu tio ficou branco.

—Eles também devem um pedido de desculpas a Khadija por algumas questões passadas e mal explicadas e que eles sabem muito bem das quais eu me refiro, mas que vou me abster de expor aqui, pois isso é um assunto que pertence somente a mim e a Khadija.

Meu tio engolindo em seco me encarou: —Seu esposo está certo, eu e sua tia erramos. Nos perdoe.

—Eu os perdoo.

Zafir sorriu.

—Pronto! Agora sim, o conselho acabou.

Eu e Zafir ficamos com os olhos presos um no outro. Estávamos tão envolvidos naquela redoma de cumplicidade que nem reparamos direito a saída de todos da sala. Sentimentos estes, maior que nós mesmos.

—Está feliz? —Ele perguntou.

— Sim, claro. —Eu disse ofegante quando ele me puxou do sofá para seus braços.

— Eu te amo, Zafir youssef Xarif, mais do que você pode imaginar.

Ele me deu um beijo demorado quando nos afastamos eu baixeí por um tempo minha cabeça e o encarei novamente.

—Allah! Como é bom saber que de mim pode sair esse sentimento maravilhoso. O amor é uma droga potente, ele te vicia na pessoa amada. É um sentimento lindo. Inestimável Incrível. Passei tantos anos tentando me entender, tentando mudar o homem que eu costumava ser, que já não sabia mais quem eu era. De repente, eu encontrei você. E esse amor fluiu dentro de mim tão naturalmente, nada forçado. Hoje enxergo que, com Jamile, eu me esforçava o tempo todo para agradá-la, mas era tão falso, tão irreal.

Eu me derreti.

—Zafir...

Seus lábios logo encontraram os meus ansiosos pelos dele. Lábios quentes, maravilhosos, que se moviam sobre os meus com ânsia.

Quando nos afastamos, eu disse: —Precisamos ir. Nossas famílias não
NACIONAIS-ACHERON

vão embora tão cedo, pelo que eu os conheço.

Ele me puxou para um beijo intenso novamente, quando nos afastamos sorrimos com cumplicidade um para o outro.

Seis meses depois...

Dei uma checada rápida na minha aparência no espelho do banheiro, peguei a escova de cabelos e os escovei até ficarem brilhantes. Zafir apareceu no reflexo dele sorrindo. Me abraçando por trás colocou a mão na minha barriga.

—Você está cada dia mais bonita. Radiante.

Eu me virei para ele.

—É a felicidade.

Ele me beijou e foi o suficiente para logo nossas bocas se procurassem famintas. Como era bom tê-lo assim, só para mim. Sem recriminações, sem lutas...A felicidade que eu sentia era tanta, que parecia não caber dentro de mim.

—Vamos? Papai e mamãe já devem ter chegado.

—Seu pai ficará alucinado por saber que é estou esperando gêmeos. Quem diria, para quem não tinha filhos. Dois? Um menino e uma menina. Para não brigarmos na preferência dos sexos. Embora eu saiba que vocês preferem menino.

Ele sorriu.

—Quem disse que eu prefiro menino?

Eu o fitei surpresa.

—Não?

—Sabia que menina é mais chegada ao pai? Eu adoraria ter uma princesinha atrás de mim, louca para eu contar histórias.

Eu ri mais ainda.

—Você? Contando histórias?

—Como acha que fui criado? Eu nunca te disse, mas a única coisa que me fazia ficar quieto era uma boa história.

Eu o abracei e o beijei por todo rosto.

—Zafir, você é uma caixinha de surpresa.

—Surpresas boas?

Eu dei um suspiro.

—Ótimas.

PERIGOSAS



NACIONAIS-ACHERON

Epílogo

Um ano depois...

Jamile

Triste, cansada e acalorada, me sentei no banco. Fitei o pátio, a simetria dominava tudo. Rodeado por uma galeria de arcos, sustentado por quatro colunas em cada um dos cantos. Azulejos azuis e brancos reproduziam como um espelho os desenhos da fonte que ficava no meio dele.

Enxuguei minhas lágrimas....

Sequências indesejadas de fatos me levarão a muitos erros. Estava no meu sangue ser conquistada e venerada. Jamais passou pela minha cabeça que eu teria que conquistar o amor do meu marido. Ryan fez aquilo que eu esperava de Zafir, me olhou com paixão, me desejou. Agora tentava alcançar um estado de ânimo humilde e aceitar meu destino. Aprendi que a transgressão só leva ao arrependimento e à infelicidade. Passei o limite, fui atrás do proibido por ser orgulhosa.

Burra!

—Jamile! Por que está sentada aí? —Minha tia rabugenta disse no árabe. —Vamos! Quero esse pátio todo limpo! Respeite a autoridade nesta casa!

Eu me levantei e peguei a vassoura.

—Sim senhora! Depois posso caminhar na Medina?

—Quando limpar o pátio, os banheiros, pode! Mas não sei se dará tempo, se escurecer, seu tio não deixará você sair.

Eu assenti para ela com raiva do meu destino. Meu tio regia a casa com vara de ferro. Na opinião de tio Ali, qualquer pessoa que violasse as regras dele, ficava estigmatizada para sempre; ele me recordaria dessa desobediência durante muitos anos.

Allah! Joias? Roupas?

As roupas estavam tudo lá, guardadas em caixas. As joias, meu pai as tomou para si, disse que era para eu não fazer nenhuma loucura com elas. Que me daria só depois que eu casasse novamente. Isso se eu me casasse.

Respirei fundo e olhei minhas mãos cheias de calos. Quem te viu e quem te vê! Suspirei. Ao menos trabalhando eu gozava de paz gerada pelo silêncio. Era para mim um privilégio luxuoso. Era quando eu estava livre do meu tio, que me vinha com regras e mais regras que vinham juntas com a leitura do livro sagrado. As atitudes erradas que tomei a um ano atrás gerou consequências. A venda da impunidade foi tirada dos meus olhos, agora estava difícil ver a minha nova realidade. E a luz no fim do túnel eu ainda não enxergava, mas me esforçava para vê-la, tentando manter minha calma, a minha paz de espírito e uma sabedoria que nunca tive.

Meu tio me dizia que eu merecia um homem para me domar. Zafir poderia ter feito isso, mas ele não me amou o suficiente para isso. Hoje entendo que vivi com ele numa época que os negócios não estavam bem, onde as cobranças eram grandes. Foi uma somatória de coisas que nos levou a nos afastarmos....

O futuro me reservaria algo bom? Haveria para mim uma luz no fim do túnel?

—Jamile.

Eu me virei para o meu tio.

—Sim, meu tio.

—Receberemos um convidado importante, ele está de passagem pelo Marrocos. Ficará hospedado no quarto de hóspedes. Limpe e arrume-o. Ah, use o lenço quando ele estiver aqui. Ele é muito tradicional. Evite olhá-lo nos olhos. Tenha uma posição serviçal.

Revoltou-me ter que usar o lenço na casa, mas eu não era livre. Estava presa naquela arapuca. Eu, como de costume, assenti fazendo uma reverência para ele.

—Sim, Sid.

—Você ainda tem jeito, Jamile. Vou te moldar como um vaso de barro. No começo vai doer, mas depois você será um vaso bonito e de honra na minha casa.

—Sim, Sid. —Disse com a cabeça baixa.

Quando ele se virou, funguei alto. Ele se virou para mim e me deu um olhar duro.

—Eu ouvi!

Eu abri minha boca e fechei. Sorri sem graça para ele, que não sorriu

NACIONAIS-ACHERON

para mim. Os minutos passaram até que eu desviasse meus olhos dos dele e voltasse a varrer o pátio interno.

Khadija

Entrei no quarto dos bebês quando ouvi Rashid chorando.

—Pode deixar. —Disse para a babá e estendi os braços para ele. Yasmim dormia profundamente no outro. — Vem com a mamãe. Está com fome?

—Khadija. —Zamira me chamou. —Você pediu para eu avisá-la quando Zafir chegasse.

—Ah, obrigada Zamira. Onde ele está?

—Está conversando com o jardineiro.

—Obrigada.

Desde que Zafir tinha mandado embora o Boneco Ken e contratado outro homem para fazer o serviço, ele assumiu a responsabilidade de verificar o serviço e pagá-lo. Eu não achava isso falta de confiança, mas um cuidado comigo. Zafir sabia que meu coração era dele.

Eu me sentei na poltrona do quarto com Rashid no meu colo. Puxei a alça do meu vestido para baixo e descobri meus seios, dei o peito ao meu lindo garotinho de cabelos castanhos iguais aos meus. Os de Yasmin não, eram negros, iguais a de Zafir. Ambos tinham olhos escuros, mas não chegavam a ser negros.

Eu sorri serena para Rashid que mamava faminto.

—Que fome!

—Linda! —Eu ergui meu rosto para Zafir.

—Oi. Chegou cedo.

Ele me olhou com olhos de amor. E depois fez sinal para a babá, uma senhora de meia-idade, deixar o quarto.

—A maternidade te fez muito bem.

—Uns quatro quilos a mais, mas tudo bem. —Eu disse pensando na minha barriguinha sinuosa.

—Continua linda para mim. —Ele disse sem pestanejar.

—Que bom.

Ele se inclinou e beijou meus lábios, e depois tocou com os dedos o rostinho do filho e sorriu com muita ternura. Nessa hora Yasmin começou a chorar. Zafir se ergueu e foi até o berço e com certeza colocou a chupetinha pois ela parou de chorar.

Ele então se virou para mim e disse baixinho.

—Não sei até quando ela vai ficar boazinha chupando isso. Allah! Não sei como você consegue!

—Sei que não tem sobrado muito tempo para nós. Mas eu gostaria de amamenta-los nos primeiros meses.

De repente meu estômago se apertou e a paz que senti a momentos fugiu. Me senti culpada. A nossa química na cama era muito grande e Zafir era muito ativo sexualmente e eu ultimamente andava tão cansada que só dormia com ele.

Zafir franziu as sobrancelhas.

—Allah! Não! Não! Não me referi a isso!

Eu desviei meus olhos e fitei Rashid.

—Eu sei que não, mas eu estou dizendo. —Eu expliquei.

Ele se agachou perto de mim e tocou meu queixo, me fazendo olhar para ele.

—Há momentos para tudo. Eu entendo esse momento. Te amo muito...te amo com essa barriga que te incomoda, te amo mesmo exercendo seu papel de mãe e continuarei te amando...

Passei os olhos por seu rosto másculo com aquela barba que eu adorava, seus lábios carnudos, seus olhos negros, seus ombros largos sob aquela camisa branca semiaberta no peito. Um arrepio percorreu o meu corpo, deixando um rastro de calor que senti no rosto. Minha respiração se agitou.

—Hoje eu te recompenso. —Eu disse com um sorriso travesso.

—Vou cobrar... —Ele disse beijando minha boca com a promessa de uma grande noite de amor em seus braços.

Bem, isso até a próxima mamada.

PERIGOSAS

FIM.

Continua...

NACIONAIS-ACHERON